



Lucas Fernandes de Miranda

Narrativas sobre a Guerra e a Nação em *Hijo de Hombre* e *Sangre de Mestizos*

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Marco Antonio Villela Pamplona

Rio de Janeiro
Agosto de 2018



Lucas Fernandes de Miranda

**Narrativas sobre a Guerra
e a Nação em *Hijo de Hombre* e *Sangre de Mestizos***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Marco Antonio Villela Pamplona
Orientador
Departamento de História - PUC-Rio

Profª Maria Elisa Noronha de Sá
Departamento de História - PUC-Rio

Prof. Fernando Luiz Vale Castro
Departamento de História - IFCS/UFRJ

Prof. Augusto César Pinheiro da Silva
Vice-Decano de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 2018

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador

Lucas Fernandes de Miranda

Graduou-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Bacharelado e Licenciatura, 2016). Tem como área de pesquisa a História Intelectual e seus interesses acadêmicos estão focados na Guerra do Chaco, na Bolívia e no Paraguai.

Ficha Catalográfica

Miranda, Lucas Fernandes de

Narrativas sobre a guerra e a nação em Hijo de Hombre e Sangre de Mestizos / Lucas Fernandes de Miranda ; orientador: Marco Antonio Villela Pamplona. – 2018.

148 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2018.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Nação e nacionalismo. 4. Guerra do Chaco. 5. Roa Bastos. 6. Augusto Céspedes. I. Pamplona, Marco Antonio Villela. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Dedico esse trabalho ao meu avô
Nelson Fernandes (in memoriam)

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Cláudio e Nilce, por todo apoio e amor. Eles são fundamentais em toda minha trajetória e meus maiores agradecimentos sempre serão para eles. A finalização desse trabalho e dessa etapa da minha vida é também dedicada a eles.

Ao meu irmão, Gabriel, pelo constante apoio. Nossa amizade e convivência diária são fundamentais para seguir em frente.

A todos meus familiares que torceram por mim durante essa jornada, em especial para minhas avós.

À Anna Paula, companheira ao longo dessa jornada. Dividimos as angústias e alegrias de se fazer mestrado. Todo meu amor para ela, sempre!

Aos muitos amigos que fiz ao longo da minha vida. Todos vocês são especiais.

Aos amigos de PUC Vitor Leandro de Souza e Matheus Topine por sempre estarem dispostos a me ajudar.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, fundamentais para a realização da pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de História da PUC.

Aos professores da PUC, por suas contribuições à minha formação profissional e pessoal.

Aos professores da graduação. Sem eles eu não teria chegado aqui.

Ao meu orientador, Marco Antonio Villela Pamplona. Sua paciência, apoio e constante incentivo foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Resumo

Miranda, Lucas Fernandes de; Pamplona, Marco Antonio Villela. **Narrativas sobre a Guerra e a Nação em *Hijo de Hombre* e *Sangre de Mestizos***. Rio de Janeiro, 2018. 148p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A Guerra do Chaco foi um conflito catastrófico para Bolívia e Paraguai em vários sentidos, tendo sido especialmente transformadora para a literatura dos dois países, já que durante o período que se lhe seguiu, uma nova geração de artistas, intelectuais e escritores, que tinham no conflito o seu principal referencial, teve sua produção artística marcada pelas transformações geradas, que criaram um período de grande instabilidade política e social tanto na Bolívia quanto no Paraguai. A pesquisa se propõe a compreender os projetos de nação elaborados através da crítica social e da representação de elementos contidos na literatura regional, em especial nas duas obras ficcionais que giram em torno desse evento histórico: *Hijo de Hombre* e *Sangre de Mestizos*, respectivamente escritos pelo paraguaio Augusto Roa Bastos e pelo boliviano Augusto Céspedes. O Chaco foi objeto de reflexão nas narrativas analisadas a partir de diversos aspectos, uma tela de projeção da nação, um protagonista na narrativa e talvez o símbolo maior das injustiças e opressão sofridas pela população. A Guerra no Chaco define as últimas fronteiras físicas de ambos os Estados-nacionais, e sobretudo as fronteiras imaginárias desses projetos de nação. Verificaremos alguns elementos fundamentais nas propostas apresentadas pelos autores que buscaram homogeneizar não apenas a nação que projetavam, mas também os seus sujeitos nacionais.

Palavras-chave

Nação e Nacionalismo; Guerra do Chaco; Roa Bastos; Augusto Céspedes.

Abstract

Miranda, Lucas Fernandes de; Pamplona, Marco Antonio Villela (Advisor). **Narratives on War and Nation in *Hijo de Hombre* and *Sangre de Mestizos***. Rio de Janeiro, 2018. 148p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The Chaco War was a catastrophic conflict for Bolivia and Paraguay in several senses, having been especially transformative for the literature of the two countries, since during the period that followed, a new generation of artists, intellectuals and writers, who had in the conflict its main reference, had its artistic production marked by the generated transformations that created a period of great political and social instability in both Bolivia and Paraguay. The research proposes to understand the projects of nation elaborated through the social criticism and the representation of elements contained in the regional literature, especially in the two fictional works that revolve around this historical event: *Hijo de Hombre* and *Sangre de Mestizos*, respectively written by paraguayan Augusto Roa Bastos and the bolivian Augusto Céspedes. The Chaco was object of reflection in the narratives analyzed from various aspects, a projection screen of the nation, a protagonist in the narrative and perhaps the greater symbol of the injustices and oppression suffered by the population. The Chaco War defines the last physical borders of both Nation-states, and above all the imaginary frontiers of these nation projects. We will verify some fundamental elements in the proposals presented by the authors who sought to homogenize not only the nation they projected but also their national subjects.

Keywords

Nation and Nationalism; Chaco War; Roa Bastos; Augusto Céspedes.

Sumário

1. Introdução	9
2. Crítica Social, Natureza, Guerra e Nação em <i>Sangre de Mestizos</i>	16
2.1 Augusto Céspedes, o intelectual e seu livro	16
2.2 O <i>mestizo</i> enquanto sujeito da Guerra e da Nação	19
2.3 O boliviano enfrenta a natureza	32
2.4 Uma guerra sem justificativas	46
2.5 A transformação da nação pela guerra	56
3. Crítica Social, Natureza, Guerra e Nação em <i>Hijo de Hombre</i>	63
3.1 Augusto Roa Bastos, o intelectual e seu livro	63
3.2 Os sujeitos da Guerra, da Nação e da história paraguaia	67
3.3 O paraguaio enfrenta a natureza	76
3.4 Uma guerra sem justificativas	87
3.5 <i>Oyovalle guá</i>	100
4. Guerra e Nação em Augusto Céspedes e Augusto Roa Bastos	107
4.1 Intelectuais, a Guerra e a Nação	107
4.2 Guerra, território e nação	109
4.3 O incômodo de uma nação de cidadanias restringidas	119
4.4 Etnicidade	126
5. Conclusão	133
6. Referências bibliográficas	138
7. Anexos	147

Introdução

As narrativas sobre as guerras tiveram e têm grande importância na literatura moderna e clássica. No século XX, no período entre 1914 e 1945, chamado por Hobsbawm de “era das catástrofes”¹, as obras de literatura² que trataram desses conflitos bélicos foram especialmente importantes, não só pela quantidade de obras, autores e exemplares vendidos, mas pela maneira como expressaram os sentimentos, as dúvidas, o trauma e a dor daqueles que vivenciaram tais momentos extremos da humanidade.

Dentro desse mesmo período, o continente latino-americano testemunhou a chamada Guerra do Chaco — maior guerra entre países da região no século XX. Um conflito catastrófico para Bolívia e Paraguai, essa guerra também foi especialmente transformadora para a literatura dos dois países³ já que durante o período que seguiu à Guerra do Chaco, uma nova geração de artistas, intelectuais e escritores, que tinham no conflito o seu principal referencial, teve sua produção artística marcada fortemente pelas transformações geradas nos anos de guerra e nos anos seguintes, causadoras de grande instabilidade política e social tanto na Bolívia quanto no Paraguai. Considerando sua relevância, nossa pesquisa se propõe a compreender os projetos de nação elaborados através da crítica social e da representação de alguns elementos contidos na literatura regional, em especial em duas obras ficcionais que giram em torno de tal evento histórico: *Hijo de Hombre* e *Sangre de Mestizos*, respectivamente escritos pelo paraguaio Augusto Roa Bastos e pelo boliviano Augusto Céspedes. Buscaremos, dentro deste objetivo geral, ponderar sobre o papel dos intelectuais e de suas narrativas na construção de projetos de nação; analisar como os autores das obras expressaram a violência da guerra, as dificuldades impostas pelo Chaco, e de que maneira as experiências vividas no Chaco afetaram suas escritas; relacionar as representações da guerra

¹ HOBBSBAWM, Eric J. *A Era dos Extremos*. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p.15.

² O termo literatura será tratado como uma referência à produção literária de cunho ficcional.

³ DE LEÓN, Olver G. *Literaturas ibéricas y latinoamericanas contemporaneas: una introducción*. Paris: Editions Ophrys, 1ª ed., 1981, p.282.

com a postura política e intelectual de seus autores em relação as causas e consequências do conflito; além de estabelecer paralelos e diferenças sobre duas realidades nacionais que compartilharam um mesmo evento.

Nossa pesquisa, tendo a Guerra do Chaco como cenário, se situará na área de História da América Contemporânea, e particularmente na História Intelectual, na qual nossos esforços se darão para uma análise histórica da literatura, considerada por nós como um importante elemento cultural. Acreditamos que nossa investigação possa trabalhar com uma literatura pouco utilizada pela pesquisa historiográfica no Brasil. Ressaltamos que o evento em si, a Guerra do Chaco, bem como os países envolvidos nela, possuem uma escassez de trabalhos voltados para essa ótica. Buscaremos, dessa maneira, dar a conhecer estes países por meio de sua produção literária, muito pouco conhecida no país, e também através de um melhor entendimento histórico das construções de projetos de nação alicerçados em um evento — e suas representações — tão importante para a História da Bolívia e do Paraguai como foi a Guerra do Chaco. Acreditamos que esses dois autores são capazes de trazer ao leitor um conhecimento maior sobre a situação social dos seus povos através da sua narrativa, nos colocando em uma posição de reflexão sobre a realidade não só de Paraguai e Bolívia como de outros povos e nações latino-americanas.

Os estudos brasileiros sobre a Guerra do Chaco são escassos e pouco têm considerado as implicações desta na literatura e na construção de projetos nacionais. Buscamos, portanto, principalmente na produção latino-americana, sendo ela investigação tanto de historiadores quanto de pesquisadores da área de literatura, o debate que nos ajuda a estabelecer os parâmetros de nossa pesquisa. Autores como Alex Salinas Arandia, Guido Arze, Facundo Gómez, Oswaldo Arana, Bridget Chesterton, Nadia Guevara-Ordóñez, Fabiola Díaz Guevara, Pedro Ramón Caballero, Javier Sanjinés, Leonardo Garcia Pabón, entre outros, são centrais para auxiliar em nossa análise, trabalhando aspectos históricos dessa literatura marcada pela guerra na Bolívia, no Paraguai ou em ambas as nações e na problemática sobre a construção da nação moderna em ambos os países.

Essa pesquisa será baseada na análise de fontes literárias, particularmente o romance *Hijo de Hombre*, do paraguaio Augusto Roa Bastos, lançado no ano de 1960, e o romance *Sangre de Mestizos*, do autor boliviano Augusto Céspedes, lançado em 1936, logo após o fim da Guerra do Chaco. Dessa maneira, nosso eixo

cronológico, apesar de focado na Guerra do Chaco, vai da data de publicação do livro de Céspedes (1936) até a data de publicação do livro do autor paraguaio (1960). O conhecimento das outras obras de ambos os autores será importante de modo mais geral para a análise aqui feita, porém, nosso foco específico para esse trabalho foram as duas obras escolhidas. Trataremos de privilegiar nos livros as informações que possam ser analisadas dentro dos nossos objetivos, como as representações da violência e os elementos constituintes dos respectivos projetos de nação⁴. Buscaremos examinar a trajetória de cada autor, o que nos permitirá fazer uma avaliação mais cuidadosa dos elementos que os levam a escrever tais obras e as críticas sociais presentes nas mesmas.

Examinaremos tais fontes acreditando no potencial da literatura como fonte para o historiador, já que ela é capaz de dar “acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam.”⁵ Dessa maneira seremos capazes de “ver a realidade de um outro tempo”⁶ e também de verificar os projetos dos autores no seu tempo. Sobre o uso da literatura como fonte para o fazer histórico concordamos com Gilberto Sena Júnior quando ele fala que:

Neste diversificado e complexo universo, a literatura acabou fixando-se como uma fonte altamente produtiva, pois permitiu aos pesquisadores da cultura – em geral – e aos historiadores – em especial – adentrarem em um universo amplo e repleto de significações/representações, pois com a incorporação deste tipo de artefato na produção historiográfica, passamos a considerar “novas maneiras de pensar a história” e questionar antigos padrões e verdades históricas pré-estabelecidas.⁷

Em nosso exame das fontes teremos como preocupação pensar a literatura enquanto testemunho histórico, que, apesar de possuir características específicas, também pode ser analisada e interrogada como outros tantos documentos passíveis de serem mobilizados pelo historiador.

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo

⁴ Com a riqueza das narrativas e a relevância dos detalhes para nossa análise, tornou-se difícil evitar as citações. Demos preferência, na maioria das vezes, por manter as palavras de Céspedes e de Roa Bastos afim de que o leitor pudesse ter a mesma impressão que tivemos ao lê-las.

⁵ PESAVENTO, Sandra J. História & Literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, n.6, 2006, p.51.

⁶ Ibid., p.53.

⁷ SENA JÚNIOR, Gilberto F. Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da História. *Anais do VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura*, Sergipe, out. 2010, p. 4.

histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico.⁸

De acordo com Valdeci Borges:

Resta ao historiador descobrir, ponderar e detalhar sobre as condições de sua produção, as intenções do autor, a forma como ele realiza sua representação e a relação que esta estabelece com o real, as interpretações ou leituras que suscita sua intervenção como autor, as características específicas da obra e do escritor, da escola em que este concebe seu texto e em que estilo, inserindo-os num processo histórico determinado, em um tempo e lugar.⁹

Devemos nos atentar para o fato de as percepções do social não são neutras, de forma que os discursos nessas obras literárias foram produzidos por pessoas em determinadas posições sociais, e que as representações literárias são também marcadas por “múltiplos, complexos e diferenciados interesses sociais”¹⁰. Será importante analisar para além das palavras, ou seja, deveremos buscar o significado daquelas representações, as figuras de linguagem mobilizadas, as aproximações com a realidade da época e buscar a maneira como cada autor intervém nos assuntos do seu tempo. Deu-se preferência pelo uso dos livros em suas línguas originais, para que não houvesse nenhum problema quanto à tradução.

Pensando no uso e na convergência entre literatura e história, iremos nos ater as concepções de Sandra Pesavento, que tem como uma de suas características a utilização do conceito de imaginário e de representação. De acordo com a autora:

Conceito amplo e discutido, o imaginário encontra a sua base de entendimento na ideia de representação. Neste ponto as diferentes posturas convergem: o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente.¹¹

⁸ BORGES, Valdeci R. História e Literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, Ano 1, n.3, jun. 2010, p.98.

⁹ Ibid., p.103-104.

¹⁰ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 16.

¹¹ PESAVENTO, Sandra J. op.cit., 2006, p. 7.

Dessa forma, através das representações, a literatura se torna “um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas”¹². De acordo com Pesavento, “representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença”¹³. Seu pensamento acerca do conceito de representação converge com o de Chartier, já que para ele a representação é um “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstruir em memória e de o figurar como ele é”¹⁴. A representação nos permite então “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”¹⁵

Pesavento explica que a literatura pode ser um documento para o historiador, mas a análise deve ser feita através da representação que ela comporta, “o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa”¹⁶. Apesar de serem distintos, literatura e história desejam representar as vivências dos seres humanos no tempo, dessa forma, “ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. [...] ambas são formas de representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história”¹⁷. A autora ainda diz que:

Neste contexto, entendemos que a história e a literatura apresentam caminhos diversos, mas convergentes, na construção de uma identidade, uma vez que se apresentam como representações do mundo social ou como práticas discursivas significativas que atuam com métodos e fins diferentes.¹⁸

O primeiro capítulo da dissertação estará voltado para a análise do livro *Sangre de Mestizos*, do escritor boliviano Augusto Céspedes. A introdução do capítulo servirá para explicitar nossa perspectiva teórica no que se refere ao conceito de nação moderna através de Anthony Smith e Benedict Anderson. Além disso, será na introdução que falaremos de modo geral e introdutório sobre o autor, seu livro e a geração literária a qual pertenceu. Nas partes que se seguem do capítulo

¹² Ibid., p. 17.

¹³ PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.40.

¹⁴ CHARTIER, Roger. op.cit., p. 20.

¹⁵ Ibid., p. 17-16.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra J. Relação entre História e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX). *Revista anos 90*. Porto Alegre, n.4, dez. 1995, p.117.

¹⁷ PESAVENTO, Sandra J. op.cit., 2003, p.81.

¹⁸ PESAVENTO, Sandra J. op.cit., 1995, p.116.

partiremos para uma discussão sobre a narrativa contida no livro, buscando nos ater na segunda parte sobre o papel dos *mestizos* nos contos de Céspedes, verificando neste segmento da dissertação a narrativa de Céspedes sobre o grupo privilegiado que formaria uma nova Bolívia e seu papel no conflito. Na terceira parte analisaremos a questão das dificuldades impostas pela natureza do Chaco aos homens bolivianos, focando no conflito do homem com o seu entorno físico. Na quarta parte do capítulo, buscaremos centrar nossa análise nas críticas sociais de Céspedes sobre a guerra, a violência, a política e a estratégia militar boliviana que levaram a Bolívia para um momento trágico. Aqui veremos os contos de Céspedes no seu aspecto de documento denunciante das realidades sociais bolivianas, cristalizando os conflitos sociais existentes no país. Na última parte do capítulo, iremos nos ater na narrativa de Céspedes sobre aquele que talvez seja o único lado positivo do conflito: a possibilidade da Guerra do Chaco ser um marco na transformação da nação boliviana.

Por sua vez, no segundo capítulo trataremos de analisar Hijo de Hombre do paraguaio Augusto Roa Bastos. Em um primeiro momento, assim como no capítulo anterior, falaremos sobre uma biografia básica do autor, sobre o livro analisado e sobre a geração literária da qual fez parte. Nos tópicos seguintes iremos analisar a narrativa em si, tendo a preocupação inicial de verificar a ideia de sujeito nacional paraguaio formulada por Roa Bastos, considerando suas principais características, especialmente culturais. Na terceira parte analisaremos as representações de natureza e geografia tanto do Chaco quanto do restante do Paraguai, tendo maior ênfase na primeira região. Assim como no primeiro capítulo estaremos atentos sobre de que maneira Roa Bastos representa essa relação entre paraguaios e a natureza. Na quarta parte do capítulo nos atentaremos para crítica social sobre o papel que cabe aos marginalizados da guerra e da nação e sobre as denúncias envolvendo aquelas que seriam as verdadeiras causas e os interesses na retaguarda de mais um terrível capítulo da trágica história do povo paraguaio. Na quinta subdivisão do capítulo encerraremos analisando como Roa Bastos percebe uma transformação da nação paraguaia graças aos acontecimentos da Guerra do Chaco, demonstrando que aquele acontecimento poderia e deveria marcar a necessidade em se pensar e construir uma outra nação.

No terceiro e último capítulo examinaremos a relação entre a nação e a Guerra do Chaco para os dois autores, estabelecendo semelhanças e principalmente

diferenças em duas realidades que estiveram envoltas em um mesmo acontecimento. Partiremos da análise de elementos que consideramos fundamentais nessa relação entre a nação e a guerra. Um desses elementos é o território, que será analisado enquanto conceito elementar no entendimento sobre a maneira que ambos os intelectuais imaginam a nação. Também buscaremos analisar o incômodo que a restrição da cidadania gerava nos escritores, que, por sua vez, projetavam uma nação que combatesse esses setores considerados antinacionais e que abarcasse o povo sem restrições quanto à cidadania. Essas noções serão fundamentais no entendimento da resignificação da nação que pretendiam cada um dos autores através de suas narrativas. Por último, considerando a importância da etnicidade na construção da nação, verificaremos de que maneira os autores tratam das origens da nação, das identidades raciais, da transcendentalidade e de outros componentes culturais e suas relevâncias na concepção de nação moderna paraguaia e boliviana para os respectivos escritores.

2

Crítica Social, Natureza, Guerra e Nação em *Sangre de Mestizos*

2.1

Augusto Céspedes, o intelectual e seu livro

*Te araron gritos y cañones,
florecieron tus rosas: las heridas,
maduraron tus frutos: las granadas,
¡oh jardín de suplicios! ...
Ya está acabado tu paisaje,
ya tienes esqueletos de soldados
bajo los esqueletos de tus árboles...
Ahora eres patria, Chaco,
de los muertos sumidos en tu vientre
en busca del alma que no existe en el fondo de tus pozos.*¹⁹

É através dessa poesia que o escritor boliviano Augusto Céspedes dá início a um de seus mais famosos livros e que nesta pesquisa será objeto de análise: *Sangre de Mestizos*. Logo acima pode ser visto uma das estrofes de *Terciana Muda*, que nos possibilita introduzir de que maneira a Guerra e o Chaco serão tratados pelo autor e seus significados, tanto para o próprio Céspedes como para muitos de seus compatriotas que tiveram participação na Guerra do Chaco.

Nascido em Cochabamba em 6 de fevereiro de 1904, Augusto Céspedes foi um dos maiores literatos bolivianos. Foi romancista, cronista e ensaísta, além de deputado e embaixador. Em 1924 se formou em direito na Universidade de San Andrés, mas a paixão pela escrita fez dele um jornalista. Durante a Guerra do Chaco esteve no front, primeiramente como correspondente de guerra para o jornal *El Universal*, um jornal protonacionalista de Armando Arce²⁰, formando parte de uma delegação convocada pelo governo boliviano para que registrasse o que se imaginou

¹⁹ CÉSPEDES, Augusto. “Terciana Muda”. In: *Sangre de Mestizos*. Barcelona: Editorial Juventud, 13ª ed., 1994 (c.1936), p.15.

²⁰ Importante jornalista boliviano, trabalhou em vários jornais até fundar o *El Universal*, um jornal de temática cultural, mas que também abarcava política boliviana e notícias sobre o mundo. Em 1936 fundou o jornal “La Calle”, onde Augusto Céspedes trabalharia a partir do mesmo ano. Foi também tenista, político e presidente do clube boliviano The Strongest. Faleceu em 1976 na cidade de Buenos Aires.

que seriam confrontos rápidos e de muito sucesso para o país.²¹ O que de fato Céspedes escreveu foi sobre o sofrimento dos soldados, a sede e a morte vivenciada no Chaco, o que fez com que o jornal fosse fechado algumas vezes pela repressão governamental. Os artigos que Céspedes escreveu foram recuperados por um pesquisador estadunidense nos anos 1970 e publicadas em um livro com o nome de *Crónicas Heroicas de una Guerra Estúpida*²². Em 1934 sua participação na guerra foi ainda mais intensa como suboficial do exército boliviano. Essa experiência no front iria moldar para sempre o pensamento de Céspedes, especialmente observável no primeiro livro que lançou, no ano de 1936. Após a Guerra se destacou em importantes jornais da cidade de La Paz, especialmente o *La Razón* e *La Calle*. Seus artigos apoiavam os princípios ideológicos do *Movimiento Nacionalista Revolucionario* (MNR), partido do qual foi um dos fundadores. Durante o governo de Gualberto Villarroel ocupou vários cargos: Deputado, Embaixador e Secretário Geral da Junta de Governo. Após a derrubada do governo se exilou na Argentina, onde permaneceu até a Revolução Boliviana de 1952. Foi lá que publicou um de seus mais famosos livros: *Metal del Diablo* (1946). Outras de suas principais obras foram *El dictador suicida* (1956), *El presidente colgado* (1966), *Trópico enamorado* (1968), *Salamanca o el metafísico del fracaso* (1973) e *Las queridas del tirano* (1984). Céspedes faleceu em 1998 na cidade de La Paz. A Guerra do Chaco e a crítica social sobre a História boliviana seriam dois dos grandes temas pelos quais Céspedes ficou conhecido na literatura boliviana.

Por ter sido um dos primeiros livros sobre a Guerra do Chaco, *Sangre de Mestizos* inaugura uma nova geração literária no país andino. A Guerra espalhou seu próprio gênero ficcional na Bolívia. A geração de 30, ou “geração do Chaco”, alcunha pelo qual foram conhecidos Augusto Céspedes, Óscar Cerruto, Augusto Gúzman, entre outros, marcou para sempre as letras do país. Nas palavras de José Velarde:

Tal fue el impacto emocional del conflicto que casi todos los grandes nombres de esa generación, amén de otros no tan grandes, empezaron escribiendo sobre ella o, por lo menos, le dedicaron sus mejores páginas. Augusto Céspedes publicó “Sangre de Mestizos”, Augusto Guzmán dio a la estampa “Prisionero de Guerra”, Luis Toro Ramallo se reveló con “Chaco”, Oscar Cerruto debutó con “Aluvión de Fuego”,

²¹ PIÑEIRO IÑÍGUEZ, Carlos. *Desde el corazón de América. El pensamiento boliviano en el siglo XX*. La Paz: Plural Editores, 2004.

²² CÉSPEDES, Augusto. *Crónicas Heroicas de una Guerra Estúpida*. La Paz: Editorial Juventud, 1975.

*Jesús Lara escribió “Repete” y Roberto Leytón firmó “La Punta de los Cuatro Degollados”.*²³

Dentre todas essas obras *Sangre de Mestizos* e *Prisionero de Guerra* se destacam, uma pela potência de sua prosa e pelo grande poder de observação, enquanto a segunda pelo estilo e a fluidez do relato²⁴. Em sua maioria as obras literárias dessa geração se fizeram em formato de contos ou romances e retomaram na literatura boliviana uma linguagem testemunhal²⁵. Tal linguagem se deveu ao próprio lugar dos autores enquanto ex-combatentes no Chaco, testemunhas de experiências, sem dúvida alguma, de grande impacto pessoal e enquanto intelectuais preocupados com o destino de seu país. A literatura dessa geração esteve atenta no desafio de conscientizar o leitor e não somente em interpretar a realidade social do país, mas, para além disso, buscar mudanças derivadas dessa interpretação, resolvendo a fragmentação nacional existente. O romance do Chaco, como nos indica Eileen Oliver, se tornou uma oportunidade para a própria definição nacional, bem como para a divulgação de uma crítica política e social intensas.²⁶ Eileen Oliver também informa que a posição ocupada pelos escritores mestiços, como eram esses da “geração do Chaco”, foi ambígua em um país com a maioria indígena. De acordo com ela, se por um lado o ato de escrever sempre teve um papel instrumental na manutenção do poder político, por outro a tradição oral permitiu que a identidade e história local se desenvolvesse²⁷. O papel do escritor mestiço estaria na ruptura entre esses dois, assimilando as realidades locais ou étnicas aos requisitos de identidade nacional ou supranacional. Esse papel será verificado adiante na pesquisa, principalmente tendo em vista a própria escrita de Céspedes.

Sangre de Mestizos é um livro de contos publicado pela primeira vez em Santiago do Chile pela editora *Ediciones Ercilla* no ano de 1936, poucos meses após o termino do conflito. Todos os oito contos, redigidos provavelmente no ano de 1935, giram em torno da temática da guerra, sendo o de título “*El Pozo*” o que

²³ VELARDE, José Fellmann. *Historia de la cultura boliviana: fundamentos socio-políticos*. Editorial Los Amigos del Libro, 1976, p.176.

²⁴ Ibid., p.176.

²⁵ WIETHÜCHTER, Blanca; PAZ-SOLDÁN, Alba María. *Hacia una historia crítica de la literatura en Bolivia: Hacia una geografía del imaginario*. La Paz: Fundación Pieb, 2002, Tomo I, p.68.

²⁶ OLIVER, Eileen. Chaco Literature. In: SMITH, Verity (Ed.). *Concise encyclopedia of Latin American Literature*. Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, 2014, p.67.

²⁷ Ibid., p.68.

alcançou mais fama no mundo literário, considerado por muitos um dos melhores escritos bolivianos. Essa obra possui uma dimensão testemunhal capaz de revelar a triste realidade do front, mostrando a experiência dos homens em guerra de uma maneira existencial e trágica²⁸, além de ter um caráter militante de forte crítica social, fazendo balanço sobre as mudanças da sociedade boliviana na época. Além do mais, *Sangre de Mestizos* trata, como já falado, de uma reflexão sobre a nação centrado na figura do mestiço — os protagonistas dos contos sempre são mestiços — que serviria ao projeto político que sustentaria a formação do já comentado *Movimiento Nacionalista Revolucionario*²⁹ (MNR), partido político fundado em 1942 por vários intelectuais, entre eles Augusto Céspedes³⁰.

Sangre de Mestizos deu uma nova valoração para um feito histórico que parecia estar condenado a ser um fracasso nacional, criando um novo projeto de nação que tinha muito a ver com as violências passadas no Chaco, especialmente pelas dificuldades naturais impostas pelo ambiente, com o novo papel do mestiço e com uma crítica social e política avassaladora, especialmente quanto as diferenças no seio daquela sociedade tão plural. Céspedes e sua escrita são frutos de um pensamento novo que estava surgindo e uma nova conformação política gerado pela trágica guerra, mas que englobava uma esperança de mudança projetada principalmente na crítica social e em uma nova conformação nacional centrada na figura do *mestizo*.

2.2

O *mestizo* enquanto sujeito da Guerra e da Nação

Para falarmos sobre um dos mais importantes aspectos considerados por Céspedes em sua narrativa e em sua concepção de nação, o *mestizo* enquanto sujeito

²⁸ Ibid., p.68.

²⁹ Vários movimentos e partidos nacionalistas e socialistas surgiram a partir do fim da Guerra do Chaco, dentre eles o mais importante foi o *Movimiento Nacionalista Revolucionario* (MNR), que conseguiu eleger Victor Paz Estenssoro nas eleições presidenciais de 1951. O então presidente Mamerto Urriolagoitia decretou um alto golpe quando decidiu sair do país, ignorando os resultados da eleição e entregando o governo a uma junta militar. Esse foi o estopim para a revolução. O MNR, junto às forças militares nacionalistas, tentou um contragolpe, rapidamente apoiado por rebeliões camponesas e mineiras. Em 9 de abril de 1952 o MNR chegava ao poder, tendo Estenssoro como novo presidente boliviano. Cf. PERICÁS, Luiz Bernardo. Processo e desenvolvimento da revolução boliviana. *Lutas Sociais*, v.3, 1997, p.109-119.

³⁰ As concepções de Céspedes sobre o papel do mestiço como novo sujeito nacional serão analisados mais pormenorizadamente ao longo do capítulo.

da guerra e da nação, é necessário conceituar a nação moderna e o nacionalismo. Analisaremos as ideias de dois dos mais importantes intelectuais do século XX que refletiram sobre a nação moderna e o nacionalismo: Benedict Anderson e Anthony Smith.

Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas* explica que a nacionalidade ou a condição nacional (*nation-ness*), assim como o nacionalismo, são produtos culturais específicos da modernidade e que, para poder entendê-los, devemos considerar suas origens históricas, de que maneira seus significados se transformaram ao longo do tempo, e por que dispõem, ainda hoje, de uma validade emocional tão intensa. De acordo com ele a nação moderna é definida da seguinte maneira: “uma comunidade política imaginada e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.”³¹ Para Anderson, o que difere uma nação da outra é o estilo em que são imaginadas³². Essa comunidade é imaginada pois é impossível que todos os membros se conheçam, é limitada pois possui fronteiras, é soberana pois nasceu em uma época em que o Iluminismo e a Revolução destruíam a legitimidade do reino dinástico de ordem divina, e é uma comunidade pois é concebida “como uma profunda camaradagem horizontal”.³³

Anderson inicia sua análise sobre as raízes culturais do nacionalismo pela morte. Ele aponta que o século XVII, na Europa ocidental, marca o início da era do nacionalismo e o fim dos modos de pensamentos religiosos.³⁴ A ideia de nação foi importante pois permitiu que houvesse uma transformação secular de fatalidade em continuidade e de contingência em significado. O autor explica que apesar dos Estados-nacionais serem uma coisa relativamente nova e histórica, a nação se mostra enquanto iniciada em um passado imemorial e que segue rumo a um futuro sem fim. Entre as estruturas culturais de referência incontestes estão o reino dinástico e a comunidade religiosa, no passado, e a nacionalidade atualmente. Para o surgimento das nações, mais do que perda de importância das comunidades religiosas e dos reinos dinásticos, duas formas de criação imaginária, surgidas na Europa durante o século XVIII, “proporcionaram meios técnicos para “re-

³¹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.32.

³² Ibid., p.33.

³³ Ibid., p.34.

³⁴ Ibid., p.38.

presentar” o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação”³⁵: o romance e o jornal.

A ideia de um organismo sociológico atravessando cronologicamente um tempo vazio e homogêneo é uma analogia exata da ideia de nação, que também é concebida como uma comunidade sólida percorrendo constantemente a história, seja em sentido ascendente ou descendente.³⁶

Anderson analisa a importância do jornal e do romance, explicando que a “ficção se infiltra continua e silenciosamente na realidade, criando aquela admirável confiança da comunidade no anonimato que constitui a marca registrada das nações modernas.”³⁷ Aqui ele esclarece que era necessário uma nova maneira de unir a fraternidade, o poder e o tempo, e que o capitalismo editorial teve um grande papel na busca dessa união, já que permitiu que pessoas pensassem sobre si mesmas e se relacionar com os outros indivíduos de formas radicalmente novas.

Como então se origina essa consciência nacional? De acordo com Anderson essa origem está ligada ao impulso vernacularizante do capitalismo, graças a mudança no caráter do latim; ao ímpeto da Reforma, que fez um grande uso, e soube fazer, do mercado editorial vernáculo; a difusão de determinados vernáculos como instrumentos de centralização administrativa por parte de alguns monarcas. Anderson explica que “a ascensão desses vernáculos à condição de línguas oficiais onde concorriam com o latim, contribuiu para o declínio da comunidade imaginada da cristandade.”³⁸ Essas línguas vernáculas impressas foram basilares para a consciência nacional de três diferentes formas: criaram campos uniformizados de comunicação e intercâmbio abaixo do latim e acima das línguas vernaculares orais; o capitalismo tipográfico aferiu uma nova fixidez à língua escrita, oferecendo mais acesso aos nossos ancestrais; e o capitalismo tipográfico cunhou línguas oficiais que eram diferentes dos vernáculos administrativos anteriores.³⁹

Para Anderson, essa obtenção de um estatuto diferenciado das línguas impressas foi em seu início inconsciente, mas que resultou na interação entre a tecnologia, o capitalismo e a diversidade linguística humana. Explica ainda que foi entre 1776 e 1838 que surgiram no ocidente um enorme conjunto de novas

³⁵ Ibid., p.56.

³⁶ Ibid., p.56.

³⁷ Ibid., p.68.

³⁸ Ibid., p.78.

³⁹ Ibid., p.78.

entidades políticas, autoconscientes como nação e como repúblicas.⁴⁰ A questão é que Anderson aproxima a nação e o nacionalismo da religião e do parentesco. Essa nação de Anderson é imaginada, mas não por isso deixa de fazer sentido, já que carrega em si um valor simbólico para os seus compatriotas, explora as possibilidades conferidas por um universo cultural e simbólico. Além disso, pensando em nossa própria análise:

Ao reforçar a importância da imaginação como fator de produção da realidade, Comunidades imaginadas tornou-se uma inspiração fundamental para investigações em ciências sociais e nas humanidades centradas na ideia de “representação” da nação como elemento da construção da realidade.⁴¹

Já para o teórico inglês Anthony Smith, existem origens pré-modernas nesse fenômeno que é a nação, e que as raízes étnicas comuns são fundamentais para conseguir interpretar tal conceito. Ele explica que núcleos étnicos pré-modernos serviram de base para as primeiras nações, sendo “sociologicamente fértil”⁴² enquanto modelo para a formação também de nações modernas em várias partes do mundo. Sua interpretação, levando em conta a nação como um depositário histórico de longo prazo, diminui o peso da ideia de nação enquanto comunidade inventada, em suas palavras: “A invenção deve ser entendida em seu outro sentido: é uma recombinação inédita de elementos já existentes”⁴³. Smith entende que as nações modernas só foram capazes de surgir graças a era industrial e da democracia. Ele, assim como Anderson, considera primordial o trabalho dos intelectuais na linguagem e simbolismo nacionalista e que essa socialização política necessário ao estabelecimento da nação se deu graças a educação pública de massas e aos sistemas de comunicação, juntamente com outros processos. Para Smith a concepção de uma identidade nacional não corresponde a algo estático, já que sempre está sendo reconstruído de acordo com as novas percepções, interesses e necessidades⁴⁴.

Smith traz à tona em sua análise a importância das cerimônias de rememoração, dos monumentos e a paisagem-território e a pátria na conceituação

⁴⁰ Ibid., p.83.

⁴¹ CURTO, Diogo; JERÓNIMO, Miguel; DOMINGOS, Nuno. Nações e nacionalismos (a teoria, a história, a moral). *Tempo social*, 2012, v.24, n.2, p.49.

⁴² SMITH, Anthony D. *A Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997, p.60.

⁴³ SMITH, Anthony. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, G (Org.) *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p.202.

⁴⁴ SMITH, Anthony D. et al. *Myths and Memories of the Nation*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.17.

de uma cartografia⁴⁵. Considerar a paisagem enquanto aspecto importante na concepção da nação será fundamental também em relação aos contos de Céspedes, que como veremos, entram nesse aspecto para falar da paisagem que pertence à nação e daquela que não pertence. Além disso, sua consideração quanto à importância das experiências de glória, mas principalmente das tragédias na história cultural de uma nação como inspiração para as ações coletivas, estarem em paralelo quanto a ideia de Céspedes sobre a tragédia do Chaco e as tantas outras tragédias vivenciadas pela nação boliviana como essenciais enquanto ponto comum para seus membros e para a consciência nacional. Smith aponta que:

A criação de uma identidade nacional se consegue a partir de sua própria riqueza cultural e tem o propósito de traçar continuidade entre os mortos, os vivos e os que ainda não nasceram. Este é um aspecto essencial para entender a importância da etnicidade como componente da identidade coletiva da nação.⁴⁶

Fazem parte da etnicidade todo um conjunto de características comuns para o grupo, como a língua, a cultura e a origem em comum. A etnia é um elemento gerador da nação, já que “é a ‘eticidade’ que estabelece a ponte entre a ‘cultura e a comunidade’ produzindo a nação”⁴⁷.

Para as concepções sobre a nação em *Sangre de Mestizos* o papel dos *mestizos* na narrativa é basilar. Nos contos do livro os personagens principais e grande parte dos personagens que percorrem a narrativa são todos *mestizos*. *Potosinos, cruzeños, paceños*, seus *mestizos* partem de toda a Bolívia para se encontrarem na guerra e com a guerra. Para Leonardo Pabón o projeto de escrita do livro de contos de Céspedes tem em sua base a compreensão do *mestizo* enquanto classe social privilegiada⁴⁸. Na interpretação de Pabón sobre esse aspecto:

[...] el mestizo de Céspedes pretende anular diferencias y producir un sujeto homogéneo, no conflictivo e integrado al proyecto de nación que surge en los nuevos grupos que acceden al poder después de la guerra del Chaco.⁴⁹

Tais grupos que surgem na política boliviana irão tomar para si muitas das concepções desse nacionalismo revolucionário que tem na figura de Céspedes um

⁴⁵ SMITH, Anthony D. Conmemorando a los muertos, inspirando a los vivos. Mapas, recuerdos y moralejas en la recreación de las identidades nacionales. *Revista Mexicana de Sociología*, v.60, n.1, 1998, p.61.

⁴⁶ Ibid., 61.

⁴⁷ COSTA, J. C. C. Teoria social e etnicidade: uma interpretação hermenêutica das noções de nação e raça na contemporaneidade. *Fragments de Cultura* (Goiânia), v.17, 2007, p.1040.

⁴⁸ PABÓN, Leonardo García. *La patria íntima: Alegorías nacionales en la literatura y el cine de Bolivia*. Plural editores, 1998, p.170.

⁴⁹ Ibid., 171.

de seus principais intelectuais e nos contos de *Sangre de Mestizos* o seu pontapé inicial, já que o autor formula suas esperanças de transformação social em suas obras de ficção. Para Roberto Canqui, o nacionalismo revolucionário, a partir da década de 30 do século XX na Bolívia, “*adquirió acentuadas conotaciones ideológicas y políticas, como consecuencia de las movilizaciones sociales influenciadas con tendencias socialistas o marxistas y nacionalistas.*”⁵⁰ O discurso sobre a mestiçagem e o mestiço enquanto sujeito nacional deram o tom dentro desse nacionalismo revolucionário e foi realmente promovido pelos intelectuais bolivianos, mostrando-se ainda mais urgente assim que finalizada a tragédia do Chaco, podendo ser considerado o grande paradigma desses intelectuais:

*El mestizaje es precisamente el paradigma que las élites letradas y las contraélites revolucionarias emplearon para describir e interpretar los mecanismos que gobiernan la sociedad en el nivel socio-político y cultural. Son las élites y contraélites que se impusieron la tarea de hacer del mestizaje un orden homogéneo capaz de explicar la totalidad social, y cuya coherencia interna construyeron verticalmente a través de las estructuras del poder.*⁵¹

Nos contos de Céspedes os *mestizos* não são mostrados como heroicos, eles são símbolos da nação e dos homens bolivianos, comuns, humanos, com virtudes e fraquezas. Suas origens, como já faladas, são diversas dentro do território. O que os une é serem *mestizos* bolivianos, com origens tanto europeias quanto indígenas, e estarem em um local desconhecido lutando uma guerra contra outro povo. O personagem principal de “*Humo de Petroleo*” é filho de um *mestizo* e uma *chola*⁵², Miguel Navajas, narrador do conto “*El Pozo*” e outros personagens possuem a pele morena, tem uma ancestralidade tanto indígena quanto europeia, apesar de suas características físicas não serem exatamente iguais. Em sua maioria esses personagens são suboficiais, na linha que divide aqueles que comandam dos que são comandados, estão, portanto, entre esses dois mundos presentes em toda hierarquia. Esses personagens *mestizos* podem até falar línguas nativas, afinal de contas a mestiçagem não é só biológica, mas também cultural. Essa pluralidade cultural e de línguas não possui em Céspedes um teor negativo, todos esses mestiços falam o castelhano e se entendem quando o falam. O castelhano é demonstrado

⁵⁰ CHOQUE CANQUI, R. Nacionalismo boliviano. In: CAJÍAS, Dora; CAJÍAS, Magdalena; JONSON, Carmen; VILLEGAS, Iris (Org.), *Visiones de fin de siglo. Bolivia y América Latina en el siglo XX*, La Paz: IFEA-Coordinadora de Historia-Embajada de España en Bolivia, 2001, p.108.

⁵¹ SANJINÉS, Javier. *El espejismo del mestizaje*. La Paz: Institut français d'études andines, 2005, p.121.

⁵² Refere-se aqui ao indígena aculturado.

como um desses pontos de união nessa pluralidade de sujeitos, regiões e culturas. O *mestizo* em Céspedes fala o castelhano, mas ainda assim pode se dividir entre essa herança europeia e as línguas nativas, como o quéchua ou o aimará. O caso dos indígenas é diferente, já que em seus contos os indígenas pouco se expressam, e quando tentam falar o castelhano parecem que possuem pouco conhecimento, um vocabulário pequeno, de sujeitos que pouco utilizam a língua ou que aprenderam recentemente. Dessa forma Céspedes mostra uma sociedade partida, e não por culpa dos indígenas, mas de uma elite histórica que controlava o país e que desconsiderava a cidadania do indígena, desprezando-o como um ser diferente, um outro inferior em termos raciais e sociais. Essa desconsideração leva ao pouco conhecimento do indígena do castelhano, já que o Estado os exclui, inclusive em termos educacionais. Sobre o problema da mestiçagem, Eduardo Garcés explica da seguinte maneira:

*Ha estado presente desde el momento mismo de constitución de la nación como comunidad imaginada: como un cuerpo de intereses, tradiciones y valores que al mismo tiempo que vincula al conjunto de ciudadanos, marca una relación conflictiva con respecto a todos aquellos que, por sus condiciones raciales, sociales o de género sólo están en condiciones de ser incorporados de manera limitada a la ciudadanía.*⁵³

Durante o século XIX e parte do século XX os indígenas foram um problema a ser resolvido no que tange a cidadania e à incorporação à nação. Entre as classes dirigentes bolivianas os indígenas “eram considerados como uma espécie de peso morto social”⁵⁴, “um obstáculo à construção da nação.”⁵⁵ É fundamental ter em mente que “A Bolívia do século XIX era nitidamente uma sociedade com profundas divisões baseadas na etnicidade e na classe [...]”⁵⁶. Muitas das tentativas de incorporar os indígenas ou o elemento indígena no *mestizo* ignorava as tradições e buscava desindianizá-lo, apagando seus valores culturais ancestrais⁵⁷. No caso da ficção de Céspedes podemos perceber que se dá uma importância ao elemento indígena na formação cultural do *mestizo*, ou seja, na formação do próprio sujeito nacional. No conto “*El Milagro*” podemos identificar a visão positiva que Céspedes

⁵³ GARCÉS, Eduardo K. Identidad, mestizaje, hibridación: sus usos ambiguos. Quito: *Revista PROPOSICIONES*, v.34, 2002, p.1.

⁵⁴ FRANCOVICH, Guillermo. Os mitos profundos da Bolívia. Brasília: Funag/IPRI, 2005, p.130.

⁵⁵ THIESSEN-REILY, H. O nacionalismo caudilhista na Bolívia. In: DOYLE, Don H.; PAMPLONA, Marco A. (Org.). *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação dos Estados-nação no século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.365.

⁵⁶ Ibid., p.356.

⁵⁷ CHOQUE CANQUI, Roberto. op.cit., p.106.

traz sobre o conhecimento ancestral de matriz indígena no personagem Poñé. O conto narra a história de um grupo de combatentes perdidos no Chaco, e é Poñé, “[...] *un camba chiquitano, mestizo de blanco y de salvaje, de cara redonda, mirada de pájaro, tez mate y pie desnudo.*”⁵⁸, quem serve como guia e principal conhecedor das maneiras de se sobreviver na região. O narrador, um dos membros do grupo perdido, explica que alguns “[...] *aseguran que nuestra salvación se debió a un milagro, pero la verdad que sin Poñé el milagro habría sido mucho más difícil.*”⁵⁹ O chiquitano⁶⁰ sabia quais raízes possuíam água, era um incansável trabalhador, e, além disso, nas palavras do narrador:

*El chiquitano tenía un mapa inédito en la red de sus arterias, sus plexos nerviosos eran una porción de la selva, sensibles a la inducción del polo magnético y debajo de su alma salvaje habitaba un subconsciente geómetra que conservaba, a través de las espirales recorridas en el rompe cabezas del bosque, la memoria de la línea recta, enderezando en ese sentido sus pasos.*⁶¹

Como podemos verificar, nem tudo são elogios, já que para o narrador essa raiz indígena ainda é algo “selvagem”. É importante verificar que não se trata de um *mestizo* andino, mas um *mestizo* dos *llanos* bolivianos, o que de fato nos prova que Céspedes está realmente preocupado não só com a região andina, a de seu nascimento e a grande representante histórica da cultura, economia e da paisagem boliviana, já que Poñé é mais do que um simples personagem no conto, ele é um símbolo, um símbolo da raiz indígena do *mestizo*, da própria bolivianidade. Um guia não somente para aquele grupo que estava perdido no Chaco, mas para o povo boliviano construir a nação mesmo com as grandes dificuldades, representadas pelas próprias dificuldades vividas na guerra.

Os conhecimentos ancestrais vinculados a origem indígena de Poñé são os que de fato permitem que o grupo siga pelo Chaco, o que é de fato demonstrado no conto. Percebemos que Céspedes monta uma narrativa centrada na importância dessa matriz indígena para o grupo e obviamente para o *mestizo* enquanto sujeito da nação. Abandonar essa ancestralidade não pode acontecer, pois o *mestizo* de Céspedes é realmente uma união do europeu com o indígena. A figura de Poñé é tão simbólica que o narrador do conto o compara a uma figura da Revolução

⁵⁸ CÉSPEDES, Augusto. “El Milagro”. op.cit., p.129.

⁵⁹ Ibid., p.129.

⁶⁰ Aqui refere-se sobre a origem de Poñé na região de Chiquitos, no departamento de Santa Cruz de la Sierra.

⁶¹ CÉSPEDES, Augusto. “El Milagro”. op.cit., p.140.

Francesa: “*Poñé solamente tenía un machete del que no se separaba nunca en el puesto de comando, llevándolo a guisa de sable entre el cinturón y la cintura, como un descamisado de la Revolución Francesa.*”⁶² Seus conhecimentos ancestrais passam por diferentes aspectos da vida no Chaco, da maneira de se encontrar água ao caminho a ser seguido. Poñé é tão importante que lidera mesmo não sendo o líder, seu papel é capaz de ultrapassar as barreiras da hierarquia militar. Em “*Humo de Petroleo*”, mais uma virtude da ancestralidade indígena é demonstrada. O narrador conta sobre a música *Boquerón Abandonado*⁶³, inicialmente cantada em castelhano e depois em quéchua por um *pampino*, que o narrador fala que “[...] *tenía voz Dulce, sobre todo cuando entonaba los aires indígenas.*”⁶⁴ Podemos verificar a maior importância que Céspedes dá a ancestralidade indígena do *mestizo* e as virtudes derivadas dessa ancestralidade, algo que, como veremos, já vinha sendo discutido por importantes intelectuais anteriormente.

Se o *mestizo* é o sujeito dos contos e da nação para Céspedes, qual é o papel dos indígenas e como eles são representados no livro? Inicialmente devemos falar que, em nossa perspectiva, os indígenas são mostrados de maneira irônica e como parte da construção crítica de Céspedes sobre um país que rejeitava o indígena enquanto cidadão e suas tradições ancestrais. Já vimos que a ancestralidade indígena é positiva na narrativa de Céspedes sobre o *mestizo*, agora veremos o outro lado, o indígena em si enquanto um outro participante da tragédia chaquenha. Antes disso é importante falar de dois dos mais importantes intelectuais bolivianos que, de formas diferentes, se preocuparam em seus textos com a nação e participação indígena nela, Alcides Arguedas⁶⁵ e Franz Tamayo⁶⁶.

⁶² Ibid., p.134.

⁶³ Boquerón abandonado/Sin comando ni refuerzos/Boquerón abandonado/Sin comando ni refuerzos/Tú eres la gloria/del soldado Boliviano/Tú eres la gloria del soldado Boliviano/Ahora si que no me rindo/Ante el cobarde Pata-Pila/Ahora si que no me rindo/Ante el cobarde Pata-Pila/Voy a derramar/La última gota de mi sangre/Voy a derramar/La última gota de mi sangre/Ahora si que no me rindo/Ante el cobarde Pata-Pila/Ahora si que no me rindo/Ante el cobarde Pata-Pila/Voy a derramar/La última gota de mi sangre/Voy a derramar/La última gota de mi sangre/Voy a derramar/La última gota de mi sangre.

⁶⁴ CÉSPEDES, Augusto. “Humo de Petroleo”. op.cit., p.148.

⁶⁵ Alcides Arguedas Diaz foi um escritor e historiador boliviano nascido em 1879 e falecido em 1946. Advogado de formação, ocupou vários cargos diplomáticos ao longo de 25 anos. Foi eleito deputado em 1916 pelo Partido Liberal e senador pela cidade de La Paz em 1940, além de ter sido ministro em diferentes governos. Seu primeiro romance publicado foi Pisagua, em 1903. Seu ensaio Pueblo Enfermo e seu romance Raza de Bronze foram suas obras mais significativas.

⁶⁶ Franz Tamayo Solares foi um poeta, político e diplomata nascido na cidade de La Paz em 1894 e falecido na mesma cidade em 1956. Tamayo se graduou em direito na Universidad de San Andrés e pode ser considerado um dos mais importantes intelectuais bolivianos. Foi um dos fundadores e presidentes do Partido Radical, fundido com o Partido Conservador na década de 1920. Eleito

No trabalho intelectual de Arguedas podemos identificar dois momentos. Com a publicação do famoso ensaio *Pueblo Enfermo* (1909), o autor demonstrou a tese de que o fracasso histórico da Bolívia se devia a existência de indígenas e mestiços, e um número pequeno de brancos, o que significaria uma heterogeneidade negativa, inviabilizando a nação. No texto, Arguedas fala sobre os vícios e defeitos dos indígenas, mostrando que não só eles, mas os descendentes de indígenas carregariam uma inclinação para tais defeitos e vícios: “*El cholo de las clases inferiores o descalificadas, es holgazán, perezoso y con inclinaciones al vicio de la bebida.*”⁶⁷ Nas palavras de Guido Arze:

[...] Arguedas se revela como prototipo de un mestizo acomplejado y odiador de los más desposeídos, al atribuir todas las taras y vicios de la humanidad a sus primos de descendencia indígena y a sus hermanos cholos.⁶⁸

De certa maneira podemos considerar que dez anos depois, Arguedas se redime com o lançamento de *Raza de Bronce* (1919). Neste romance, Arguedas denuncia os abusos ainda existentes na Bolívia por parte das elites latifundiárias e estrutura nacional que se baseava na negação do indígena.⁶⁹ Arguedas percorre paisagens andinas e a cosmologia indígena, e diferentemente de em *Pueblo Enfermo*, Arguedas mostra de forma positiva a cultura ancestral indígena, que apesar de toda negação histórica se mantém firme no altiplano.

Franz Tamayo, um dos intelectuais mais conhecidos da Bolívia e principal expoente do nacionalismo indigenista, foi em defesa dos indígenas em sua obra *Creación de la pedagogia nacional*. Nela o autor propõe uma revalorização do indígena, resgatando suas virtudes e demonstrando que as características indígenas deveriam formar a base da construção do caráter nacional, se estabelecendo como um discurso contrário ao que foi feito por Arguedas em *Pueblo Enfermo*. O escritor mostra uma visão que toma a capacidade de brancos, mestiços e indígenas como naturais desde o nascimento, mantendo aquela conceituação científica de raça do século XIX. Tamayo identifica duas características como fundamentais aos

presidente, não pode assumir por conta do golpe de Estado dado por jovens oficiais da Guerra do Chaco contra o presidente em exercício Daniel Salamanca.

⁶⁷ ARGUEDAS, Alcides. *Pueblo enfermo*. Santiago de Chile: Ercilla, 1937, (c.1909), p.60.

⁶⁸ ARZE, Guido. “Pueblo enfermo o la aporia del “pueblo enfermo”. In: *La Novela Revolucionaria. Contribución a la Crítica*. Indiana: Xlibris, 2008, p.49.

⁶⁹ É importante falar que a Constituição boliviana de 1826, ponto de partida do Estado-nação e de suas instituições, já excluía os indígenas da condição de cidadãos e de participação no processo político do país.

indígenas, sua autossuficiência e sua importância enquanto fator histórico na Bolívia. Sobre essa autosuficiência Tamayo afirma que:

*[...] en medio mismo de la depresión histórica, de su indignidad social, de su pobreza, de su aislamiento, en medio del olvido de los indiferentes, de la hostilidad del blanco, del desprecio de los imbéciles.*⁷⁰

Tamayo defendeu a educação dos indígenas e tornou-se uma referência, positiva ou negativa, para os intelectuais posteriores que, assim como Tamayo, viam a problemática indígena como fundamental na concepção de nação, entre eles Céspedes. Javier Sanjinés analisa que:

*En efecto, hubo que esperar hasta las décadas de 1930 y de 1940 para que la élite de letrados se despojase del aura místico que envolvía a este mestizaje ideal, y para que forjase una nueva propuesta ideológica, más abarcadora y democratizante, que relacionase, “suturase”, lo cívico con lo étnico. Así surgieron letrados tan importantes como Augusto Céspedes y Carlos Montenegro, intelectuales de una clase media emergente, e importantes letrados disidentes, forjadores de la corriente “nacionalista revolucionaria”.*⁷¹

Diferentemente dos personagens *mestizos*, os indígenas nos contos de Céspedes não possuem nome e nem ao menos se identifica sua região de origem. Nos parece que Céspedes faz isso de propósito para demonstrar a maneira como esses indígenas estão fora da nação. Não acreditamos que tenha sido uma demonstração de que para ele o indígena não importava, mas sim de denunciar a maneira pela qual o Estado e a própria população tratavam esses povos como inferiores e não bolivianos. Em vários contos Céspedes busca mostrar na fala dos personagens não indígenas o preconceito com as características indígenas, como o tipo físico e a pele. Céspedes descreve com ironia, através de seus narradores, a vontade de ser europeu de mestiços com características físicas mais indígenas do que europeias: “*Uno de los jinetes, de una pureza de facciones irreprochablemente aimaras, pero vestido a la europea, replica con tono de superioridad.*”⁷² A ideia de superioridade do elemento branco, europeu, é mostrada nos contos. O indígena e suas características são inferiores, e esses são sempre serviçais, soldados, membros das classes mais baixas, seja dentro ou fora da guerra. Ser índio ou ser chamado de índio é caracterizado como um xingamento: “*Yo no soy indio. Es cierto que soy hijo*

⁷⁰ TAMAYO, Franz. Creación de la pedagogia nacional. La Paz: Biblioteca del Sesquicentenario de la República, 1975 (c.1910), p.69.

⁷¹ SANJINÉS, Javier. Narrativas de identidad. De la nación mestiza a los recientes desplazamientos de la metáfora social en Bolivia. *Cuadernos de Literatura*, v.18, n.35, 2014, p.34.

⁷² CÉSPEDES, Augusto. “La Coronela”. op.cit., p.52.

*natural de una chola, pero mi padre era un caballero decente de Iarata, que tenía bufete de abogado y cantina. No soy indio, pero, humillado como un perro, entro al galpón de enfermos.*⁷³ O desejo, criticado através da ironia, é o de ser branco ou parecer o mais branco possível: “*Yo era casi blanco, pero ahora soy un leño carbonizado.*”⁷⁴ No mesmo conto um indígena é punido por mentir estar doente para não ficar como sentinela. Uma cerimônia de fuzilamento é improvisada para servir de exemplo para a tropa, mesmo que o capitão diga que daria “*asco matarlo*”⁷⁵. A situação é narrada da seguinte forma:

*El indio, casi ajeno a su importancia dramática, me recordaba con su actitud humilde, minúscula y cobriza, la de los repetes que aguardaban una curación en el hospital de Puerto Moreno. [...] El indio escupió la coca que mascaba, para beber, ayudado por el sanitario. Luego, tanteó con su mano un bolsillo, sacó una porción de hojas y las volvió a mascar. Debajo de su brazo, por la camisa rota, mostraba el costado negro, sudoriento. [...] Así, mudo, ciego, resultaba insignificante sobre el ancho horizonte del pajonal [...].*⁷⁶

A maneira de falar dos indígenas também pode ser vista nesse mesmo conto. O narrador explica que um dos indígenas que acompanha ele e Aniceto possui uma fala simples, como se soubesse pouco o castelhano: “— *Pies doilen, mi teñente.*”⁷⁷ Isso demonstra, mais uma vez, a falta da educação em castelhano desses indígenas, esquecidos pelo Estado boliviano. Heather Thiessen-Reily esclarece que:

A recusa a imaginar as classes analfabetas como participantes ativos no projeto de construção nacional é um equívoco antigo na política e na história boliviana, já que a elite crioula constantemente descartou o papel das massas na conceituação da nação e em suas noções de cidadania e de participação política.⁷⁸

A forma com que os indígenas do Chaco aparecem nos contos é também digno de análise. Enquanto os indígenas do altiplano são mostrados como inferiores pelo Estado e pela população, os do Chaco possuem uma negatividade ainda maior, são selvagens que nem ao menos pertencem ao território boliviano. Interessante notar que, diferentemente dos indígenas do altiplano, os do Chaco são chamados pelo nome de seu povo específico, como por exemplo quando é narrado sobre a ajuda em retirar os caminhões da lama pelos *chulupis*⁷⁹ no conto “*Humo de*

⁷³ CÉSPEDES, Augusto. “Seis muertos en la campaña”. op.cit., p.103.

⁷⁴ Ibid., p.103.

⁷⁵ Ibid., p.110.

⁷⁶ Ibid., p.111-112.

⁷⁷ Ibid., p.122.

⁷⁸ THIESSEN-REILY, H. op.cit., p.365.

⁷⁹ Tribo nômade presente no Chaco.

Petroleo”. Vemos, portanto, que Céspedes narra os indígenas de maneiras diferentes, aquele que está dentro do território boliviano é inferiorizado de maneira mais amena pelos personagens e narradores se comparado com os indígenas no Chaco. Afinal de contas os indígenas do altiplano também lutaram no Chaco pela Bolívia. Walter Sotomayor explica que “A participação indígena no conflito armado criou as condições para o debate em torno do papel dos indígenas na sociedade nacional.”⁸⁰ Nos parece que Céspedes, através dessa demonstração de preconceito por parte da sociedade para com os indígenas, pretende inserir de alguma forma esses indígenas em seu projeto de nação, apesar de serem os *mestizos* os grandes e fundamentais símbolos e representantes da nação.

O *mestizo* é, portanto, o personagem principal da narrativa, da guerra e da nação de acordo com a perspectiva de Céspedes. Um *mestizo* que se entende como tal, e que tem virtudes derivadas de sua ancestralidade indígena, seja nos hábitos, na língua, e em algumas de suas características. Esse sujeito nacional surge graças ao Chaco, e é no conto “*El Pozo*” que temos uma melhor ideia sobre a metamorfose desses homens em guerra. De acordo com Blanco Wiethuchter e Alba Paz-Soldán, a “geração do Chaco” teve que:

*[...] dar cuenta de una necesidad urgente de nacionalizar las representaciones y de homologar las diferencias regionales en una abstracción llamada Bolivia. Homologación que sólo en “El Pozo” de Augusto Céspedes encuentra la horizontalidad deseada, aunque en estado involuntario y sin aristas, necesaria para convertir en unidad homogénea lo que no es.*⁸¹

A tentativa de se cavar um antigo poço do Chaco para encontrar água perpassa todo o conto. Esse conto possui várias camadas de entendimento, e o poço pode ser uma grande metáfora da guerra, mas também pode ser interpretado como a metamorfose dos homens no Chaco para que fundem uma nova nação. A guerra, como o poço, iguala os homens, todos saíram dali como sujeitos nacionais, independente da grande pluralidade que trazem consigo. Em certo momento dentro do poço, no trabalho de escavação, um dos homens tem a seguinte sensação contada pelo narrador: “*Busca con los pies desnudos en el polvo muerto la vieja frescura de los surcos que él cavaba también en la tierra regada de sus lejanos valles agrícolas, cuya memoria se le presenta en la epidermis.*”⁸² A busca pela água é também a

⁸⁰ SOTOMAYOR, Walter Carlos Auad. Bolívia: do Estado-Nação ao estado plurinacional. *Pós-Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, v.13, n.1, 2014, p.139.

⁸¹ WIETHÜCHTER, Blanca; PAZ-SOLDÁN, Alba María. op.cit., p.68.

⁸² CÉSPEDES, Augusto. “El Pozo”. op.cit., p.29.

busca pela nação que ainda não existe, mas que possui um Estado, uma paisagem, e seus sujeitos, em especial esses *mestizos* que cavam o poço⁸³. Em outro trecho, um dos personagens, Cosñi, sonha com a mágica água que sai do poço e que transforma os campos. Podemos interpretar esse sonho sobre a água como o sonho de uma nova nação boliviana que iria surgir daquele poço, ou seja, daquela guerra.⁸⁴

Blanco Wiethuchter e Alba Paz-Soldán apontam um triplo valor no conto:

*En primera instancia, sintetiza una historia literaria en la que un lenguaje testimonial que se inscribe en el realismo va desplazándose hacia un quiebre de la realidad, a causa, sencillamente, de la intensidad de una experiencia absurda, tornándose en una narración fantástica. En segunda instancia, logra, en su calidad visionaria, ser el objeto de una búsqueda que une a los bolivianos, respondiendo al ideal de homologación nacional. Y, finalmente, en tercera instancia, en aquel hueco cavado con tanta angustia no sólo se entierra a los soldados bolivianos, sino a la vanguardia literaria en Bolivia.*⁸⁵

Temos em Céspedes uma sociedade ainda partida, mas que vai sendo capaz de se unir pela tragédia chaquenha, em busca do algo em comum, em busca de uma nova Bolívia, de uma nova nação. O Chaco é identificado não somente enquanto a última fronteira a ser definida pelo Estado boliviano moderno, mas estabelecido como o princípio, e porque não facilitador, da constituição da Bolívia na qualidade de nação moderna.

2.3

O boliviano enfrenta a natureza

A natureza do Chaco foi se não o mais, um dos aspectos mais apresentados nas narrativas sobre a Guerra do Chaco, na literatura, em crônicas de correspondentes de guerra⁸⁶ e na historiografia sobre o confronto em geral. Augusto Céspedes também deu grande ênfase a esse importante aspecto, considerando a paisagem, a relação entre ser humano e natureza, a diferença entre a natureza e geografia chaquenha comparada a boliviana e fazendo das dificuldades naturais enfrentadas pelos homens em guerra uma metáfora sobre a guerra em si.

⁸³ Ibid. p.31.

⁸⁴ Ibid., p.31.

⁸⁵ WIETHÜCHTER, Blanca; PAZ-SOLDÁN, Alba María. op.cit., p.143.

⁸⁶ Em um trabalho anterior, a pesquisa que terminou em meu trabalho final de conclusão de curso, pude analisar as representações de natureza em crônicas de três correspondentes de guerra que estiveram no Chaco.

Em cada um de seus contos, Céspedes escreve e descreve os terríveis embates entre os exércitos e a natureza do Chaco. Esses embates não necessariamente são considerados os principais na narrativa do autor, mas sem dúvida são parte importante do pano de fundo dessas histórias e permitem revelar ao leitor aspectos psicológicos dos homens em guerra na região, bem como daquela realidade, que se mostrara profundamente hostil aos seres humanos, constituindo um “outro” adversário. Stephen Cote afirma, em contraste com outros autores, que a maioria das mortes, no caso boliviano, não teria sido resultado de combate com os inimigos, mas da fome, da sede e de doenças tropicais em relação às quais eles não tinham imunidade⁸⁷. Em números e inventários de armamentos, a máquina de guerra boliviana parecia forte, mas não fora feita para uma guerra no Chaco, mostrando-se os bolivianos despreparados tecnologicamente para enfrentar e sobreviver na região. De acordo com Cote, “*the geography, hydrology, climate and disease environment of the Chaco Boreal shaped the Chaco War.*”⁸⁸ Para analisar essa relação nada pacífica entre os seres humanos e a natureza iremos considerar os seguintes aspectos: a sede, o calor, a fauna, as doenças e de um modo mais geral a natureza enquanto inimiga.

Entre os aspectos mais narrados nos contos do livro, e muito comum também em outras obras que remetem ao Chaco, está o calor. O calor do Chaco é representado como mais uma das armas que atentam contra a vida humana na região. Esse calor persegue os combatentes em todos os contos do livro. Até mesmo as pesquisas sobre o Chaco falam sobre isso. Esther Breithoff, por exemplo, compara o Chaco com os Alpes Italianos durante a Primeira Guerra Mundial, já que o maior problema para o soldado não eram os rifles inimigos ou granadas, mas o ambiente natural da região. No caso dos Alpes, o maior dos problemas foram as baixas temperaturas, a neve; no caso do Chaco foram os meses de seca e temperaturas que beiravam os cinquenta graus Celsius, onde conseguir água potável era vital.⁸⁹ Bridget Chesterton assinala outras dificuldades, como o ambiente

⁸⁷ COTE, Stephen Conrad. A war for oil in the Chaco 1932-1935. *Environmental History*, v.18, n.4, 2013, p.744.

⁸⁸ Ibid., p.745.

⁸⁹ BREITHOFF, Esther. Fortín Boquerón: A Conflict Landscape Past and Present. *Cadernos do Ceom*, Chapecó, v.26, n.38, 2013, p.71-72.

empoeirado na maior parte do ano, e um período de chuvas torrenciais que transformava a região em um poço de lama, até as chuvas subitamente pararem.⁹⁰

Em *Sangre de Mestizos* o calor do Chaco não é sentido pelos personagens de forma aleatória, ele faz parte da narrativa com o objetivo de representar o Chaco como um dos personagens, que age por vontade própria nos que ali estão, nos intrusos: “*El calor se ha adueñado de nuestros cuerpos, [...] conscientes para nosotros sólo por el tormento que nos causa al transmitir desde la piel la presencia sudosa de su beso de horno.*”⁹¹ As imagens do fogo e as sensações causadas por esse calor irradiado naturalmente são comuns na narrativa. Em “*Seis muertos en la campaña*”, o personagem principal narra que o “*sol era una máscara de fuego en mi cara*”⁹², e que o caminho percorrido seria um “*río de fuego*”⁹³, já em “*Humo de Petroleo*”, a poeira dos meses de seca se mistura ao calor irradiado pelo sol fazendo com que “*Cada átomo de polvo era un irradiador térmico y la enorme masa rodeaba a los hombres como el humo de un volcán*”⁹⁴. Relatos dos efeitos do calor são presentes, seja quando um personagem fala sobre o suor em sua pele, até relatos de insolação, com desmaios e alucinações.

O calor, enquanto arma do Chaco contra os seres vivos, é acompanhado pela falta de água. Na região os meses de chuva são intensos, mas em um período diminuto se comparado ao dos meses de seca. Encontrar água para o consumo é extremamente difícil, e acaba moldando até mesmo a própria forma da guerra em termos de estratégias e logística. Essa falta de água nos leva a outro grande aspecto que atinge os homens no Chaco: a sede. A sede toma um papel grande nas dificuldades passadas na região. A logística boliviana foi falha, como será visto mais à frente, a sensação causada pela sede é relatada na narrativa de Céspedes, como no trecho a seguir: “*Vivimos, raquíticos, miserables, prematuramente envejecidos los árboles, con más ramas que hojas, y los hombres, con más sed que odio*”⁹⁵. Fica claro que a sede e as outras dificuldades impostas pela natureza escondem o sentimento de ódio. A sobrevivência era o mais importante, e por isso

⁹⁰ CHESTERTON, Bridget María. *The Grandchildren of Solano López*. Frontier and Nation in Paraguay, 1904-1936. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2013, p. 1-2.

⁹¹ CÉSPEDES, Augusto. “El Pozo”. op.cit., p.21.

⁹² CÉSPEDES, Augusto. “Seis muertos en la campaña”. op.cit., p.123

⁹³ Ibid., p.123.

⁹⁴ CÉSPEDES, Augusto. “Humo de Petroleo”. op.cit., p.147.

⁹⁵ CÉSPEDES, Augusto. “El Pozo”. op.cit., p.18.

quase nada além disso pode ser motivo de reflexão. A permanência no Chaco era um estado limite para os que ali estavam, e isso Céspedes faz questão de narrar.

Não só o clima e a falta de água impedem os seres humanos de ter algum tipo de dignidade na região. A fauna se mostra um elemento, uma outra arma, contra os desprevenidos combatentes. Os insetos são inimigos vorazes, os gritos de diversos animais durante a noite impedem o momento de descanso. Vários são os relatos contidos na narrativa que mostram essa fauna enquanto inimiga dos humanos, atacando-os, perturbando-os. Um dos relatos mais significativos sobre isso é a invasão dos dormitórios no conto “*Las Ratas*”, que possui duas camadas de interpretação, uma delas metafórica e outra mais rasa, essa demonstrando de fato a fauna ocupando o ambiente que parecia mais seguro, a capsula de tranquilidade que deveria ser o local de descanso dos homens presentes na região. Céspedes narra o quanto as construções, o pouco de civilização trazida pelo homem, eram desprotegidas contra o avanço da natureza representada pelos ratos. A audácia da natureza era tremenda e “[...] *la matanza resultaba insignificante ante la multitudinaria invasión viscosa.*”⁹⁶ De acordo com o narrador, discorrendo sobre o personagem principal do conto, vários animais horrorizavam o mesmo, “[...] *pero los ratones despertaban en su ser una repugnancia gástrica, un odio particular, una atávica antipatía.*”⁹⁷

Os animais e o Chaco não só causavam pavor, nojo e atacavam os seres humanos, eles também acarretavam doenças. A principal delas relata por Céspedes foi a malária. Em alguns dos contos são relatadas mortes pela doença e o envio de combatentes para hospitais de campanha. É importante relatar que muitas dessas doenças tropicais, como a malária, eram desconhecidas pelos corpos de muitos dos combatentes, especialmente os que vinham dos Andes. Desestruturados em termos de logística e abandonados muitas vezes a própria sorte, os combatentes bolivianos pouco tiveram a fazer contra esse inimigo que também vinha em forma de doenças. O pesquisador Stephen Cote afirma em seu artigo que as atividades dos soldados no Chaco Boreal, e das companhias de petróleo nas terras baixas bolivianas durante os anos 20 e 30, aumentaram a variedade de vetores de doenças na região.⁹⁸ De acordo com Cote, as doenças tropicais desencorajaram a permanência na região e

⁹⁶ CÉSPEDES, Augusto. “*Las Ratas*”. op.cit., p.184.

⁹⁷ Ibid., p.185.

⁹⁸ COTE, Stephen Conrad. op.cit., p.745.

foi o fator que moldou a condução da guerra. Ele argumenta que a disenteria, a tifo, a tuberculose, a coqueluche e outras tantas doenças ajudaram no aumento das divisões de classe e raça na Bolívia, já que os indígenas que combateram no Chaco foram responsabilizados por propagar as doenças entre o restante da população.⁹⁹

A natureza é tratada como inimiga não só na época de seca, mas também na época das chuvas, demonstrando que, mesmo que as formas mudassem, a tortura causada pelo Chaco continuaria. As chuvas cortavam as comunicações, faziam com que as operações tivessem que ser canceladas e dificultava muita o transporte pela região. Podemos verificar que dentro desses relatos de natureza versus humanidade, a pequenez da segunda é comparada com a força e temor gerados pela primeira. Para Céspedes foi importante demonstrar o quanto os homens eram pequenos em relação a natureza e a guerra, e quanto o Chaco era incivilizável. O Chaco é capaz de enlouquecer os homens por vários motivos, seja as alucinações causadas pela insolação ou pelo seu completo vazio. Existir enquanto ser humano é tarefa árdua, tanto pela natureza quanto pela guerra em si. Em “*Seis muertos en la campaña*”, um dos personagens passa perto de ser atingido por uma granada, que acaba afetando-o mentalmente: “*Mi cabeza es una caja llena de tierra árida, de arena sacudida. Es como el Chaco.*”¹⁰⁰. Esse mesmo personagem, após ser enviado para um hospital, começa a misturar passado e presente em sua mente, o que está ocorrendo no hospital com imagens do campo de batalha. O Chaco fez isso com ele, e agora ele se torna o próprio Chaco. Perder-se na região perpassa alguns dos contos, e a falta de noção de tempo também é outro problema do qual os personagens e narradores culpam a região. O Chaco é assim retratado, confuso e que causa confusão, um outro mundo para onde esses combatentes foram transportados, uma realidade paralela que vai matando, ferindo e mudando corpos e mentes. A natureza representada por Céspedes não é passiva diante dos desígnios humanos, mesmo que de início possa parecer, muito pelo contrário, ela é a mais ativa, que mantém verdadeiro poder sobre si e sobre os exércitos: “[...] *el inferno pálido perdía su pasividad vegetativa para descubrir ante nosotros, sin disimulo, el poderío de su imperio cruel y alucinante*”¹⁰¹. A seguir temos um dos mais

⁹⁹ Ibid., p. 745.

¹⁰⁰ CÉSPEDES, Augusto. “Seis muertos en la campaña”. op.cit., p.108.

¹⁰¹ CÉSPEDES, Augusto. “El Milagro”. op.cit., p.141.

interessantes trechos sobre o Chaco como inimigo, especificamente sobre uma passagem em que combatentes bolivianos estão em um monte na região:

*Nos latigueaba los rostros, nos cogía de los brazos con sus uñas, nos obligaba a girar sobre nosotros mismos, enredándose a los pies, se cerraba alrededor de nuestros cuellos, nos prendía de los cabellos, nos extraviaba alrededor de un matorral, nos metía espinos dentro de las botas, y todas sus ramas flexibles, sus leños aguzados, sus malezas y sus púas conspiraban para detenernos. [...] veíamos animarse el bosque con gesticulaciones, ondulando su ramaje como si lo dedicase a un acto mecánico de aprehensión, para estrangularnos mediante sus espinosos brazos esqueléticos o sus verrugosos tentáculos que se movían sordos, perversos, hambrientos de carne.*¹⁰²

Esse trecho é capaz de resumir muito bem essa relação entre natureza e humanos, mostrando o sofrimento humano trazido pela vida na região, dando tintas aterrorizantes sobre como a natureza se estabeleceu como inimiga número um dos combatentes. Além do mais, mostra a natureza como um ser vivo inteligente, praticamente humanizado e que só faz o que faz pois quer expulsar quem não pertence a tal local. O Chaco tem então um verdadeiro apetite “*para chupar la sangre del intruso, el hombre*”¹⁰³. Aqui a natureza vence o homem, vence a civilização.

Não só a hostilidade e o enfrentamento entre seres humanos e natureza foi alvo da escrita de Céspedes, mas também um aspecto menos ligado as dificuldades propriamente ditas, porém relacionado com a maneira que os personagens e narradores no Chaco viam e explicavam a paisagem ao seu redor. A representação da paisagem chaquenha por Céspedes em seus contos forma um capítulo à parte nos vários meandros que percorrem sua escrita. Para falarmos de paisagem, esse conceito amplo e foco de discussão e interpretação de vários intelectuais dos mais variados campos, iremos fazer uso do conceito criado pelo geógrafo estadunidense Carl Sauer, um dos fundadores da Geografia Cultural. De acordo com o geógrafo, a paisagem é “uma forma da Terra na qual não ocorre apenas uma modelagem física, mas sim uma associação desta com os processos culturais da sua transformação.”¹⁰⁴ Dessa maneira, tem-se uma preocupação em entender a paisagem a partir da interação entre os processos naturais e humanos, sendo eles culturais, políticos, econômicos ou sociais. De acordo com Sauer, “a paisagem não é simplesmente uma cena do real vista por um observador. A paisagem geográfica

¹⁰² Ibid., p.142.

¹⁰³ CÉSPEDES, Augusto. “Las Ratas”. op.cit., p.185-186.

¹⁰⁴ SAUER, C. “A morfologia da paisagem”. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Eds). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998 (c.1925), p.23.

é uma generalização derivada da observação de cenas individuais.”¹⁰⁵ É com essa ideia que iremos partir para a análise da paisagem chaquenha representada em *Sangre de Mestizos*, considerando a importância do observador, nesse caso o próprio Céspedes, enquanto testemunha e narrador-autor.

O estudo da paisagem, nesse caso específico, permite, pois, uma apreensão das relações sociedade-natureza, sendo a paisagem o resultado material dessa interação. O que nos interessa então é o aspecto cultural desse conceito, principalmente as representações de paisagem, já que, como apontam Monique de Brito e Cássia Ferreira, o seu surgimento no mundo ocidental “assinala também a emergência da paisagem como fenômeno social, percebido e operado pela sociedade.”¹⁰⁶

Então, de que maneira Céspedes representa essa paisagem do Chaco? O autor faz constantemente o uso de figuras de linguagem para tratar da natureza da região, principalmente a personificação. O uso dessa figura de linguagem específica leva ao leitor a ideia de natureza enquanto inimiga do ser humano, com características de sujeito e que se mostram observáveis pelos narradores e personagens em seus contos. A natureza ganha contornos negativos na representação dos contos de Céspedes, ela é “pálida”, “labiríntica”, “doente”, “infernai”. Além do mais ela, além de praticamente impossibilitar a vida na região, é mostrada como morta, algo em decomposição, condenada em si e por si, “[...] *transparencia casi inmaterial del bosque de leños plomizos, esqueletos sin sepultura condenados a permanecer de pie en la arena exangüe, no hay una gota de agua...*”¹⁰⁷. A observação e descrição da paisagem no conto “*El Pozo*” é, assim como demonstra o trecho anterior, de uma importância ímpar para o próprio objetivo do texto em demonstrar a ineficiência da tentativa de ter este território para si. Na parte final do conto “*El Milagro*”, temos uma das mais interessantes representações do Chaco:

Ni un soplo de brisa movía los árboles fijos, tristes, condenados a una parálisis corroída de úlceras y llagas monstruosas. Colgaba de ellos la cabellera de la salvajina canosa y de los musgos parduzcos. Sobre el suelo compacto y duro la horrible arboleda exteriorizada con actitudes de ira y de locura el padecimiento de su sed secular, fingiendo ante nuestras miradas un bamboleante esquema de esqueletos torturados por el fuego. Troncos caídos semejaban saurios desecados, osamentas de cíclopes con el ojo fósil prendido a las cortezas. Otros árboles se enlazaban con los vecinos, retorciéndose, carcomidos y apolillados como momias

¹⁰⁵ Ibid., p. 24.

¹⁰⁶ BRITTO, M. C.; FERREIRA, C. C. M. “Paisagem e as diferentes abordagens geográficas”. *Revista Geografia*, v.2, n.1, 2011, p.8.

¹⁰⁷ CÉSPEDES, Augusto. “El Pozo”. op.cit., p.17-18.

*de tarántulas gigantes, acopladas, enredadas, contagiadas unas a otras de bubones tumefactos y de lúes rosadas. Todo el bosque fosco, deshecho, parecía haber sido asesinado por un huracán.*¹⁰⁸

A natureza é retratada como um personagem doente e horrível, apodrecendo diante dos seus observadores que no fundo nem deveriam estar ali. A sede vivida pelos soldados também é sentida por essa natureza enquanto personagem milenar do Chaco. A demonstração é que nesse lugar a vida mal existe e que a presença do ser humano é uma presença estranha a esse lugar. A paisagem do Chaco, na narrativa de Céspedes, não melhora nem mesmo com o cair do dia, podendo até mesmo piorar, trazendo uma sensação de solidão diante de uma natureza que parecia mais morta — e mortal — do que viva, como nos mostra no seguinte relato:

*Anocheía. Los árboles adquirieron un tono obscuro que mordía el camino blanco, debajo del cielo luminoso, cuyo reflejo sobre la picada se dilatava en una claridad pálidamente melancólica. [...] Sólo el camión perforaba con su túnel de estruendo la quietud mortal, inmensamente solitaria y plana que se hacía más tétrica con la vaguedad de las sombras crepusculares. Experimentaba el pampino una sensación de soledad definitiva. Le parecía ser el último hombre en el último camión que hubiese quedado sobre la tierra. [...] Con la noche fue creciendo, hinchándose la selva oscura y muda, como un cadáver negro.*¹⁰⁹

Como viver e lutar em um local condenado por seu clima e sua natureza? Existiriam possibilidades de “civilizar” o Chaco? A resposta por parte de *Sangre de mestizos* é negativa. A Guerra do Chaco teve como uma de suas peculiaridades o uso de elementos da paisagem natural para fins bélicos. Apesar de possuírem equipamentos modernos¹¹⁰, os países em conflito utilizaram de matéria-prima disponibilizada no próprio Chaco, transformando aquela paisagem, e o própria guerra, através de inventivos modos de se empregar os recursos da natureza chaquenha. Para Esther Breithoff isso se deu devido as graves restrições econômicas tanto para a Bolívia quanto para o Paraguai e sobretudo pela deficiência de infraestrutura para provimento do material disponível¹¹¹. Apesar disso, Céspedes pouco se importa em seus contos em mostrar como essa paisagem é modificada pelo Estado boliviano e os homens em combate, ali só cabe a própria paisagem naturalmente instalada na região. Os seres humanos e as pequenas modificações que fazem, seja pela instalação de *fortines*, pela abertura de poços e pela passagem

¹⁰⁸ CÉSPEDES, Augusto. “El Milagro”. op.cit., p.141-142.

¹⁰⁹ CÉSPEDES, Augusto. “Humo de Petroleo”. op.cit., p.165.

¹¹⁰ Os dois países fizeram grandes contratos para adquirir armas, veículos e equipamentos para uso bélico, contando na época com os mais modernos equipamentos disponíveis no mundo. Cf. QUESADA, Alejandro. *The Chaco War 1932-1935*. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

¹¹¹ BREITHOFF, Esther. op.cit., p.71.

dos grandes caminhões com suprimentos ou com tropas, são temporários e logo serão tomados pelo Chaco assim que o confronto acabar, isso se considerarmos que de alguma forma, e em algum momento, essa pequena parte da “civilização” conseguiu realmente se impor frente a “barbárie”¹¹² natural. Em um trecho do conto “*Seis muertos en la campaña*”, Céspedes escreve exatamente sobre uma mínima modificação que o Chaco permite ao personagem principal que tem como função dirigir um caminhão: “*La tierra, por dura, se resquebrajaba en trazos cortantes como a piedra. Procuraba yo andar dentro de las hondas huellas que habían dejado los camiones, donde el piso era más suave*”¹¹³. Neste caso passar com o caminhão pelas marcas anteriormente feitas por outros caminhões facilitava o trabalho e a sua segurança, mas raros são os momentos onde esse “civilizar” tem efeitos imediatos para a melhor sobrevivência dos combatentes na região, a paisagem chaquenha é incapaz de manter uma coexistência pacífica com os humanos que ali estão.

O grande impacto dos seres humanos e da guerra na paisagem descrita por Céspedes tem sua relação mais intensa na morte. A presença de corpos humanos sem vida é representada pelo autor, tornando-se um componente extra para essa paisagem já tão negativa. A morte é um componente novo dentro dessa paisagem e Céspedes faz questão de revelar isso através dos olhares de seus personagens e dos narradores. Um exemplo de representação dessa paisagem modificada pela morte pode ser visto no seguinte trecho de um dos contos do livro, onde, após uma intensa batalha, a paisagem chaquenha é assim retratada: “*Al día siguiente, en el silencio incandescente, el trágico pajonal era un maloliente sembradío de cadáveres asoleados bajo el cielo que pareció estrellado por las enlutadas constelaciones de los buitres.*”¹¹⁴. Os cadáveres humanos, como novos componentes dessa paisagem, transformam o Chaco não em termos civilizatórios, mas deixa manchado com mais sangue e horror do que já havia antes. Não só de morte é essa mancha na região, já que Céspedes também traz à tona as paisagens destruídas pelos humanos, seja por

¹¹² Nesta pesquisa utilizaremos a noção de barbárie diretamente relacionada à ideia de natureza. Para Mazzoleni, a noção de selvagem seria vinculada a noção de civilizado, sendo seu oposto. A natureza foi a categoria mobilizada para se definir os selvagens, aqueles que vivem de acordo com a natureza, e o estado da natureza, ou estado selvagem, implantou-se no imaginário ocidental, sendo definido primordialmente por sua alteridade em relação à civilização ocidental. MAZZOLENI, Gilberto. *O planeta cultural: para uma antropologia histórica*. Trad. Liliana Laganá e Hylio Laganá Fernandes. São Paulo: EDUSP, 1992, p.45.

¹¹³ CÉSPEDES, Augusto. “Seis muertos en la campaña”. op.cit., p.121.

¹¹⁴ CÉSPEDES, Augusto. “La Coronela”. op.cit., p.87.

metralhadoras, seja pelo fogo, enfeando ainda mais o que já não era bonito de ver: “[...] *entre la tierra revuelta y los raíces de los árboles y matorrales carbonizados.*”¹¹⁵. Esses elementos humanos que modificam a paisagem acabam fazendo com que o olhar do observador também seja modificado assim como a representação que se faz. Os corpos humanos se tornam presentes no Chaco, não só em termos visuais, mas também em outros sentidos como por exemplo o olfato: “*Entre las malezas, delante de nuestros ojos, atravesaban todas las fases de la decomposición. Su olor se pegaba a nuestra comida, aunque el sol los secaba rápidamente.*”¹¹⁶ Tudo isso se torna importante na representação feita pelo autor boliviano, que busca em seus contos passar para os leitores o significado daquilo que é observado por seus personagens e que foi observado por ele enquanto combatente e correspondente de guerra. Essa paisagem visual, de odores, emoções e sensações, é também uma paisagem de morte, uma parte natural para todos os seres vivos, mas causadora de sensações que são expressas em seu texto, capazes de deixar em choque o leitor e o aproximar daquele momento e lugar. A morte, os corpos em decomposição, serão heranças eternas de uma guerra que não deveria ter ocorrido. A natureza tomará tudo para si, mas as representações de sua paisagem serão modificadas por esses relatos de forma a que não se esqueça a estupidez dos seres humanos em guerra.

No segundo conto do livro, intitulado “*La coronela*”, o personagem principal, descrito por uma testemunha pelo autor, faz todo um percurso por dentro da Bolívia até chegar na região chaquenha, onde a descrição da paisagem apresenta elementos interessantes. Assim que chega ao *fortín Ravelo*, hoje em dia parte do chamado Chaco boliviano, o texto descreve a região como “[...] *en mitad del desierto, punto perdido en la selva, en medio de la sabana que se extiende entre el río Parapetí y el río Paraguay.*”¹¹⁷. Céspedes fez questão de assinalar características geográficas que não são iguais, mas que em termos de significado mostravam que o personagem chegava em um local diferente de tudo que conhecia e que, mesmo não sabendo exatamente o que era, talvez pelo próprio Chaco ser tudo isso ao mesmo tempo, observava o quanto longe da civilização estava e o quanto aquela paisagem parecia e seria de dificuldades para o mesmo. Mas seria o Chaco sempre igual? Não

¹¹⁵ Ibid., p.96.

¹¹⁶ CÉSPEDES, Augusto. “Seis muertos en la campaña”. op.cit., p.109.

¹¹⁷ CÉSPEDES, Augusto. “La Coronela”. op.cit., p.59.

exatamente, já que é possível dividir o clima da região em meses de chuva intensa e meses de seca. Sobre os meses de seca, um trecho do mesmo conto trazido anteriormente pode servir como uma demonstração de sua representação:

*Se secaron los campos y el polvo se desprezo formando neblinas que se levantaban en las picadas. La red del Chaco fue cerrando a Santiago Sirpa en el embrujo irremediable del desierto que se amosa lentamente con el alma de los hombres para no soltarla más.*¹¹⁸

A chuva chega a dar um alívio para os homens que ali estão e para a paisagem, que fica menos melancólica. Mesmo assim essa paisagem chuvosa ainda impõe dificuldades para tudo que vem do ser humano, como visto anteriormente. A paisagem chaquenha é representada como estranha para os que ali estão, lembrando os desertos africanos.¹¹⁹

Esse estranhamento com a natureza e geografia do Chaco será uma constante nos contos que compõe *Sangre de Mestizos*, e mais do que apenas demonstrar o lado negativo dessa região, será também feita, em vários momentos, uma contraposição entre o Chaco e o território boliviano, especialmente os Andes. O estranhamento em relação ao Chaco leva alguns dos personagens a considerar a região como amaldiçoada, pelas sensações causadas, sejam elas visuais ou não. Até mesmo os sons da natureza são estranhos, desconhecidos, exóticos¹²⁰. A nação, em termos geográficos e naturais, é representada como aquilo que ela não é, mais do que o que aquilo que ela é. O Chaco não é a Bolívia, e nem deveria ser, esse é um dos fundamentos do pensamento do autor em sua narrativa, como exemplificado no trecho a seguir: “*Sirpa hacía lo mismo incorporándose día a día al hechizo misterioso de aquellos horizontes vagos y sin relieve que parecían de otro mundo*”¹²¹. Para Sirpa, o personagem principal do conto “*La Coronela*”, natural de La Paz e acostumado em visualizar no horizonte as belas montanhas andinas, no Chaco a falta de relevo lhe causava estranheza, o horizonte ali era uma visão única, um contínuo bosque que lhe parecia irreal perto das lembranças andinas.

Em alguns dos contos a lembrança dos Andes ou de outras partes da Bolívia será uma constante. Nos parece que essas recordações, que acabam de alguma forma comparando o passado dos personagens na Bolívia com o sofrimento

¹¹⁸ Ibid., p.67.

¹¹⁹ Ibid., p.94.

¹²⁰ CÉSPEDES, Augusto. “El Pozo”. op.cit., p.21.

¹²¹ CÉSPEDES, Augusto. “La Coronela”. op.cit., p.61.

vivenciado no Chaco, tem uma função bastante clara de criar um contraponto entre o que é a Bolívia e o que não é. Do que então seria formada essa verdadeira Bolívia e de que forma ela se mostra contrária ao que é o Chaco? Um dos aspectos mais interessantes é a demonstração, em alguns trechos, da fertilidade e riqueza boliviana, seja por seus minérios escondidos nas montanhas andinas, ou por seus férteis vales agrícolas:

*Busca con los pies desnudos en el polvo muerto la vieja frescura de los surcos que él cavaba también en la tierra regada de sus lejanos vales agrícolas, cuya memoria se le presenta en la epidermis.*¹²²

A sensação de estar longe de sua terra, juntamente com as graves dificuldades de uma guerra em um local inóspito, levam alguns personagens a reviver memórias, a ansiar se transportar, mesmo que no delírio da sede e da insolação, para a rica terra de onde vieram. Terra essa de grande fertilidade e totalmente oposta, como já analisamos, da paisagem e natureza chaquenha. O pesquisador Leonardo Pabón explica que a esterilidade do território chaquenho foi um tópico recorrente na literatura sobre o Chaco.¹²³

Céspedes monta uma hierarquia geográfica dos locais que perpassam sua narrativa. No degrau mais baixo da hierarquia vem o Chaco, essa terra que “*tiene algo de raro, de maldito*”¹²⁴, após o Chaco se encontra a verdadeira Bolívia, formada pela região amazônica boliviana e pelos *llanos*, representada da seguinte maneira em um dos trechos do conto “*La Coronela*”: “[...] *bautizada en la parroquia de Santa Ana del Yacuma, pueblito del Beni, territorio vestido de bosques maravillosos y ceñido de ríos sonoros que afluyen al Amazonas*”¹²⁵. No topo desta hierarquia vem a região andina, o coração da nação boliviana. No mesmo conto do trecho anterior, La Paz, a grande cidade andina, é descrita da seguinte forma:

La Paz, pepita de cuarzo aurífero rodeada de un ventisquero del Illimani. Cabeza de alfiler prendido entre la copa plomiza del altiplano y la gola blanca de las montañas. En la madrugada, el Illimani se frota con toallas de nubes y luego se desnuda para recibir un baño de sol. Resplandecen las calles jorobadas, lomas de camellos cargados de edificios de piedra, y las avenidas de plátanos, lujosamente pavimentados de granito amasado con sol, todo ello cerrado en la campana de

¹²² CÉSPEDES, Augusto. “El Pozo”. op.cit., p.29.

¹²³ PABÓN, Leonardo García. op.cit., p.173.

¹²⁴ CÉSPEDES, Augusto. “El Pozo”. op.cit., p.32.

¹²⁵ CÉSPEDES, Augusto. “La Coronela”. op.cit., p.37.

*crystal sin mancha de un cielo de añil, del mejor añil del mundo, el secreto de cuya síntesis se habla a una altura de 4.000 metros sobre el mar.*¹²⁶

Com uma escrita poética, Céspedes representa La Paz e os Andes de forma absolutamente apaixonada, destoando em um grau muito elevado das representações feitas sobre o Chaco. Enquanto em La Paz os caminhos são dourados, o sol é ameno e a atmosfera é quase paradisíaca, no Chaco é absolutamente ao contrário, onde a paisagem é desprovida de beleza, monótona, o sol queima e a atmosfera é infernal.

Com essa hierarquia Céspedes indica os lugares bolivianos e aqueles que não são bolivianos. Homem e paisagem seriam mais do que simples elementos contidos no espaço, de sua relação se desenvolve a política, a economia e a cultura de um Estado-nação. Em Céspedes a paisagem dos Andes, da Amazônia boliviana e dos *Llanos* ganha uma força simbólica, tornando-se a expressão visual da nação. O sujeito nacional, nesse sentido, não se adapta a um local que não faz parte e não chega nem perto da geografia e da natureza ao qual está acostumado. De acordo com Salinas Arandia, a descrição por parte de Céspedes da paisagem chaquenha em oposição a paisagem andina é fundamental para construir a subjetividade do boliviano no livro do autor¹²⁷. Por outro lado, os paraguaios, mesmo que também sofrendo no Chaco, se mostram mais adaptados, conseguem encontrar água com mais facilidade e se guiar por entre os bosques chaquenos de melhor maneira, principalmente por estarem mais acostumados a encarar desafios naturais em seu próprio território, já que não possuiria tamanha riqueza e beleza quanto o país andino, como fala um dos personagens de Céspedes: “*Nunca tuvo el Paraguay esta luz suave de mi tierra...*”¹²⁸.

A natureza também serve, em vários momentos, como uma metáfora da própria guerra. Leonardo Pabón explica que a natureza teve uma grande serventia para os escritores da “geração do Chaco”, já que a utilizaram como metáfora e símbolo em suas críticas sobre a guerra¹²⁹. Para Pabón, Céspedes foi, muito provavelmente, o escritor que utilizou dessa percepção de natureza adversa para ser

¹²⁶ CÉSPEDES, Augusto. “La Coronela”. op.cit., p.50.

¹²⁷ SALINAS ARANDIA, Alex M. *El nuevo proyecto nacionalista de la literatura de la Guerra del Chaco en Bolivia*. Quito, 2002. 100p. Dissertação (Mestrado em Literatura latino-americana) – Universidad Andina Simón Bolívar, p.32.

¹²⁸ CÉSPEDES, Augusto. “Seis muertos en la campaña”. op.cit., p.127.

¹²⁹ PABÓN, Leonardo García. op.cit., p.173.

uma grande metáfora da falta de sentido dos discursos que tentavam justificar a guerra e a ocupação da região¹³⁰. É no conto “*El Pozo*” onde é observável essa natureza enquanto metáfora para a estupidez do combate entre bolivianos e paraguaios no Chaco. Se inicialmente o poço escavado em pleno Chaco é motivo de esperança para a tropa, assim como era inicialmente a guerra, vide as grandes manifestações em cidades como La Paz em apoio à guerra¹³¹, aos poucos essa esperança vai de esvaindo conforme se cava mais e mais o poço e a tão esperada água não é encontrada, e no caso da guerra, que se esperava rápida mas que durou muito mais do que se imaginava inicialmente, e assim como o poço, sem o resultado final. A inutilidade que se vai mostrando aos poucos em cavar o poço é a mesma daquela guerra contra os paraguaios:

*Ya no se cava para encontrar agua, sino para cumplir un designio fatal, un propósito inescrutable. [...] Aquí arriba el pozo ha tomado la fisonomía de algo inevitable, eterno y poderoso como la guerra. [...] Siempre nada, igual que la guerra...*¹³².

Para os soldados que ali estão, a água não aparece, assim como não aparecem motivos para a guerra. O poço simboliza também a possibilidade de civilizar o Chaco, possibilidade esta que se mostra equivocada, já que a água ali não existe. Leonardo Pabón explica que também é um símbolo para os possíveis poços de petróleo que nunca foram encontrados, e que de alguma forma justificariam a guerra¹³³.

No conto, assim como na guerra, a grande serventia para sua utilização será, por fim, a de grande túmulo para os combatentes mortos pelas balas, pela sede e pelas doenças, mas principalmente pela estupidez de se lutar uma guerra por nada. Os soldados que deram suas vidas pelo poço, assim como pela guerra, converteram, graças a suas mortes, o poço em um espaço simbólico. Como explica Pabón, “*La muerte es requisito necesario para que el proceso simbólico de mitificación del pozo llegue a su culminación.*”¹³⁴, e, como já falado, é através dessa produção simbólica que se fecunda um novo sujeito nacional, “*son, sobre todo los que fundan con su sangre – “sangre de mestizos” para Céspedes – la nueva Bolivia*”.¹³⁵

¹³⁰ Ibid., p.173.

¹³¹ CALVO, Roberto Querejazu. *La Guerra Del Chaco*. La Paz: Grupo Líder, 2006, p. 13.

¹³² CÉSPEDES, Augusto. “El Pozo”. op.cit., p.33.

¹³³ PABÓN, Leonardo García. op.cit., p.175.

¹³⁴ Ibid., p.176.

¹³⁵ Ibid., p.178.

2.4

Uma guerra sem justificativas

Uma parte importante da narrativa de Céspedes leva ao leitor uma pesada crítica social contra as causas e consequências da guerra. Iremos nos ater a analisar essas críticas sociais, perceber como o autor trata da violência, seja ela física ou não, como retrata a realidade do campo de batalha e o que nos alega sobre as mutações da sociedade boliviana através desse confronto.

Céspedes, fazendo uso de seus personagens e narradores, critica fortemente a falta de logística por parte do governo boliviano e de suas forças armadas. Logo no primeiro conto o autor escreve sobre as dificuldades para se transportar por grandes distâncias os mantimentos dentro do Chaco, água e alimentos ficam escassos para as tropas, prejudicando ainda mais a vida em um ambiente hostil no meio de uma guerra. O poço, grande personagem inumano do conto, é buscado justamente pois no front já não havia água, e três soldados já haviam morrido de insolação¹³⁶. Ou seja, tudo que foi passado de ruim no conto, por conta da escavação do poço, é consequência da falta de água no front, que por sua vez tem como causa a falta de organização logística e preparação para enfrentar mais do que inimigos, um clima e uma natureza que tornavam tudo ainda mais difícil. As ordens superiores são para que a escavação continue, mesmo que com 20, 30, 40 metros de profundidade a água não brote no poço. A água é necessária e achá-la é uma questão de trabalho por parte dos soldados, pois “*nuestra gente se muere de sed*”¹³⁷ e não culpa da falta de organização das linhas logísticas das forças armadas bolivianas. Podemos ver em Céspedes que essas críticas em alguns momentos estão mais nas entrelinhas e em outros aparece mais claramente como em uma parte do trecho de “*La Coronela*” que evidencia os erros logísticos até mesmo na compra e no uso de granadas defeituosas:

*El día anterior al ataque los choques de patrullas adelantadas se evidenciaban por tiroteos lejanos y misteriosos. Ese día ocurrió un hecho desmoralizador. Se había distribuido a la tropa granadas de mano y en dos compañías de diferentes unidades estallaron súbitamente las granadas en los morrales de cuatro soldados, uno de los cuales murió. Las granadas se desacreditaron instantáneamente y los soldados las abandonaron, prefiriendo entrar al ataque sin ellas.*¹³⁸

¹³⁶ CÉSPEDES, Augusto. “El Pozo”. op.cit., p.24.

¹³⁷ Ibid., p.27.

¹³⁸ CÉSPEDES, Augusto. “La Coronela”. op.cit., p.79.

No mesmo conto o escritor, através da ironia, faz uma grande crítica as escolhas e pensamento do governo sobre a guerra em seu início, representado na figura do Presidente na época, Daniel Salamanca. O que se esperava era uma guerra rápida, e uma conquista do território de maneira fácil.

*El Presidente Salamanca, con la sencillez que le distingue, ha recorrido ese camino en un mapa de bolsillo, con su índice de momia. Dentro de su infinita sabiduría, el Presidente pronostica que bastara cerrar ese camino como un cinturón para que automáticamente las hordas, paraguayas, atemorizadas paralicen su invasión furtiva.*¹³⁹

Ainda neste conto, o narrador explica que a Bolívia não estava preparada para a guerra, poucos equipamentos e poucos homens foram o tom do início da guerra. Como exemplo ele diz em uma nota que antes do início da guerra o país só possuía 22 caminhões, de acordo com ele isso “[...] demuestra que no tenía intención de agredir al Paraguay, aunque un gobierno de embusteros hiciese el ‘bluf’ del guerrismo, al amparo del providencialismo salamanquista.”¹⁴⁰.

Apesar de mostrar em sua narrativa o grande apoio popular que a guerra tinha antes de seu início, Céspedes denuncia que os combatentes foram deixados à própria sorte pelos seus superiores e pelo governo, além disso demonstra a estupidez e o desconhecimento sobre o significado e motivos da guerra. Um dos trechos resume bem essa sensação, de acordo com sua narrativa as tropas:

*Sólo calculaban que allá, detrás del muro vago y grisáceo del horizonte de árboles tibias había unos invisibles enemigos desconocidos y más allá un río que era el río Paraguay, y que por el sur del Chaco, hacia el Pilcomayo, también había guerra.*¹⁴¹

Outro momento que se apresenta como denuncia é quando a narrativa toca em um dos principais fatos da guerra que foi a batalha de *Boquerón*¹⁴², quando poucos bolivianos ficaram cercados por milhares de paraguaios e resistiram por vários e vários dias. Em “*Humo de Petroleo*” a desorganização militar e governamental e fortemente criticada, já que fala sobre o absurdo que foi ter 600 bolivianos cercados por 12 mil paraguaios aguardando reforços que estavam a 500 km de distância.

¹³⁹ Ibid., p.55-56.

¹⁴⁰ Ibid., p.73.

¹⁴¹ Ibid., p.77-78.

¹⁴² Em uma das maiores batalhas da guerra, os paraguaios cercaram os bolivianos por 20 dias no fortín Boquerón até a rendição, durante o mês de setembro de 1932. Cf. VERÓN, Luis. *La Guerra Del Chaco* (1932-1935). Assunção: El Lector, 2010, p.49-71.

O militarismo é outro elemento de forte crítica no livro de Céspedes. Hinojosa, um dos personagens do conto “*La Coronela*”, é um grande defensor do ser militar. Mesmo sabendo dos problemas pessoais vivenciados pelo personagem principal ele defende a diferença deles para o resto da sociedade, dizendo que nas cidades não são nada, e que a honra de um militar está na guerra, está no Chaco. O final obviamente carrega a ironia de tal pensamento, já que Hinojosa morre metralhado antes do final do conto. No mesmo conto, quando o narrador vai descrever Santiago Sirpa, o personagem principal, diz que ele era feio, católico e sentimental “[...] *como la mayor parte de los militares que hacen en el colegio militar el terrible aprendizaje de la castidad*”¹⁴³.

O sem sentido do trabalho realizado no Chaco também foi motivo de crítica e denúncia, como por exemplo o da escavação contínua de um poço que se mostra sem água. Essa própria noção de falta de sentido dos trabalhos realizados no Chaco, graças as ordens superiores, tornam-se também uma metáfora da falta de sentido e de justificativa da própria guerra e da presença boliviana na região. Nas palavras de Céspedes, cavar o poço “*Es un suplicio sin mermo, sostenido cotidianamente con un jarro por soldado. Mis soldados padecen, dentro del pozo, de mayor sed que afuera, con el polvo y el trabajo, pero debe continuar la excavación.*”¹⁴⁴.

É bastante claro na narrativa de Céspedes que os combatentes foram carne de canhão durante a guerra. Para os poderosos pouco importava o quanto a guerra iria durar e quanto dinheiro seria gasto, afinal de contas aquilo era “*por el honor del país y del gobierno*”, como aponta a fala do Ministro de Munições no conto “*Las Ratas*”. O mesmo personagem também aponta que não faltam homens para a guerra, afinal de contas essa máquina da guerra necessitava de suas vidas, que homens fossem simplesmente substituídos por outros homens continuamente, “*como agua chupada pelo arenal*”¹⁴⁵. As imagens dos soldados evacuados do Chaco sem dedos, sem olho, com ferimentos de todos os tipos, corroboram essa ideia denunciatória que opõe as falas dos que estão no poder, e fora do Chaco, com o que realmente acontecia na guerra e suas terríveis consequências individuais. Tamanha estupidez e desespero leva alguns homens em guerra, como o personagem preso de “*Seis muertos en Campaña*”, a esperar e torcer pela derrota boliviana:

¹⁴³ CÉSPEDES, Augusto. “*La Coronela*”. op.cit., p.40.

¹⁴⁴ CÉSPEDES, Augusto. “*El Pozo*”. op.cit., p.27-28.

¹⁴⁵ CÉSPEDES, Augusto. “*La Coronela*”. op.cit., p.96.

“Dice que todo el ejército boliviano ha sido destruido en Cañada Carmen. Gracias a Dios.”¹⁴⁶. O importante é sobreviver e sair do inferno, afinal de contas para que se preocupar com uma vitória depois de tanto sofrimento e do sentimento de abandono pelos seus governantes e líderes militares. Francisco Zapatero nos fala que foi uma guerra pela sobrevivência e não pelo terreno¹⁴⁷. De acordo com Blanco Wiethuchter e Alba Paz-Soldán, para Céspedes o que entra em questão é:

*[...] la finalidad objetiva no sólo de este acontecimiento bélico, sino la pérdida de toda orientación política y social que se vivía tanto en el campo de batalla como en el país entero.*¹⁴⁸

Céspedes também faz questão de, através de seus narradores e personagens, apontar os culpados por tamanho desastre, dentre eles o governo boliviano, os interesses de grandes petrolíferas internacionais, da oligarquia boliviana e argentina e dos líderes militares e de sua política militar na questão. Em “La Coronela” o narrador aponta que capitalistas argentinos guiaram o avanço dos paraguaios para dentro do Chaco e que tem a pretensão de lucrar com a guerra e utilizar os caminhos abertos por soldados bolivianos para chegar até o petróleo da Bolívia:

*El ilustre aldeano no sospecha que detrás de los indicios objetivos de ese avance, se esconde una poderosa oligarquía capitalista que desde los bufetes y oficinas de Buenos Aires se apresta a sacar castañas con la mano de los semidesnudos paraguayos y, a su tiempo, usar los mismos caminos trabajados por los soldados bolivianos para llegar hasta el petróleo estancado en los repliegues de las montañas de Bolivia.*¹⁴⁹

A obra também põe em evidência os erros da política militar boliviana, entre elas a desastrosa escolha do General alemão Hans Kundt como comandante geral das tropas bolivianas no Chaco. Em determinado momento o personagem Sirpa se apresenta a Kundt, e o narrador fala que é a Europa que ensina a América a matar, e o texto segue com as falas de Kundt para Sirpa, fala estas cheias de erros de espanhol. Em uma nota no texto, Céspedes explica que devemos reconhecer a incompetência de Kundt, que o fez “sin composición estratégica del lugar, sin

¹⁴⁶ CÉSPEDES, Augusto. “Seis muertos en la campaña”. op.cit., p.116.

¹⁴⁷ SOLÉ ZAPATERO Francisco Xavier. “... ¡Y se los tragó el Chaco!”: El pozo, de Augusto Céspedes (metáfora de una “guerra estúpida” entre Bolivia y Paraguay)”, Pacarina del Sur [En línea], ano 3, n.12, julho-setembro, 2012.

Disponível em:<<http://www.pacarinadelsur.com/home/oleajes/493-iy-se-los-trago-el-chaco-el-pozo>> Acesso em: 10 jan. 2018.

¹⁴⁸ WIETHÜCHTER, Blanca; PAZ-SOLDÁN, Alba María. op.cit., p.147.

¹⁴⁹ CÉSPEDES, Augusto. “La Coronela”. op.cit., p.56.

control y sin inventiva”¹⁵⁰. Em outro momento a liderança de Sirpa em um ataque também é tratada de modo irônico, explicando que seu plano era carnicero, “*digno de un general alemán, bajo el sol del trópico*”¹⁵¹. A grande denúncia aqui é o despreparo do general alemão em comandar as estratégias bolivianas. Kundt, que participou da primeira guerra, tentou buscar estratégias semelhantes as utilizadas na Europa, desconsiderando a região onde lutavam.

São nos três últimos contos do livro que a denúncia dos culpados pelo desastre no Chaco mais aparece. Em “*Las Ratas*”, ao mostrar a história de Nicanor Lanza Fricke, um jovem boliviano de classe alta que acabou tendo que ir ao Chaco a contragosto, Céspedes defende o trabalho da imprensa de oposição boliviana¹⁵² em denunciar a não presença de jovens ricos na guerra graças ao seu conhecimento dentro da política boliviana, como o narrador conta no próprio caso do personagem principal, que inicialmente escapou da convocação por conseguir uma documentação que atestava ter taquicardia do tipo C.¹⁵³ Por conta dessa pressão de parte da imprensa, Nicanor vai ao Chaco, aproveitando sua estadia na guerra para fazer negócios de todo o tipo de produto com os argentinos através do contrabando, já que as fronteiras estavam fechadas. Aqui Céspedes faz uma crítica aos que se aproveitaram da guerra para enriquecer, especialmente os membros da oligarquia capitalista argentina e boliviana, de qual Nicanor era membro. O autor ilustra, através dessa ficção, a corrupção administrativa do governo em um conto com várias referências a personagens governamentais. Nas palavras do escritor boliviano Guido Arze:

*El cuento, usando el sarcasmo y la ironía da fiel testimonio de que la corrupción abarcaba todos los suministros, desde simples botones hasta aviones de guerra. Nicolás negociaba, sobornaba, se enriquecía traficando con todo.*¹⁵⁴

Os conchavos, o enriquecimento através de atos ilícitos e o favorecimento de indivíduos e empresas pelas entidades governamentais são retratados, fazendo a denúncia da existência na Bolívia de uma oligarquia antipatriótica.

¹⁵⁰ Ibid., p.86.

¹⁵¹ Ibid., p.84.

¹⁵² Como dito no início do capítulo, Céspedes foi correspondente de guerra justamente em um jornal de oposição ao governo, o *El Universal*.

¹⁵³ CÉSPEDES, Augusto. “*Las Ratas*”. op.cit., p.169.

¹⁵⁴ ARZE, Guido J. “*Pueblo enfermo o la aporía del “pueblo enfermo”*”. op. cit., p.55.

As denúncias mais pesadas vieram no último conto, que trata de um encontro de um soldado com um fantasma sem cabeça em um sonho. Esse fantasma vaga para assustar o soldado que o matou, e daí uma conversa se desenrola com o soldado que sonhava explicando que não se deve culpabilizar um indivíduo pelo que ocorreu com o fantasma, já que “*El soldado no es autónomo, es sólo un instrumento auxiliar acoplado a la metralladora o al fusil...*”¹⁵⁵. De acordo com o combatente, o fantasma teria um grande trabalho para se vingar de quem realmente teve culpa pela sua morte, já que “*Hay tantas potencias que mandan en el Chaco.*”¹⁵⁶ O discurso de Céspedes aqui é abertamente antiburguês e anti-imperialista, e como nos conta Guido Arze:

*La novela de la guerra del chaco también se ocupó de señalar las causas externa del conflicto. Entre las cuales como la principal se destaca la injerencia del imperialismo norteamericano – de dicho planteamiento se derivaría y definiría una parte de la ideología del nacionalismo boliviano.*¹⁵⁷

Esse imperialismo dos Estados Unidos foi denunciado principalmente na figura da petrolífera Standard Oil, que se favoreceu da defesa dos soldados bolivianos aos seus poços de petróleo e refinarias enquanto supostamente não auxiliava o governo boliviano¹⁵⁸:

*La Standard, negro dios petrolífero, verá impasible morir a los indios bolivianos al pie de sus torres de acero, entretanto el gobierno boliviano – que ante el mundo aparece como su socio – no sólo no recibe ayuda pecuniaria sino que debe comprar gasolina de la Argentina, el Perú y los Estados Unidos para defender esos pozos.*¹⁵⁹

Em determinado momento do texto o combatente fala o seguinte para o fantasma que busca vingança:

¹⁵⁵ CÉSPEDES, Augusto. “Opiniones de dos Descabezados”. op.cit., p.219-220.

¹⁵⁶ Ibid., p.221.

¹⁵⁷ ARZE, Guido J. “Pueblo enfermo o la aporia del “pueblo enfermo”. op.cit., p.53.

¹⁵⁸ De acordo com a crença popular e de parte dos intelectuais que analisaram as causas da guerra até os anos 1970, o principal motivo envolvia um conflito entre a *Standard Oil* e a *Royal Dutch* pelos supostos poços de petróleo que existiriam no Chaco. De fato, o petróleo foi um elemento importante, especialmente nos objetivos de guerra dos paraguaios quando se aproximaram dos campos de petróleo bolivianos na base dos Andes. Ambas as empresas não tiveram influência nenhuma na guerra, tendo a *Standard Oil* inclusive se recusado a fornecer veículos próprios no esforço de guerra boliviano e vendido petróleo para a Argentina, que desde o início se posicionou a favor do Paraguai e repassava petróleo ao mesmo. Essa crença, mesmo não sendo verdadeira, foi de enorme importância na retórica boliviana do pós-guerra, sendo utilizada em decisões políticas e econômicas, especialmente aqueles referentes a nacionalização da exploração do petróleo e expulsão da *Standard Oil*, bem como ao ressentimento exprimido por intelectuais, políticos e pela população local. Cf. COTE, Stephen Conrad. op.cit.

¹⁵⁹ CÉSPEDES, Augusto. “Opiniones de dos Descabezados”. op.cit., p.222.

*Es responsable, joven esqueleto, toda una organización diplomática burguesa que bebe sangre en copos de champán, y toda una organización imperialista que en América hace subir y bajar bonos conforme a su stock de cadáveres.*¹⁶⁰

Ele aponta como culpados pela morte do agora fantasma e pela guerra em si vários indivíduos, instituições e empresas: os presidentes paraguaios José Patricio Guggiari e Eligio Ayala, os caudilhos bolivianos, o presidente boliviano Daniel Salamanca, a oligarquia conservadora argentina, o presidente argentino General Agustín Justo, o chanceler argentino Saavedra Lamas, os empresários Carlos Casado, Nicolás Mihanovich, a Standard Oil, a Royal Dutch Shell, a plutocracia anglo-argentina, a oligarquia boliviana e o imperialismo estadunidense.

Enquanto o Estado culpou a tropa, o povo boliviano pela derrota, Céspedes mostra que a realidade histórica é oposta, desmentindo a versão historicista oficial que atribuía a derrota a baixa moral dos combatentes¹⁶¹ e apresentando sua própria versão sobre essa parte fundamental da história boliviana através de seus contos ficcionais.

A violência também se faz presente na narrativa de Céspedes em forma de denúncia. Ela é feita através das falas dos personagens e narradores dos contos, e mostra as dificuldades passadas por conta da guerra. O pesquisador Oswaldo Arana trata a violência da guerra como niveladora da experiência de paraguaios e bolivianos¹⁶², a violência seria então um aspecto primordial para entender como os autores narraram a vivência dos homens durante a guerra. Anteriormente já analisamos a importância dada pelo autor da natureza enquanto inimiga, o que já permite visualizar grande parte dessa violência física e psicológica vivida ali.

A primeira violência que iremos falar aqui é a mais comum, aquela que envolve os corpos. A morte e toda violência que é causa dela se tornam elementos comuns em todos os contos. Esqueletos, homens doentes, feridas, tudo isso é usado de uma forma que tenta causar uma impressão do real para aqueles que estão lendo. Mais violento que a própria morte nos parece a eminência da mesma nesses corpos *mestizos*. No conto “*La Coronela*”, em um momento que o narrador fala sobre a famosa batalha de Boquerón, Céspedes nos traz a seguinte imagem através da fala desse narrador: “[...] 600 esqueletos que ya no se alimentaban más que de barro y

¹⁶⁰ Ibid., p.224-225.

¹⁶¹ ARZE, Guido J. “Pueblo enfermo o la aporía del “pueblo enfermo”. op.cit., p.54.

¹⁶² ARANA, Oswaldo. El hombre en la novela de la Guerra del Chaco. *Journal of Inter-American Studies*, Miami, v.6, n.3, 1964, p.352.

correas de cuero. Entre dichos esqueletos había enfermos, heridos purulentos y tetánicos.”¹⁶³. Os vivos quase mortos são trazidos por Céspedes para dentro daquela imagem que ele faz da guerra, combatentes cadavéricos pedindo água, soldados feridos tostando ao sol, provavelmente fizeram parte do que viu e viveu Céspedes no Chaco. Seu testemunho é transplantado em termos ficcionais, mas mantém aquela capa de realidade tão comum nesse tipo de trabalho literário. O objetivo aqui, de certa forma, lembra o de Erich Maria Remarque em *Nada de Novo no Front*. Muito mais do que mostrar a simples e pura realidade aterrorizante da guerra com o básico objetivo de dar testemunho, Céspedes mantém através desses relatos um objetivo pacifista, que, assim como em Remarque, primeiramente choca para assim fazer pensar.

Apesar da natureza aparecer como grande inimiga, o autor não deixa de lado a violência perpetrada pelos combatentes paraguaios. Não é que ele mostre os paraguaios como aterrorizantes, perigosos e sem coração como mostra o Chaco, mas que o homem ali também é fruto do meio e principalmente que não são eles que decidem o seu futuro e o futuro de seus inimigos, mas sim ordens superiores de homens a milhares de quilômetros do Chaco. Do mesmo modo é mostrada a violência do lado boliviano, como por exemplo em casos de fuzilamento por deserção, o que acaba igualando paraguaios e bolivianos nessa realidade cheia de infortúnios. A morte e o suicídio são imagens de violência que também se fazem presentes nos contos. Muitas das vezes tirar a própria vida parece ser a única maneira de fugir do Chaco, da sede, do calor.

Outro tipo de violência mostrada em *Sangre de Mestizos* se mantém mais relacionada com a parte moral e psicológica dos homens. Céspedes demonstra a violência da hierarquia militar, com a propriedade de quem já esteve naquele lugar como suboficial. O autor interpreta a hierarquia militar como mais uma das grandes culpadas pelos acontecimentos na região. Seus personagens principais, como mostrado anteriormente, sempre são *mestizos* em posição intermediária na hierarquia militar. Tanto quanto dão ordens, também a recebem. Suas palavras são mais ecos do que vem de cima do que ordens próprias. Um ótimo exemplo se encontra no conto “*El Pozo*”, cujo suboficial Miguel Navajas, mesma posição ocupada por Céspedes, é obrigado por ordens superiores a manter a escavação de

¹⁶³ CÉSPEDES, Augusto. “La Coronela”. op.cit., p.71.

um poço, mesmo não tendo mais esperança de encontrar água. Os grandes culpados por tudo mais uma vez são mostrados, os de alta patente, aqueles que não estão no front. A diferença entre ordens vindas de longe e as preocupações e problemas vivenciados por quem realmente faz a guerra são latentes, demonstrando toda essa violência moral, psicológica e que até mesmo tem como consequência a violência física, a morte e o matar, tantas vezes sem sentido.

A realidade da vida em guerra é intensa e mostra o quanto de dificuldade foi enfrentada por quem esteve no Chaco. As já faladas enfermidades, a presença da morte e natureza, marcaram o sobreviver na guerra. E isso nos passa Céspedes. Havia pouca vida no Chaco e mais sobrevivência. As relações humanas ficavam ainda mais extremas pois faltava tudo, água, alimento e dignidade, como nos mostra Céspedes em uma das partes de “*El Pozo*”, que quando chega o caminhão que leva água aos combatentes causa uma enorme confusão entre os homens, tendo o suboficial Miguel Navajas que intervir. A sede, como falado anteriormente, faz parte dessa realidade da guerra:

*La sed, con su incandescencia amarga, nos descascaraba los labios y nos hinchaba las lenguas. Ya ninguno sudaba. Se apoderó de mis fauces un demonio que me lamía la garganta, y sentía mi sangre como resina. Mi boca me parecía extraña, como una caja de cartón recubierta de pintura seca, algo insólito y desagradable. El acto de la deglución se me repetía mecánicamente, produciéndome a cada instante un golpe doloroso en la garganta.*¹⁶⁴

Enquanto Céspedes representa o Chaco com características humanas, os homens em guerra vão se tornando cada vez mais animalizados. Sua condição em combate deixa pouca margem para a vida, tanto é que alguns, como o Coronel Sirpa do conto “*La Coronela*”, prefere ficar no Chaco para esquecer os problemas que as notícias lhe trazem da Bolívia. O seguinte trecho deixa bem clara essa condição desumanizada dos combatentes:

*Bajo la lluvia de alfileres de sol que atravesaban el ramaje quemado por el calor, veía a mis compañeros como una cadena de forzados, hollando la tierra con monótono paso de bueyes. Uno detrás de otro: el polvo acumulado en las arrugas de las caras, los pómulos agudizados, las bocas semiabiertas, con gesto idiota, la barba crecida, avanzaban como un caracol, cortando la inmovilidad del bosque.*¹⁶⁵

Em sua narrativa não só os bolivianos são desumanizados ou animalizados, também os paraguaios, demonstrando que a guerra afetava todos os tipos de seres

¹⁶⁴ CÉSPEDES, Augusto. “El Milagro”. op.cit., p.139.

¹⁶⁵ Ibid., p.138.

humanos, independente da sua origem. Nas palavras de Cecilia Zokner, “Com relação aos soldados do campo contrário [...] não os sentem como inimigos, mas como homens que se encontram nas suas mesmas condições.”¹⁶⁶. Isso fica latente quando percebemos que em alguns trechos os paraguaios são também animalizados:

*Nos condujeron por un sendero y aparecieron nuevos pilas que tendidos en el suelo levantaban sus cabezas sucias, monstruosamente sudadas, hirsutas, emergiendo de las oscuras camisas desgarradas, brotando del monte como un rebaño de monos azulencos.*¹⁶⁷

Céspedes faz questão de mostrar ao leitor os momentos aterrorizantes vividos em batalha, a loucura diária, a luta para escapar do Chaco, do calor e da sede. Em diversos momentos a fuga, mesmo que ilusória, é pintada por Céspedes. Momentos extremos são retratados com maestria pelo escritor boliviano. A falta de ciência do que fazer em batalha, a noção de ser uma simples caça dentro do Chaco, se opõe a monotonia que muitas das vezes é vivenciada pelos que ali estão:

*La monotonía de la guerra de posiciones, en el bosque al que se pegaba el polvo de una lenta y tenaz ascensión de entierro, dejaba pasar las horas remachadas una tras otra por el periódico martilleo de ráfagas de ametralladoras y disparos de fusil.*¹⁶⁸

Outra importante característica dos contos de Céspedes é a não existência de heroísmo. O autor não tem a intenção de fazer com que seus contos sejam épicos e heroicos, mas demonstrar o que seria a realidade nada heroica no campo de batalha. Seus personagens erram, vacilam e cometem até pequenos furtos, como relatado em “*Humo de Petroleo*”, quanto o personagem principal furta as botas de um correspondente para vender no front e o narrador afirma que “[...] *nada de extraordinario, de heroico o maravilloso le había ocurrido [...] de la guerra sólo podía referir hazañas relacionadas con robos y hurtos*”¹⁶⁹. Neste conto Céspedes brinca com essa ideia de aventura que a guerra seria para os jovens. O personagem principal, um chofer, não relutou em nenhum momento para se apresentar a servir como motorista de caminhão, dada a sua gana aventureira e “*su prestigio de macho.*”¹⁷⁰. Chegando no Chaco a ideia que tinha sobre a guerra é desfeita aos poucos pela narrativa de Céspedes, mostrando a guerra como estúpida e sem

¹⁶⁶ ZOKNER, Cecilia Teixeira de Oliveira. Céspedes e Roa Bastos, duas visões da guerra do Chaco: unidade. *Revista Letras*, Curitiba, v.21, 1974, p.93.

¹⁶⁷ CÉSPEDES, Augusto. “Seis muertos en la campaña”. op.cit., p.120.

¹⁶⁸ CÉSPEDES, Augusto. “La Paraguaya”. op.cit., p.201.

¹⁶⁹ CÉSPEDES, Augusto. “Humo de Petroleo”. op.cit., p.158.

¹⁷⁰ Ibid., p.151.

heroísmo. No fim do conto essa gana aventureira é interrompida pela trágica morte do personagem boliviano, que se quis herói em uma guerra sem heroísmo.

Tudo isso que foi analisado aqui, a crítica social sobre a estupidez da guerra, a visão de heroísmo que vai se destruindo aos poucos, o apontamento dos culpados pela guerra, vai transformando essa sociedade boliviana. O objetivo de Céspedes como já falado, não é somente apontar culpados e interpretar a nação e a guerra, mas busca com sua narrativa ajudar a criar bases para uma mutação na sociedade e nação boliviana. É preciso mostrar o lado negativo da guerra que acabou unindo os bolivianos no desastre, mostrando que independente de suas origens, de sua hierarquia e classe, os que realmente estiveram no front sofreram de modo semelhante por absolutamente nenhum motivo plausível. De acordo com Zokner, essa fraternidade foi “originada das condições impostas pelo meio ambiente, pelo ceticismo que adquirem face à situação e que provoca neles um afastamento da maneira de comportar-se e de sentir”¹⁷¹. São várias as metáforas que Céspedes utiliza para demonstrar essa mudança gerada por esses homens no Chaco. O Chaco muda a relação entre eles, muda o indivíduo e o coletivo, apresenta outras possibilidades em termos de nação. Diferentemente de outros pensadores que ao longo do tempo pensaram essa união da população de seus países através do épico, da vitória, Céspedes transforma a desgraça desses indivíduos em união, une na desgraça essa sociedade tão plural.

2.5

A transformação da nação pela guerra

O livro de Céspedes marca uma transformação da nação boliviana. Como já visto, Céspedes pensa a nação a partir da derrota de uma estúpida guerra, pensando o *mestizo* como o grande ponto central dessa nação tão plural. É possível então perceber o lado positivo dessa guerra, esse emergir da Bolívia como uma nova nação após os trágicos acontecimentos no Chaco:

Após essas perdas e a Guerra do Chaco (1932-1935), contra o Paraguai, o que se segue é a constatação de um país redescoberto por meio da consternação com a derrota, da indignação ante a desigualdade social e da certeza de que algo precisava ser feito. As trincheiras, os campos e as frentes de batalha associados à visão de

¹⁷¹ ZOKNER, Cecilia Teixeira de Oliveira. op.cit., p.93.

homens morrendo por um país que os marginalizava conseguiu sensibilizar brancos, mestiços, quéchuas e aimarás, e trouxe nova consciência nacional.¹⁷²

Céspedes aponta em alguns de seus contos não o heroísmo, mas a força mostrada por esses bolivianos em uma guerra estúpida. Mesmo enfrentando várias adversidades ainda existia um povo corajoso, que se mostrava como o oposto dos governantes e dessa burguesia antipatriótica. Um trecho é bem interessante sobre esse sentimento. Em “*La Coronela*”, o grupo de combatentes, após 25 dias de marcha sob intenso calor, ainda guarda forças para um ataque:

*Esa tropa de vigor sobrehumano tuvo fuerzas de entrar al ataque al grito de “Viva Bolivia”, en el sol quemante que hacía hervir los sesos, coagulando la sangre en las arterias de muchos soldados que morían en los pajonales como escorpiones rodeados de brasas, mientras las balas pasaban por encima, sin ultimarlos.*¹⁷³

É claro que os lados negativos dessa guerra foram muito maiores do que o lado positivo, mas, de acordo com a narrativa de Céspedes, serviram para mostrar a força do *mestizo* enquanto sujeito da nação e os culpados históricos não só pela vergonhosa guerra, mas muito também por outras derrotas históricas e pelos vários problemas bolivianos. Foi, portanto, um fato histórico gerador de uma autocrítica nacional que constituiu grande utilidade para a transformação contemporânea do país, levando a repensar as representações nacionais. Logicamente esse processo de mudança se estabelece anteriormente à própria guerra, já que mesmo antes da eleição de Daniel Salamanca para presidente, este que surgia como candidato universal, problemas surgiam para ele e para os políticos tradicionais pois o governo oligárquico republicano começava a perder força. O pensamento marxista radical se espalhava entre os universitários bolivianos e os movimentos dos trabalhadores endureciam sua participação política com greves mais intensas. Além disso o campesinato indígena se levantava contra as arbitrariedades e cegueira do governo para com a problemática da terra¹⁷⁴. Os grupos marginais começaram a surgir com força no país, mas ainda não eram suficientemente fortes para dismantelar o sistema político tradicional naquele momento. A chegada da guerra, e seu trágico fim, criaria o contexto ideal para que essa etapa de transição pudesse finalmente ganhar

¹⁷² FERREIRA, Stael Moura da Paixão. *Literatura e identidade nacional: representações culturais, étnicas e linguísticas na fronteira Brasil-Bolívia*. Corumbá, 2013. 136p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, p.95-96.

¹⁷³ CÉSPEDES, Augusto. “*La Coronela*”. op.cit., p.79.

¹⁷⁴ Durante a década de 1920 ocorreram 2 grandes levantes no campo, o de Jesús Machaca em 1921 e em Chayanta, Potosí em 1927.

força, cujo desfecho se estabeleceu somente em 1952, com a Revolução¹⁷⁵. Céspedes e os outros autores da geração do Chaco se estabelecem como primordiais em denunciar os graves acontecimentos e mostrar outros caminhos possíveis para os bolivianos em vários aspectos daquela sociedade, sendo parte fundamental desse contexto de transição que se estabelecia.

A narrativa do autor boliviano marca as mudanças políticas e sociais necessárias, de certa forma apontando, com as suas denúncias, a busca pelo fim da oligarquia boliviana que tanto mal trouxe para o país, o fim de uma política social que favorecia o elemento branco para a construção e manutenção da nação e a ideia de que a nação deveria ser constituída na sua heterogeneidade e pluralidade de culturas e origens. No campo econômico suas denúncias contra o imperialismo americano apontam para uma revisão nas ideias econômicas bolivianas, favorecendo o nacional e não o capital internacional.

Podemos apontar na narrativa de Céspedes o quanto foi positivo o Chaco enquanto lugar de encontro. A nação se encontrou no Chaco e o autor fez questão de apontar isso. Seus personagens são originais de vários locais e Céspedes sempre mostra de que região e cidades vieram esses personagens. *Potosinos, Vallegrandinos, Cochabambinos, Cruceños* e tantos outros se uniram e deram a conhecer um ao outro e a grande pluralidade boliviana. A identidade própria que eles guardam não é mostrada como algo negativo para a conformação da nação, na narrativa o que os une é a própria experiência vivida ali, a história do desastre que foi a guerra do Chaco. Especificamente sobre o conto “El Pozo”, Wiethuchter e Paz-Soldán analisam que:

*Si bien reformula un sentido de lo boliviano en el ámbito de lo extraño, también enemigo, mantiene en tensión ya no las fuerzas de integración y exclusión entre bolivianos, sino el vértigo del sinsentido encubierto por una experiencia delirante. [...] es la pluralidad regional que encuentra su discurso único en la fatalidad de la excavación de un pozo.*¹⁷⁶

A fraternidade não surgiu do nada, ela se deu graças ao Chaco como lugar de encontro e foi “originada das condições impostas pelo meio ambiente, pelo ceticismo que adquirem face à situação e que provoca neles um afastamento da

¹⁷⁵ FREIRE, Eduardo Maganha. *Bolívia: Crise de coesão territorial no coração da América do Sul*. São Paulo, 2008. 116p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p.41.

¹⁷⁶ WIETHÜCHTER, Blanca; PAZ-SOLDÁN, Alba María. op.cit., p.143

maneira de comportar-se e de sentir.”¹⁷⁷ Para Nadia Guevara-Ordoñez, teria sido nas trincheiras do Chaco que os habitantes do território boliviano se reconheceram e tiveram a possibilidade de pensar a nação¹⁷⁸. Isso de fato nos permite pensar sobre a obra de Augusto Céspedes, já que o mesmo esteve nas trincheiras do Chaco e essa vivência da guerra foi sem dúvida um constituidor de seu pensamento e de sua narrativa. Guevara-Ordóñez explica que o contato entre os soldados, vindos de várias partes do país, inclusive aí indígenas, e os relatos gerados pela guerra, fizeram com que a população fosse conhecendo as condições estruturais do país¹⁷⁹. Aqueles que vinham das minas contavam sobre suas condições, enquanto os camponeses falavam das suas vidas, e ao mesmo tempo mantinham contato com universitários e intelectuais que também estavam nas trincheiras, como no caso do personagem Kruger do conto “El Milagro”, um estudante em uma universidade europeia que muito sofreu em um ambiente ao qual não estava acostumado¹⁸⁰. No fim da guerra, a Bolívia ganhara uma base para sua conformação como nação, e uma nova geração de intelectuais seria capaz de narrar as condições bolivianas e a própria guerra de maneira menos épica. Em Céspedes, por exemplo, não só se denunciou os horrores da guerra, mas também as condições sociais, políticas e estruturais que levaram o povo boliviano para essa grande tragédia¹⁸¹.

Para esses jovens da “geração do Chaco”, seu sacrifício tinha sido em vão. Eles saíram descontentes com a liderança do exército, que os havia conduzido ao desastre, e frustrados com o sistema político que tinha gerado todo o imbróglio do Chaco. Esse sentimento de amargura e frustração teve sua expressão mais imediata na grande produção de romances realistas que começaram a surgir logo nos primeiros meses da guerra e continuaram a dominar a literatura nacional até bem entrada a década seguinte. Os amargurados romances proletários vieram a constituir o gênero Chaco e, romance após romance, a crueldade da guerra, o desperdício de vidas. A fome e a sede, a incompetência, traição e covardia da oficialidade se tornaram temas comuns.¹⁸²

De acordo com Olver de León:

La experiencia del Chaco, por las características como se desarrolló, fue el fermento de una nueva conciencia nacional, y a partir de entonces la literatura ha sido el mejor testimonio de ello. En la guerra, el pueblo comprendió que estaba obligado a

¹⁷⁷ ZOKNER, Cecilia Teixeira de Oliveira. op.cit., p.93.

¹⁷⁸ GUEVARA-ORDÓÑEZ, Nadia S. Discurso, historia y construcción nacional en Bolivia. *Papel Político*, Bogotá, v.15, n.1, 2010, p.243.

¹⁷⁹ Ibid., p.244.

¹⁸⁰ CÉSPEDES, Augusto. “El Milagro”. op.cit., p.135.

¹⁸¹ GUEVARA-ORDÓÑEZ, Nadia S. op.cit., p.245.

¹⁸² KLEIN, Herbert S. *História da Bolívia*. Brasília: Editora UNB, 2016, p.244.

*luchar por intereses ajenos, tomo conciencia de la explotación y manipulación de que era objeto por parte de las clases dominantes.*¹⁸³

Mas não foram só os romancistas que formularam novas ideias. A desastrosa guerra deu à esquerda um papel cada vez mais importante no discurso contra a sociedade e política tradicionais. Essa reinterpretação da realidade boliviana, aponta Klein, foi um “ataque fundamental ao consenso racista da sociedade e à natureza oligárquica de sua vida política e econômica”¹⁸⁴. É neste momento que surge o que já foi falado anteriormente, o discurso de responsabilidade sobre a guerra como fruto dos interesses das corporações de petróleo multinacionais¹⁸⁵, espalhado em toda a sociedade durante mais de 50 anos, assim como a culpabilidade dos velhos políticos, que teriam entrado em uma guerra motivados por defender o seu próprio poder. O fim da guerra estabeleceu novos discursos e novas bases do pensamento moderno boliviano, que já vinham de um processo de modificação ao longo das últimas décadas. A guerra criou a condição perfeita para que novos agentes surgissem e para que a velha ordem tradicional caminhasse para o seu fim.

Temas como o da nacionalização das minas e dos direitos indígenas foram discutidos no seio da política feita pelos mestiços e brancos; vários partidos radicais foram sendo criados, o primeiro deles em 1934, o *Partido Obrero Revolucionario*¹⁸⁶, parte da vanguarda do movimento revolucionário que culminaria com a Revolução de 1952. Em maio de 1936 ocorreu uma bem-sucedida greve geral, o que abalou ainda mais a frágil permanência de Sorzano no poder, que apesar das tentativas reformistas não teve apoio político para colocá-las em prática e nem para continuar na presidência. A greve serviu como justificativa para o golpe já planejado de um corpo de oficiais liderados por Germán Busch¹⁸⁷ e David Toro¹⁸⁸. Toro assumiu a presidência enquanto Busch se estabelecia como o grande

¹⁸³ DE LEÓN, Oliver G. *Literaturas ibéricas y latinoamericanas contemporáneas: una introducción*. 1ª ed. Paris: Editions Ophrys, 1981, p.281.

¹⁸⁴ KLEIN, Herbert. op.cit., p.245.

¹⁸⁵ Em 1937, muito graças ao discurso de culpabilidade da Standard Oil nas causas da guerra, o presidente Toro confisca formalmente todos os poços e equipamentos da empresa na Bolívia, expulsando-a. A nova empresa estatal, Yacimientos Petrolíferos Fiscales de Bolivia, fica responsável pela exploração de petróleo em todo o país. Esse momento foi importantíssimo na História boliviana, e se tratou da primeira desapropriação de uma grande empresa estadunidense na América Latina. Ibid., p.252.

¹⁸⁶ É um partido político fundado em 1935 no Congresso de Córdoba. Esteve ligado a história político-social da Guerra do Chaco, procurando se vincular ao marxismo internacional, ou seja, à IV Internacional. Possui até hoje um vínculo ideológico trotskista.

¹⁸⁷ Nascido em 1904, foi um militar e político boliviano, presidente na Bolívia entre 1937 e 1939.

¹⁸⁸ Nascido em Sucre no ano de 1908, foi militar e político, presidente entre 1936 e 1937.

poder por trás, dando início a um período de governos liderados por jovens oficiais que haviam participado da guerra¹⁸⁹. É nesse contexto que a tomada de consciência sobre o problema da identidade nacional boliviana se torna cada vez mais presente, produzindo uma inquietude mais proeminente na tentativa de encontrar o caráter nacional¹⁹⁰. Augusto Céspedes, com a publicação de seu livro *Sangre de Mestizos* em 1936, torna-se um dos intelectuais capazes de revisar o passado boliviano e acelerar o processo de restauração nacionalista¹⁹¹.

Céspedes também utiliza da língua quéchua e do aimará para demonstrar essa diversidade que constituía o país. Essas falas em línguas nativas americanas, de algo que afastava os bolivianos, tornou-se mais um aspecto em termos de reconhecimento da diversidade do país e das origens indígenas do povo. Guido Arze explica que um dos mais importantes sentimentos coletivos deriva dessa tomada de consciência sobre a grande diversidade linguística e étnica do país andino.¹⁹² “*De ese modo el cuento de Céspedes expresó la heterogeneidad cultural de Bolivia, lo que en la literatura de la época era frecuentemente pasada por alto.*”¹⁹³ Se antes da guerra todas essas diferenças eram motivo de separação e isolamento dos indivíduos, durante a guerra, e através dessas narrativas sobre ela, essa pluralidade foi vista como fundamental para que uma nova nação surgisse. Arze explica que os problemas causados por essa diversidade linguística, que era ignorada para a integração nacional e a consolidação da nação, manifestou-se de maneira drástica, pois a maioria falava a língua de sua região e pouco da língua oficial, o que acabava dificultando as relações:

*Concretamente, la tropa, compuesta en su mayoría por nativos de las etnias aymara y quechua casi en su integridad habitantes rurales no podían comprender las instrucciones impartidas por una oficialidad mayoritariamente “blanca”, urbana e ignorante de las lenguas nativas. Resultaba patente que los bolivianos compartían un territorio común, pero no constituían una unidad nacional.*¹⁹⁴

Era preciso constituir uma unidade nacional após a guerra, e narrativas sobre a guerra, principalmente *Sangre de Mestizos*, mostraram que essa integração social,

¹⁸⁹ KLEIN, Herbert. op.cit., p.249.

¹⁹⁰ LORINI, Irma. *El nacionalismo en Bolivia de la pre y posguerra del Chaco (1910-1945)*. La Paz: Plural editores, 2006, p. 97.

¹⁹¹ Ibid., p. 98.

¹⁹² ARZE, Guido J. “La Guerra del Chaco y la radicalización política como génesis de la novela revolucionaria”. op.cit., p.55.

¹⁹³ Ibid., p.55.

¹⁹⁴ Ibid., p.56.

cultural e geográfica não existia e que deveria ser moldada na pluralidade boliviana, e não na tentativa homogeneizante de se criar a nação. A guerra é mostrada por Céspedes como ponto de contato entre esses bolivianos de todas as regiões do país, o primeiro evento que possibilitou um contato tão grande, o que pode ser interpretado como o grande ponto positivo dessa guerra. Desenvolver a consciência sobre o que era esse país e da necessidade de se construir a nação boliviana moderna foi fundamental na narrativa do autor boliviano, podendo ser considerado uma de suas maiores preocupações na constituição de sua obra.

3

Crítica Social, Natureza, Guerra e Nação em *Hijo de Hombre*

3.1

Augusto Roa Bastos, o intelectual e seu livro

Hijo del hombre, tú habitas en medio de casa rebelde... (XII, 2).

...Come tu pan con temblor y bebe tu agua con estremecimiento y con anhelo... (XII, 18).

Y pondré mi rostro contra aquel hombre, y le pondré por señal y por fábula, y yo lo cortaré de entre mi pueblo... (XIV, 8).

Ezequiel

...He de hacer que la voz vuelva a fluir por los huesos...

Y haré que vuelva a encarnarse el habla...

Después que se pierda este tiempo y un nuevo tiempo amanezca....

*Himno de los muertos de los guaraníes*¹⁹⁵

Os dois trechos acima constituem as epígrafes de *Hijo de Hombre*, livro de Augusto Roa Bastos, e introduzem, de fato, um dos principais aspectos de seu romance: a dualidade. O romance de Roa Bastos é recheado de dualidades, justiça/injustiça, religiosidade popular/religiosidade oficial, letramento/oralidade, castelhano/guarani. Nas epígrafes escolhidas por Roa Bastos temos uma da tradição judaico-cristã, escrita e retirada do Livro de Ezequiel, e a segunda da tradição guarani, propagada oralmente desde tempos anteriores à colonização. A religião enquanto veículo de aculturação estará fortemente presente no romance, como poderá ser verificado ao longo do capítulo, mantendo ainda vários elementos das tradições ancestrais de matriz indígena, como é o caso do Hino da epígrafe, um referente mítico da nação paraguaia. O destino dos personagens principais de Roa Bastos também terá relação direta com o paradigma bíblico, tendo seus destinos marcados pela missão de salvação do povo paraguaio. Assim como a história de vida dos personagens, a história paraguaia e a nação serão em Roa Bastos um conjunto de ciclos, como já nos mostra o próprio trecho referente ao Hino dos mortos do povo guarani.

Augusto Roa Bastos nasceu em 13 de junho de 1917 em Assunção. Com apenas 2 anos passa a viver em Iturbe, uma pequena cidade no sul do país. Seu pai

¹⁹⁵ ROA BASTOS, Augusto. "Epígrafe". In: *Hijo de Hombre*. Barcelona: Editorial Argos Vergara, 1979 (c.1960), p. 8.

passa a administrar um engenho de açúcar, e muito do que viveu na infância em Iturbe, em uma zona rural, será de inspiração para parte da temática e da construção de suas ficções e seus personagens. Roa Bastos aprende a língua guarani em casa, através de sua mãe. Esse contato com o espanhol e com o guarani marca sua personalidade, sua escrita e seu pensamento sobre o bilinguismo paraguaio e o poder da oralidade em guarani. Em seus livros essa oralidade e os mitos guaranis se farão presentes, fazendo de Roa Bastos um exemplo de interlocução entre a cultura erudita, em espanhol, e a oralidade guarani.¹⁹⁶

Em 1925 Roa Bastos volta a capital no intuito de completar seus estudos. Graças ao seu tio, Hermenegildo Roa — bispo da Igreja Católica — Augusto conseguiu uma vaga no Colégio São José e teve uma convivência formativa, não só religiosa, mas também em termos literários e filosóficos. Em 1931 escreve seu primeiro conto: *Lucha hasta Alba*¹⁹⁷. O ano de 1933 marca uma reviravolta em sua vida, quando decide fugir com alguns amigos e viajar em direção ao front de guerra. Não chegou a entrar em combate, mas como assistente de enfermagem no Chaco vivenciou o horror do sangrento conflito, as mortes por projéteis, os soldados desidratados e o sofrimento dos inimigos. Essa vivência se tornou marcante para Roa Bastos, e mudaria para sempre a maneira de ver o mundo ao redor. Muito do que foi vivenciado pelo autor foi retratado em forma de uma escrita socialmente compromissada em *Hijo de Hombre*.

Após a guerra voltou para a capital, onde trabalhou como jornalista e cronista policial no jornal *El País*, além de continuar realizando suas produções literárias. No mesmo ano ingressa na Universidade de Assunção. Em 1940, junto com outros intelectuais, desencadeia o movimento literário e intelectual conhecido como “geração de 40”, o qual ganha visibilidade internacional. No mesmo ano publica seu primeiro livro de poesias, *El ruiseñor de la aurora y otros poemas*¹⁹⁸. Sobre as marcas desse período para o intelectual, Giane Giacon explica:

A década de 1940 se tornaria um marco importante na vida literária de Roa Bastos, pois ele se integra ao grupo literário formado pelos escritores paraguaios Herib Campos Cervera e Josefina Plá como discípulo. Esse contato intelectual provocou, em termos literários, uma renovação na estética paraguaia, pois o grupo adota o estilo

¹⁹⁶ GIACON, Giane Maria. *O Paraguai de Roa Bastos: história e crítica social*. Assis, 2013. 140 p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, p.39.

¹⁹⁷ Ibid., p.41.

¹⁹⁸ OLIVER, Eileen. *Chaco Literature*, op.cit., p.543.

realista em sua produção. O escritor volta seu interesse literário para a poesia, a crônica, o conto, o teatro e o romance.¹⁹⁹

Ao mesmo tempo em que a década de 1940 marca uma explosão cultural no Paraguai, também marca a crescente briga pelo poder e as perseguições políticas aos opositores do regime promovem o exílio de um grande número de paraguaios. Roa Bastos se encaixa nesse grupo. Ao tornar-se chefe da redação do Jornal *El País* ele ficaria sob constante vigilância do governo, e em 1943 é colocado na lista de inimigos do Estado.²⁰⁰ Antes de acabar sendo preso, ganha uma bolsa de estudos da *British Broadcasting Company* (BBC) na Inglaterra (1945), continuando a trabalhar para o jornal paraguaio, agora como correspondente. Assim que volta para o Paraguai acaba sendo novamente perseguido, e resolve se exilar:

O exílio de Roa Bastos se deu por duas situações cabais: a primeira acontece após a encenação da sua peça *Mientras llegue el día*, com colaboração de Fernando Oca Del Valle. A encenação retratava a vida nos campos de concentração. A temática da peça causou mal-estar com o governo de Morínigo, devido à simpatia do presidente ao nacional socialismo. A segunda se dá por um atrito entre escritor e o ministro da Fazenda Natalício Gonzalez, pois este sentiu-se ferido com as opiniões do escritor havia dado em algumas obras. Esse mal-estar levou o ministro da Fazenda a decretar a captura de Roa Bastos vivo ou morto. Essa situação leva Roa Bastos a fugir e passar uma noite em um depósito de água e depois asilar-se na residência do agregado cultural brasileiro para depois seguir viagem para Buenos Aires.²⁰¹

O exílio de Roa Bastos e de vários outros intelectuais marca a primeira grande dispersão do pensamento paraguaio. Isso afeta profundamente o pensamento robastiano e sua escrita, como nos mostra Giane Giacon:

A trajetória do escritor exilado, o faria um cidadão de lugar algum, pois o exílio se tornou o motor para a busca incessante de sua identidade como forma de religá-lo à pátria que ele foi obrigado a deixar para trás.²⁰²

Augusto Roa Bastos passa a viver em Buenos Aires, trabalhando em várias profissões diferentes, mas nunca abandonando a escrita. Em 1953 publica seu primeiro livro de histórias curtas, *El trono entre las hojas*, onde já desenha uma temática que perpassa o contexto paraguaio de repressão política e instabilidade econômica, dando atenção especial aos vários problemas que afetam a população mais pobre na zona rural. Em 1954 mais um acontecimento vai interferir no pensamento do autor: Stroessner toma o poder no Paraguai, com o qual iria

¹⁹⁹ GIACON, Giane Maria. op.cit., p.50.

²⁰⁰ Ibid., p.51.

²⁰¹ Ibid., p.53.

²⁰² Ibid., p.57.

permanecer durante 34 anos. As características do modelo de governo de Stroessner iriam passar a também orientar a compreensão de sua escrita. O grande sucesso como escritor repousa no seu grande trabalho artístico e engajado sobre a longa e histórica tragédia paraguaia e as circunstâncias de seu próprio exílio. Em 1960 Roa Bastos publica aquele que seria seu primeiro romance e que é uma das obras analisadas nesta pesquisa. *Hijo de Hombre* é o primeiro livro da trilogia sobre o monoteísmo do poder, que foi seguido por sua obra mais conhecida, *Yo El Supremo* (1974) e *El Fiscal* (1993). Em 1976 Roa Bastos passa a dar aula na Universidade de Toulouse como professor de literatura hispano-americana, criando um curso de língua e cultura guarani²⁰³. Em 1989 ganha o prêmio Cervantes e o prêmio Estado de São Paulo na categoria literatura.²⁰⁴ Este mesmo ano marca também o fim da ditadura de Stroessner e o retorno do escritor ao Paraguai depois de mais de 40 anos de exílio. Roa Bastos viveu em Assunção até sua morte no ano de 2005, com 87 anos. Segundo María Verónica Serra:

*La obra de Roa Bastos ocupó un importante lugar dentro del movimiento conocido como Boom de la literatura latinoamericana. Se caracteriza, como la mayoría de las obras de ese período, por el uso particular que hace, no sólo del lenguaje, sino también de la temporalidad y la instancia narrativa; además de la intensa creación de símbolos y mitos que combinan las características del mundo moderno al que América Latina lucha por incorporarse y la herencia aborigen que no ha desaparecido, sino que más bien, ha abonado el suelo fértil en el que florece la cultura latinoamericana.*²⁰⁵

Hijo de Hombre é um épico paraguaio que perpassa grande parte da história contemporânea do país, da presidência de Gaspar Rodríguez de Francia, em forma de memória narrada no ano da passagem do cometa Halley em 1910, até o período imediatamente após a Guerra do Chaco. Roa Bastos descreve a situação dos habitantes do interior paraguaio, especialmente de suas cidades que de fato existem: Sapukai e Itapé. No contexto de sua narrativa estão refletidas as duas maiores guerras da história do Paraguai, a Guerra da Tríplice Aliança e a Guerra do Chaco.

La Guerra del Chaco es realmente el escenario histórico-geográfico de la obra Hijo de Hombre: sin dejar de lado los recuerdos cruentos de la Guerra Grande - presentes en el imaginario de todos los personajes - la Guerra entre Bolivia y

²⁰³ DÍAZ GUEVARA, Fabiola. *La configuración del espacio y tiempo en hijo de hombre*, Augusto Roa Bastos. Quito, 2013. 228p. Dissertação (mestrado) – Facultad de Comunicación, Lingüística y Literatura, Pontificia Universidad Católica del Ecuador, p.11.

²⁰⁴ <http://www.memorial.org.br/2017/01/leonardo-padura/>

²⁰⁵ SERRA, María Verónica. Bilingüismo y dualidad en *Hijo de hombre* de Augusto Roa Bastos. *Espéculo*, n. 32, 2006, p.1.

*Paraguay y sus temas secundarios, de rebelión, traiciones y sacrificios emocionales, constituyen el contexto narrativo de la obra de Roa Bastos.*²⁰⁶

O romance não segue uma ordem fechada, em alguns momentos vai e volta temporalmente, podendo considerar que se tem um certo grau de autonomia entre seus nove capítulos, apesar da conexão entre suas histórias. O que principalmente une e amarra a história é a série de temáticas dicotômicas — liberdade e opressão, justiça e injustiça — na vida dos diversos personagens principais: Miguel Vera, Gaspar Mora, Casiano, Nati Jara e Cristóbal. Apesar de existir uma versão de 1983 levemente modificada pelo autor e lançada pela editora paraguaia *El Lector*, nossa análise se deu sobre a primeira versão do livro, a escrita em 1959 por Roa Bastos. Os capítulos ímpares são narrados em primeira pessoa na voz do personagem Miguel Vera através de suas recordações, enquanto os pares são narrados em terceira pessoa. Apesar da importância do livro como um todo para a análise, é dos capítulos sete ao nove que mais nos interessa, pois é quando, em termos temporais, a ficção montada por Roa Bastos perpassa a Guerra do Chaco.

3.2

Os sujeitos da Guerra, da Nação e da história paraguaia

Na concepção da nação paraguaia por Roa Bastos, um de seus elementos mais significativos é a ideia de sujeito nacional. Neste ponto do capítulo iremos analisar quem são esses sujeitos da guerra e da nação imaginados pelo autor paraguaio; as características que os formam, como a cultura popular e as vinculações linguísticas e tradicionais guaranis; e o papel dos indígenas na narrativa. Já nos ativemos durante o primeiro capítulo as análises dos teóricos e seus conceitos de nação, por isso agora partiremos para o enfoque sobre os sujeitos paraguaios que formam a nação desejada por Roa Bastos em seu romance.

Assim como em Céspedes, os sujeitos da narrativa e da nação paraguaia imaginada por Roa Bastos são também mestiços, mas diferentemente do autor boliviano, esses mestiços são vinculados a somente dois grupos formadores, a parte branca europeia, e a indígena de matriz somente guarani. Esse sujeito, portanto,

²⁰⁶ DÍAZ GUEVARA, Fabiola. op.cit., p.34.

pode ser mais facilmente definido e de tornar-se sujeito da nação em Roa Bastos do que com a pluralidade boliviana em Céspedes.

Seu sujeito nacional parte do princípio de serem homens e mulheres do campo, moradores de pequenas cidades como Sapukai e Itapé. Roa Bastos então faz, especialmente nos primeiros três capítulos, uma crônica do interior paraguaio, seus problemas, sua gente, suas crenças e a opressão vivida, seja governamental ou religiosa. Seus personagens são mestiços, com a pele cor de terra ou de mate, como o mesmo descreve. Esses mestiços não negam as tradições de origem indígena, seu tom de pele ou suas características físicas, “*Sus labios gruesos y lampiños de mestizo [...]*”²⁰⁷ Em *Hijo de Hombre* não existe um perfil único de seus personagens, eles apresentam importantes variações de personalidade, de ideias e de escolhas, porém é possível perceber aqueles que são mais que personagens, são símbolos da nação. Neste caso, demonstram resistência contra as opressões vividas por eles ou pelos outros, como por exemplo a vendedora de *chipá*²⁰⁸, “[...] *una morruda campesina de edad indefinible.*”²⁰⁹, que aparece para ajudar os presos que estavam sem comer e beber dentro do vagão que recolheu os revoltosos. Nesta cena temos mais um exemplo de dualidade, a prepotência dos guardas, agentes opressores, com a humildade daquela mulher e das mulheres que resolveram ajudar os presos.²¹⁰ Não só humildade como senso de justiça e fraternidade, já que percebiam a injustiça da situação e enxergavam aqueles homens presos como um dos seus, mesmo que nem ao menos os conhecesse. O papel das mulheres no romance é fundamental, mostrando-as como algumas das mais fraternas e heroicas personagens. A personagem Salu’í, por exemplo, é outra que em momentos de crise, como no caso dos bombardeios ao acampamento, mostra sua coragem e determinação no auxílio dos feridos.²¹¹ Essas mulheres, e muitas outras, tornam-se assim, maiores que elas mesmas, representantes do povo como agente de sua história, representando também as características coletivas da nação pensada por Roa Bastos. No trecho que Rosa Monzón explica sobre como era Miguel Vera, podemos verificar as características que esses campesinos possuíam e que Miguel

²⁰⁷ ROA BASTOS, Augusto. “Exodo”. In: *Hijo de Hombre*. Barcelona: Editorial Argos Vergara, 1979 (c.1960), p.126.

²⁰⁸ Biscoito tradicional da culinária paraguaia, feito com polvilho e queijo e assado no forno.

²⁰⁹ ROA BASTOS, Augusto. “Fiesta”. op.cit., p.196.

²¹⁰ Ibid., p.195-196.

²¹¹ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.291.

Vera não possuía, especialmente pois Vera não é no texto um exemplo, mas um guia, o que conta o passado para que as próximas gerações conheçam o povo paraguaio, que tomem para si as rédeas totais da história paraguaia e que tenham como exemplos esses personagens de tamanha resistência:

*Pese a haber nacido en el campo, no tenía la sólida cabeza de los campesinos, ni su sangre, ni su sensibilidad ni su capacidad de resistencia al dolor físico y moral. No sabía orientarse en nada, ni siquiera en medio de 'las aspiraciones permitidas'. Era capaz de perderse en un camino. No me extrañó después que su batallón fuera el único que se extraviara durante el cerco de Boquerón, y que luego lo relegaran a funciones auxiliares hasta el fin de la guerra. Le horrorizaba el sufrimiento, pero no sabía hacer nada para desprenderse de él. Se escapaba entonces hacia la desesperación, hacia los símbolos.*²¹²

Traço importante desses campesinos representantes da nação é sua simplicidade. Seus símbolos não são os que mais se destacam, não são os membros das elites, são os esquecidos, os desafortunados, os rebeldes, como por exemplo Macario, o ancião contador de histórias do primeiro capítulo, cuidador do Cristo de Gaspar Mora, “[...] *el viejo mendigo fue el verdadero patriarca del pueblo. Un patriarca cismático y rebelde, acatado por todos.*”²¹³ Além disso, esses sujeitos da nação de Roa Bastos não gostam da hierarquia oficial, e é possível verificar sua predileção por algo que os aproxima e não afasta. Isso pode ser visto quando alguns campesinos tentam montar uma outra revolta em 1932. Entre os revoltosos a liderança e os postos de comando existem, mas não são tão opressores quanto os do exército paraguaio, afinal de contas o comandante Díaz “[...] *los recibió como un hermano, no como un jefe [...]*”²¹⁴ e “*No había trepidado en salir en defensa de los esquilmados y oprimidos.*”²¹⁵ Em *Hijo de Hombre* os protagonistas são os que estão as margens da sociedade e da história, e as histórias pessoais confundem-se com a história da nação, cada história pessoal representa o protagonismo coletivo do povo.

Los personajes de Hijo de hombre vienen a representar el esfuerzo colectivo de la nación paraguaya a lo largo de su historia y en la contienda chaqueña. Así, las acciones de los héroes constituyen la noción de un personaje supraindividual [...] Es por ello que todos los destinos humanos rescatados en esta novela enuncian una esperanza irracional y difícilmente explicable, pero no menos real, la esperanza de que el sufrimiento y el sacrificio tengan algún sentido, que de la muerte pueda surgir la vida. Al considerar la obra Hijo de hombre en el contexto de la creatividad robastiana, determinamos con seguridad que la conjugación de los elementos espacio-temporales evidencia indiscutiblemente el sufrimiento de la sociedad paraguaya entre los dos momentos bélicos que la marcaron, desde 1860 a 1935.

²¹² ROA BASTOS, Augusto. “Ex Combatientes”. op.cit., p.363.

²¹³ ROA BASTOS, Augusto. “Hijo de Hombre”. op.cit., p.43.

²¹⁴ ROA BASTOS, Augusto. “Hogar”. op.cit., p.165.

²¹⁵ Ibid., p.165.

*Ingresa a su obra no sólo es descubrir su estructura como objeto narrativo, sino observar la condición humana de su gente y registrar la lucha interna en la que sus sueños viven y mueren. Sin duda, la Guerra del Chaco es realmente el escenario histórico-geográfico de la obra Hijo de hombre, sin dejar de lado los recuerdos cruentos de la Guerra Grande, presentes en el imaginario de todos los personajes.*²¹⁶

No romance existem heróis, anti-heróis e alguns personagens que são traidores, como o telegrafista que delatou os revolucionários de 1912. Entre os heróis temos Salu'í, Cristóbal Jara, Silvestre Aquino, Macario, e alguns outros que se tornam simbólicos.

A dualidade é uma das marcas de Roa Bastos, e podemos perceber essa dualidade nas histórias que conta. Opressão e rebeldia, justiça e injustiça, os ricos e poderosos e os pobres. A história paraguaia é, portanto, uma história de sofrimento, mas também de luta. No quarto capítulo um trabalhador canta uma música²¹⁷ sobre a história das penúrias vividas pelos trabalhadores “[...] enterrado vivo en las catacumbas de los yerbales.”²¹⁸:

El cantor bilingüe y anónimo hablaba de esos hombres que trabajaban bajo el látigo todos los días del año y descansaban no más que el Viernes Santo, como descolgados también ellos un solo día de su cruz, pero sin resurrección de gloria como el otro, porque esos cristos descalzos y oscuros morían de verdad irredentos, olvidados. No sólo en los yerbales de la Industrial Paraguaya, sino también en los demás feudos. Enquistados como un cáncer en el riñón forestal de la república, o tres siglos de distancia prolongaban, haciéndolas añorar como idílicas y patriarcales, las delicias del imperio jesuítico.²¹⁹

Esse sujeito da nação enfrenta dificuldades enormes, que remetem aos problemas coloniais. A opressão então veio antes da independência, se estabelecendo como parte fundamental nas vidas e histórias dessa gente. Mas são os rebeldes, os que sofrem, mas que lutam, que aparecem em Roa Bastos com maior potência. Como Juandé, o soldado que se mostra contrário a perseguição dos rebeldes, que tem uma história familiar de opressão e sofrimento já que seu pai havia sido morto injustamente pelo exército. Contrapondo os argumentos de seu amigo que acha que ordens devem ser cumpridas, Juandé justifica a rebeldia, explicando que não se trata de querelas partidárias, mas sim entre classes: “No hay

²¹⁶ CABALLERO, Pedro Ramón. La Guerra del Chaco como temática en la novela Hijo de Hombre de Augusto Roa Bastos. *Mitologías hoy*, v. 16, p. 81-91, 2017, p.89-90.

²¹⁷ A música em questão se chama Ka'aty, letra escrita por Rigoberto Fontao Meza. Para ver a letra acessar:

<http://www.portalguarani.com/1025_rigoberto_fontao_meza/15671_kaaty_letra_rigoberto_fontao_meza_musica_jose_asuncion_flores.html>

²¹⁸ ROA BASTOS, Augusto. “Exodo”. op.cit., p.102.

²¹⁹ Ibid., p.102-103.

liberal ni colorado. Hay paquete y descalzo solamente. Los que están arriba y los que están abajo. Eso no más es lo que hay...”²²⁰

Os personagens de Roa Bastos, apesar da constante opressão, ainda guardam esperança de dias melhores. Natí e Cristóbal sonham em fugir do *yerbal* e voltar a trabalhar em Sapukai; os revoltosos mantêm a esperança de terem êxito mesmo presos: “*Cantos de guerra y gritos ardientes surgían a todo lo largo del convoy. ¡Tierra y libertad!... era el estribillo multitudinario coreado por millares de gargantas enronquecidas en la quieta noche de marzo.*”²²¹ Em frente aos homens que pediam a participação de Miguel Vera como instrutor na *montonera* que formariam em 1932, muitos deles os mesmos revoltosos antes presos, o personagem-narrador mostra uma fantástica imagem desses homens com cara de homens do povo, “*de hombres de trabajo, los más tal vez analfabetos, pero seguros de lo que querían, iluminados por una especie de recia luz interior.*”²²² Sempre prontos em suas tentativas de mudança, esperançosos, mesmo que tudo aponte para mais uma tragédia, mantendo a fé apesar da incerteza, esses são os sujeitos da nação a ser construída, da nação imaginada por Roa Bastos.

A presença do passado é verificada em vários momentos do romance. Paisagens que remetem a tempos e eventos anteriores, como as ruínas das missões jesuítas e o vagão destruído da revolta de 1912. Acontecimentos históricos passados também se fazem presentes na memória dos personagens, esse passado sempre presente lembra seu povo dos momentos de opressão, não se inserindo enquanto um passado heroico, mas um passado em comum para aquele povo. Os personagens do passado também se fazem presentes nas memórias, Gaspar Mora, Macario, de vez em quando os personagens ainda vivos se remetem a esses. Casiano e Natí dão o nome de seu filho de Cristóbal, o avô de Natí e um dos fundadores de Sapukai, a conexão entre passado, presente e futuro, entre os que já morreram, os que estão vivos e os que ainda não nasceram é feita através dessa escolha: “*Ahora Casiano y Natí lo saben sin palabras entre un anciano muerto y un niño que aún no ha nacido. Ahora también saben por qué su pueblo lejano se llama Grito, en guaraní.*”²²³

²²⁰ ROA BASTOS, Augusto. “Fiesta”. op.cit., p.188.

²²¹ ROA BASTOS, Augusto. “Hogar”. op.cit., p.102-166.

²²² Ibid., p.102-170.

²²³ ROA BASTOS, Augusto. “Exodo”. op.cit., p.102-115.

A memória de Solano López também faz parte das memórias dos personagens como símbolo heroico. O capitão Díaz, comandante das tropas rebeldes de 1932, utiliza dessa memória também na luta contra a opressão do governo:

*En su arenga a las tropas el comandante rebelde mencionó la histórica facha de la muerte del mariscal López en Cerro Korá, al término de la Guerra Grande, defendiendo su tierra, como el compromiso más alto de valor y de heroísmo.*²²⁴

López aparece também nas recordações de José del Carmen sobre acontecimentos na Guerra do Chaco: “*Veíamos el ¡Vencer o morir! Del mariscal López brillando en nuestras bayonetas... [...] ese lema que resumía el destino de un pueblo cuya fatalidad ancestral parecía residir en la guerra.*”²²⁵ A historiadora Bridget Chesterton explica que mais do que lutar por terra e recursos, os paraguaios estariam lutando na Guerra do Chaco pela redenção da honra da nação e da figura de Solano López.²²⁶ Essa recuperação da figura de Solano López no romance nos remete justamente a uma redenção e um exemplo, seja na guerra ou na revolta.

Também fundamental no livro de Roa Bastos é o uso de duas línguas por seus personagens. O castelhano enquanto língua oficial e escrita, e o guarani enquanto língua popular e oral. Alguns autores apontam que Roa Bastos se utiliza da diglossia existente na sociedade paraguaia, ou seja, que existem diferenças sociopolíticas entre as duas línguas. De acordo com Fabiola Díaz Guevara:

*El fenómeno de la diglosia considera la convivencia de dos variedades lingüísticas en el seno de una misma población o territorio, donde uno de los idiomas tiene un estatus de prestigio — como lengua de cultura, de prestigio o de uso oficial — frente al otro, que es relegado a las situaciones socialmente inferiores de la oralidad, la vida familiar y el folklore.*²²⁷

Para a pesquisadora, o que existe na literatura de Roa Bastos é exatamente essa diglossia. Apesar de considerarmos a existência dessa diferença sociopolítica entre essas duas línguas no Paraguai, no caso de Roa Bastos nos parece que seu uso não é nesse sentido, já que as duas línguas possuem uma mesma importância, apesar de seus diferentes usos. Dessa forma concordamos com María Verónica Serra:

A nivel social, la diglosia es clara: una lengua (el guaraní) es relegada por otra (el español) que goza de mayor prestigio. No obstante, en lo individual, la sociedad paraguaya no se rebela contra su idioma autóctono. El hombre paraguayo es claramente bilingüe, no hace diferencias entre una y otra lengua, es decir, el bilingüismo pertenece al individuo; la diglosia, a la comunidad. Es cierto que el narrador privilegia al español frente al guaraní como lengua literaria; sin embargo,

²²⁴ ROA BASTOS, Augusto. “Hogar”. op.cit., p.102-164-165.

²²⁵ ROA BASTOS, Augusto. “Ex Combatientes”. op.cit., p.350-351.

²²⁶ CHESTERTON, Bridget María. op.cit., p. 6.

²²⁷ DÍAZ GUEVARA, Fabiola. op.cit., p.140.

los “usos” que le da a cada lengua son completamente diferentes. El castellano está “cargado” con el dolor de la conquista, el maltrato de las oligarquías, las falsas promesas de progreso; por eso puede ser lengua literaria, pero no puede retratar el color de los paisajes, la historia del pueblo, la fuerza de la naturaleza, la sed o el miedo. Al menos eso parece considerar el narrador de la novela, puesto que narra la historia en español, pero reserva para el guaraní la descripción de lo bello, lo fantástico y lo maravilloso, que sólo un idioma con el bagaje mítico y simbólico como el que el guaraní trae consigo, tiene la capacidad de retratar. [...] La narración de Miguel Vera alcanza un sutil equilibrio entre las lenguas, sin que ello implique fusión y, por lo tanto, desaparición de sus características propias. En la obra de Roa Bastos, cada lengua tiene su función claramente delimitada: el español, narra; el guaraní, describe. No hay un habla más prestigiosa que la otra; no se rescata una en detrimento de la otra. Hijo de hombre no reproduce la diglosia de la comunidad paraguaya, sino que, en realidad, expone el bilingüismo del hombre de Paraguay, que comprende las diferencias de las lenguas y permite que convivan con sus especificidades. Este bilingüismo provoca una forma de pensar muy particular, que hace que el mundo se conciba a partir de dualidades.²²⁸

Roa Bastos nega a inferioridade do guarani e coloca ele em pé de igualdade com o castelhano, esse bilinguismo é utilizado pelo autor para revitalizar a cultura tradicional e de forma alguma anulá-la. Seus personagens utilizam o guarani com até mais naturalidade do que o castelhano, pois como são originais da zona rural paraguaia, o guarani é parte de seu contexto geográfico e histórico: “*Al sargento le costaba expresarse en castellano. Hacía una pausa entre frase y frase, como si estuviera traduciendo mentalmente lo que iba a decir.*”²²⁹ O guarani era o idioma dos ancestrais, daqueles mestiços que guardavam essa dupla tradição cultural das histórias contadas por Macario, que só falava em guarani:

*El dejo suave de la lengua india tomaba apacible el horror, lo metía en la sangre. Ecos de otros ecos. Sombras de sombras. Reflejos de reflejos. No la verdad tal vez de los hechos, pero si su encantamiento.*²³⁰

Roa Bastos mostra a importância não só da língua popular, mas da cultura popular em geral. As histórias contadas pelos anciões, os conhecimentos ancestrais nos mais diversos níveis, tudo isso é utilizado por Roa Bastos na configuração de seu sujeito nacional. O guarani e a cultura popular servem enquanto referentes míticos da nação.

As comidas e bebidas tradicionais da culinária paraguaia de origem guarani estão presentes em *Hijo de Hombre*, como o *chipá* e o famoso *tereré*. Eles fazem parte da crônica da vida cotidiana desses personagens da zona rural. As mulheres

²²⁸ SERRA, María Verónica. op.cit., p.4.

²²⁹ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.262.

²³⁰ ROA BASTOS, Augusto. “Hijo de Hombre”. op.cit., p.14.

nas ruas ou no trem vendendo o *chipá* e *aloja*²³¹, os ex-combatentes que preparam o tereré manobrando “*la guampa, la bombilla y la cantimplora, en repentina actividad.*”²³² Roa Bastos dá ênfase ao conhecimento ancestral indígena enquanto parte fundamental da cultura desses sujeitos. O uso de plantas medicinais é mostrado como parte fundamental da cultura interiorana. Natí curava os machucados de Casiano com “*remedios de yuyos y unto sin sal [...]*”²³³, e quando fugiram usaram argila nas feridas contra os mosquitos e para confundir o olfato dos cachorros que tentavam encontra-los; a velha que indicava como curar a epilepsia do filho de Damiana:

*Ya sé, Pilepsia se llama eso. La muerte en pie. Yo sé cómo se cura. Cogollo de ruda, anís en grano y semilla de eneldo en agua hervida y enserenada. [...] Hay que darle también leche de burra en ayunas. [...] Tiene que ser leche de burra. Los animales también traen su signo. Como los cristianos. Yo lo hubiera curado. Una lástima. Porque el inocente es muy lindo. ¡Ojalá se cure! Pero los médicos de Asunción son pijoteros. Lo único que saben hacer es cobrar.*²³⁴

Assim como no trecho mostrado, muitos desses personagens negam as “modernidades”, o “científico”, o que vem da capital e remetem aos conhecimentos indígenas e ancestrais para resolver seus problemas e explicar sua história. A cultura popular é então representada como base do poder popular contra o poder oficial. Roa Bastos tem como uma de suas preocupações mostrar que a cultura dos subalternos não se restringe a classe baixa, e que por isso acaba diminuindo a distância entre a cultura popular e a cultura erudita. A religiosidade é peça fundamental na cultura desses sujeitos, incluindo a apropriação do autóctone por parte do oficial, que vinha desde a época colonial, como demonstra o narrador:

*El éxodo de la Guerra Grande llenó de <<entierros>> esta región de valles azules. Tres siglos atrás los jesuitas tenían en ellos sus estancias cuyas cabeceras llegaban hasta el cerro de Paraguarí, donde los padres habían dejado la leyenda de la aparición de Santo Tomé, superponiéndola hábilmente, delicadamente, como la hacían siempre, al mito Zumé de los indios, que también había aparecido por allí en tiempos en que el sol era todavía una deidad menor que la luna. Los indios hicieron como que creyeron. Pero ahora eso no importaba ya a nadie.*²³⁵

Damaris Lima explica que:

²³¹ Bebida tradicional feita com frutas ou ervas e adoçada com melado.

²³² ROA BASTOS, Augusto. “Ex Combatientes”. op.cit., p.349.

²³³ ROA BASTOS, Augusto. “Exodo”. op.cit., p.102-117.

²³⁴ ROA BASTOS, Augusto. “Estaciones”. op.cit, p.86-87.

²³⁵ ROA BASTOS, Augusto. “Madera y carne”. op.cit., p.64.

Emerge, assim, a convivência dos rituais e ideias míticas aborígenes junto aos ritos do cristianismo, que foram trazidos pelo colonizador há mais de quinhentos anos. A cultura ocidental aparece mesclada com o substrato dos autóctones, fundindo a cultura cristã com a cultura aborígene, onde a língua espanhola e a religião católica se modificam pelo contato com a língua guarani e com a religião do índio.²³⁶

Entre as dualidades presentes nessa sociedade rural paraguaia estão essas tradições populares que as vezes são apropriadas pelo oficial, mas que muitas vezes entram em confronto com o oficial. Uma dessas tradições apontadas por Roa Bastos se refere ao Cristo de Itapé. O narrador explica da seguinte forma:

*Los itapeños tenían su propia liturgia, una tradición nacida de ciertos hechos no muy antiguos pero que habían formado ya su leyenda. [...] Era un rito áspero, rebelde, primitivo, fermentado en un reniego de insurgencia colectiva, como si el espíritu de la gente se encrespara al olor de la sangre del sacrificio y estallase en ese clamor que no se sabía si era angustia o de esperanza o de resentimiento, a la hora nona del Viernes de la Pasión.*²³⁷

O cristo de madeira feito por Gaspar Mora, encontrado e colocado após sua morte na pequena colina, virou local de peregrinação e de um rito bem particular que não respeitava os padrões oficiais da Igreja. O narrador fala que os moradores de Itapé viam o Cristo de madeira não como um Deus que havia morrido pela redenção dos seres humanos, mas como uma vítima, como eles, da opressão, e que por isso deveria ser vingado. Essa religiosidade popular entrava em conflito com a oficial, que via os itapenhos como hereges e fanáticos. Essa briga entrou em seu ponto máximo quando o padre proibiu a entrada da estátua na Igreja da cidade para ser abençoada, o que gerou uma revolta popular com o grupo que era contra o Cristo de Itapé, até quase entrarem em um confronto físico. Pela pressão popular o Padre se viu obrigado a abençoar a estátua, mas manteve-a afastada da Igreja, pregada na colina. Essa história contada por Roa Bastos demonstra o poder da cultura e da religiosidade popular frente ao opressor oficial. Esses sujeitos que eram reprimidos, mas que enfrentavam essa opressão através da rebeldia. Os sujeitos nacionais eram, portanto, rebeldes, por mais difícil que fosse enfrentar sua posição de subalterno. Por mais que o erudito e oficial tente se impor, Roa Bastos mostra que o que acaba ocorrendo é uma fusão do popular e o oficial, dando forma a uma identidade possuidora de uma visão de mundo muito particular.

²³⁶ LIMA, Damaris Pereira Santana. A História do Paraguai através da ficção de Roa Bastos na trilogia do monoteísmo do poder. *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, v.7, n.14, 2015, p.25.

²³⁷ ROA BASTOS, Augusto. "Hijo de Hombre". op.cit., p.12.

Mostramos que os conhecimentos e tradições indígenas sobreviviam na cultura popular, mas como ficam os indígenas propriamente ditos na narrativa de Roa Bastos? Assim como em Céspedes os indígenas são personagens secundários e pouco aparecem. Eles não são colocados enquanto paraguaios, mas enquanto indígenas, e são os principais esquecidos da história, mesmo que em Roa Bastos isso também venha a ser um fator de crítica. Os indígenas pouco sabiam falar o castelhano, sejam os do Chaco ou fora dele, falavam “*el duro y monosilábico dialecto*.”²³⁸, como no caso da tribo *Macká* com o qual Cristóbal mantinha contato no Chaco. A personagem Conché Avahay é a indígena de maior importância e que mais aparece na narrativa, fundamental para contar a Miguel Vera o que havia acontecido com Juana Rosa. Apesar disso, o narrador explica que poucos acreditavam no que ela contava, pois não ia na Igreja e nem mesmo visitava o Cristo de Itapé, “*Por eso tal vez no la querían creer*.”²³⁹ Podemos perceber então que a população rejeitava esses indígenas, pois ele rejeitava não só oficial quanto o que era o popular para ele, seja a língua ou a religiosidade. Entre os subalternos eles eram ainda mais subalternos pois não se encaixavam nesse mundo de dualidades.

Roa Bastos monta uma narrativa que busca afirmar a capacidade heroica desses sujeitos da nação. Os despossuídos camponeses formam o Paraguai do passado, do presente e do futuro, frutos exatamente de um passado sempre presente. Sujeitos de sua própria história, apesar da opressão e subalternidade, sua esperança é renovada a cada nascimento, a cada mobilização revoltosa, a cada pequeno símbolo fraternal. O microcosmo do individual é utilizado por Roa Bastos como símbolo do coletivo que vai surgindo através das dificuldades. A etnicidade, analisada por Anthony Smith, faz parte da formação dessa nação. Pautados na inspiração da cultura popular e no bilinguismo, esses sujeitos redescobrem a nação e seu sentido.

3.3

O paraguaio enfrenta a natureza

Assim como no livro de Céspedes, podemos verificar e analisar em Roa Bastos o aspecto natural e geográfico da região chaquenha e do restante do território

²³⁸ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.275.

²³⁹ ROA BASTOS, Augusto. “Ex Combatientes”. op.cit., p.340.

que hoje formam o Paraguai. Como o romance de Roa Bastos se passa tanto no Paraguai propriamente dito, quanto na região do Chaco na época em disputa, analisaremos suas representações da natureza e geografia tanto em um quando no outro, dando uma ênfase maior ao caso do Chaco. Da mesma forma como no primeiro capítulo, iremos analisar essa relação entre natureza e seres humanos considerando aqueles mesmos aspectos: o calor, a sede, a fauna, as doenças, a paisagem e a natureza enquanto inimiga dos humanos. É bastante comum, se não quase uma unanimidade na historiografia e nas pesquisas acadêmicas como um todo que se referem ao Chaco que a natureza da região foi um determinante no desenrolar dos combates, ocorrido em um cenário “*desértico e inhóspito en el medio del continente sudamericano.*”²⁴⁰

Em *Hijo de Hombre* o calor faz parte do que é sentido pelos personagens, compondo mais um dos elementos simbólicos na difícil vida desses personagens membros da classe popular paraguaia, esses que são os sujeitos da nação pensada por Roa Bastos. Domingo Jiménez aponta para o fato de que “*En determinados momentos, la naturaleza se va a hacer cómplice del hombre opresor para así constituir un elemento más de esa opresión.*”²⁴¹ O calor na narrativa de Roa Bastos é, assim como em Céspedes, uma das armas utilizadas pela natureza contra os seres humanos. No Chaco “*Calor sofocante. Cada partícula de polvo, el aire mismo, parece hincharse en una combustión monstruosa que nos aplasta con un bloque ígneo y trasparente*”²⁴² nos conta Miguel Vera em seu diário escrito no meio da guerra. Somam-se a isso as descrições da poeira chaquenha sempre presente, a areia quente e traiçoeira e o Chaco enquanto deserto, “*el infinito y furioso desierto boreal [...]*”²⁴³ Na narrativa de Roa Bastos o sol não é belo, mas sim o culpado pelo calor, sendo o responsável por imagens quase infernais, mesmo que sejam fora do Chaco: “*Sobre los cerros lejanos de Ybytyrusú, el sol se achataba contra las puntas bañándolas de fuego.*”²⁴⁴ É interessante notar que o calor é também uma imagem presente fora do Chaco na narrativa, o que difere do calor na narrativa de Céspedes, presente somente no Chaco, e não nas regiões bolivianas que percorre em sua

²⁴⁰ VERÓN, Luis. *La Guerra Del Chaco* (1932-1935). Assunção: El Lector, 2010, p. 13.

²⁴¹ JIMÉNEZ, Domingo Antonio Hernández. El escenario en la novela *Hijo de hombre*. *Anales de filología hispánica*, v.3, 1987, p.127.

²⁴² ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.243.

²⁴³ ROA BASTOS, Augusto. “Ex Combatientes”. op.cit., p.332.

²⁴⁴ Ibid., p.357.

narrativa. O que vemos então é que a não exclusividade do calor à região chaquenha se dá pois realmente não havia tantas diferenças climáticas com o restante do Paraguai, e mais importante, o objetivo de Roa Bastos não é simplesmente mostrar as diferenças do que é Chaco e do que é Paraguai, afinal o Chaco era paraguaio, mas utilizar essas dificuldades naturais como mais uma das tantas dificuldades enfrentadas por seu sofrido povo. Isso fica bem claro quando percebemos na narrativa o quanto a natureza e o clima das regiões se aproximam: “*Así siempre, bajo el tórrido sol del verano o en las lluvias y las heladas del invierno [...]*”²⁴⁵

A falta de água e a sede são dois dos elementos mais importantes na composição da narrativa de *Hijo de Hombre*. O jornalista paraguaio Luis Verón indica que a presença da água foi um fator fundamental para as conquistas territoriais, ou para o impedimento dos avanços militares, moldando as estratégias e a logística da guerra. Os trabalhos preparatórios para a instalação das tropas eram de extrema importância²⁴⁶ sendo vital o trabalho dos *poceros*, responsáveis por encontrar e furar poços de água, para o estabelecimento de certo número de soldados em determinada localidade, de se encontrar algum poço antigo ou uma laguna, bem como a logística na distribuição de água no front através dos caminhões *aguateros*. O drama da sede e a logística da água no Chaco são retratados no seguinte trecho:

*La sed, la muerte blanca trajina del bracete con la otra, la roja, encapuchadas de polvo. Al igual que los camilleros, los transportadores de agua no se dan tregua. Tampoco dan abasto. No habrá más de una decena de camiones empeñados en arrimar el precioso líquido para los efectivos de dos divisiones. Desde la base de apresto, los proveedores acarrean al hombro las latas por los intrincados vericuetos de la selva, a lo largo de los cuales gran parte de su contenido se derrama, se evapora o se piratea. En cuarenta y ocho horas, los oficiales hemos recibido media caramañola y la tropa apenas medio jarro de agua casi hirviendo, por cabeza. La carne enlatada de la <<ración de fierro>> no hace sino estimularla de un modo exquisito. Pelotones enteros desertan enloquecidos de la línea de fuego y caen por sorpresa sobre los vehículos aguateros o los esforzados coolíes de las latas. Una pareja de ellos fue despachurada a bayonetazos, a pocos metros de nuestra posición. Hubo que ametrallar a mansalva, por vías de ejemplo, a los cuatrerros arrodillados todavía junto a las latas vacías, chupando la sanguaza que se había formado en el atraco. El brindis de Estigarribia ha empezado a cumplirse con admirable precisión.*²⁴⁷

²⁴⁵ ROA BASTOS, Augusto. “Hogar”. op.cit., p.156.

²⁴⁶ VERÓN, Luis. op.cit., p. 105.

²⁴⁷ ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.243.

Roa Bastos critica as falhas na logística paraguaia, da qual falaremos mais adiante. Ele também relata momentos de tensão como por exemplo a barbárie que se torna a ocasião da aproximação de um caminhão de água, onde nem mesmo ordens e a hierarquia são respeitadas. Ali a luta é pela sobrevivência, em um dos momentos mais dramáticos da história paraguaia. No final do trecho, o narrador Miguel Vera remete ao seu encontro com o Coronel Estigarribia, onde o mesmo, durante um brinde, aponta que *"Ésta va a ser una guerra de comunicaciones [...] Triunfará el ejército que consiga dominar las comunicaciones del enemigo. Sobre todo, el que consiga llevar agua a sus líneas. Porque ésta va a ser la Guerra de la Sed."*²⁴⁸ O aviso do coronel se mostra certo no desenrolar da narrativa, já que em alguns momentos do romance a água se torna mais importante do que a própria guerra:

*Vuelvo a ver los escuálidos soldaditos de la columna de Isla Po'í por el Camino Viejo, aplastados por los equipos de guerra, con las caras a la espalda, sin poder despegar los ojos de la verde y resplandeciente laguna, que ahora se ha convertido en una obsesión para los sitiadores, tanto o más que la conquista del propio fortín.*²⁴⁹

Em outros momentos da narrativa, fora do Chaco, assim como o já falado calor, a falta de água e a sede também são sentidas, como por exemplo no quinto capítulo, durante a fuga de Natí e Casiano Jara do *yerbal* e no sexto capítulo, quando o narrador retrata o sofrimento daqueles que foram feitos prisioneiros pelo exército por conta do planejamento de uma revolta rural. O que podemos perceber é que esses elementos naturais e climáticos aparecem como inimigos dos personagens em momentos já dramáticos da narrativa. Nos parece também que, diferente das passagens fora do Chaco, na região chaqueña esses elementos, essa dramaticidade e a natureza enquanto inimiga estão sempre presentes:

*Me arde en el codo el rasguñón de bala ganado durante el repliegue. Pero más me arde la sed en la garganta, en el pecho. Llaga viva por dentro. No ha llegado el agua a las líneas. Esperándola, uno escupe polvo.*²⁵⁰

Como explica Pedro Caballero, *"Por medio de estas líneas, Roa Bastos nos grafica todo el sufrimiento de los soldados de ambos ejércitos, pues la escasez de agua en el territorio en disputa fue un enemigo difícil de vencer por parte de ambos ejércitos."*²⁵¹ Roa Bastos de fato mostra que a falta de água e a sede foram

²⁴⁸ Ibid., p.238.

²⁴⁹ Ibid., p.244-245.

²⁵⁰ Ibid., p.242.

²⁵¹ CABALLERO, Pedro Ramón. op.cit., p.86.

problemas encarados pelos combatentes dos dois países. É impossível não prestar a atenção nas grandes semelhanças entre o conto “*El Pozo*” de Céspedes com o sétimo capítulo de *Hijo de Hombre* denominado “*Destemidos*”. Ambos são escritos como se fossem parte de um diário, o primeiro escrito pelo personagem Miguel Navajas e o segundo por Miguel Vera, e mesmo que o capítulo de autor paraguaio não esteja diretamente ligado com a história da continuação da escavação de um poço muito antigo, como em Céspedes, em uma parte o diário de Miguel Vera descreve a existência de um poço indígena também disputado por bolivianos e paraguaios. A paisagem de morte e sede descrita no diário iguala paraguaios e bolivianos nesta sina contra a sede em uma guerra estúpida, em que ambos países se mostraram despreparados para enfrentar e que colocou mais uma vez a população comum em desgraça em um território hostil aos seres humanos:

*Oculto entre los matorrales, observé con el binóculo ese dechado de naturaleza muerta. Bajo el ángulo convergente de fuego hay un tendal de cadáveres, apilados alrededor del pozo. Algunos han alcanzado a hundir la cara en el tamar u allí se han quedado bebiendo hasta la eternidad. Otros se abrazan estrechamente, quietos y saciados. Uniformes kakis y verdeolivos confundidos, hilvanados por cuajarones carmesíes, cosidos a una indestructible fraternidad.*²⁵²

A fauna do Chaco também aparece em vários momentos da narrativa como um incômodo aos paraguaios, uma arma natural que ataca os intrusos no Chaco, mas também que está presente nas outras regiões paraguaias. São insetos que picam os que caminham pelas matas, “*Nubes de mosquitos, enormes como tábanos, nos lanceteen sin descanso. No hay defensa contra ellos.*”²⁵³ Assim como a questão da falta de água, essa fauna que ataca os paraguaios fora do Chaco se mantém presente somente em situações limite, mas é no Chaco que ela se mostra mais presente, atentando a vida dos que estavam em guerra. Percebemos então a participação ativa da natureza na violência nos seus mais diferentes tipos e na destruição total do homem. Quando não eram as bombas eram mariposas atacando a base no Chaco:

*Eran millones y millones. Venían en oleadas sucesivas. Pronto la llanura se puso a tiritar bajo ese manto de lava dorada y aleteante. Hasta el verde de la laguna se volvió amarillo. El aire estaba tan espeso, que asfixiaba. Las señoras se marcharon en los camiones tosiendo y escupiendo mariposas.*²⁵⁴

²⁵² ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.245-246.

²⁵³ Ibid., p.242.

²⁵⁴ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.276.

Os animais e insetos não só modificavam a paisagem chaquenha que estava sendo visualizada pelos personagens, mas também geravam outras percepções sensoriais, como no seguinte trecho: “*Los camioneros boqueaban respirando a pleno pulmón, luego del aire sofocante de los piques indios, densos de polvo, de mosquitos, saturados por la fetidez de la chinche de monte y el orín del zorrino.*”²⁵⁵ Esse misto de sensações visuais e olfativas parece ter como objetivo colocar o leitor no lugar daquele personagem no meio do Chaco, tendo que encarar não só um exército inimigo, mas uma natureza que incomoda, gera pavor, nojo e terror, além de, de maneira sempre surpreendente, atacar os que ali estão, sejam as “*Nubes de mosquitos forzados como avispa se metían en la cabina.*”²⁵⁶ e que atacavam os militares no caminhão, ou em cenas mais dramáticas e violentas:

*Un golpe acolchado rebotó contra el parabrisas abierto y se metió de rebote en la cabina. Era un yakaveré. El pájaro aleteaba y chillaba asustado, procurando escapar. Sus garras se clavaron en la cara de Cristóbal. Tuvo que atraparlo con las manos y echarlo afuera. El camión perdió ligeramente la dirección y una de las ruedas atropelló una mata de karaguatá. Se produjo una explosión fuerte y seca. El tanque de agua se ladeó de golpe. Cristóbal bloqueó los frenos y bajó de un salto. Gamarra se retorció manoteando por desembarazarse de su escafandra. Desgajado al sueño por la explosión y el bandazo, hucheaba como loco bajo el rollo de manta.*²⁵⁷

Não só os humanos parecem sofrer com a fauna chaquenha, mas também a própria flora: “*amanece alguna otra pequeña flor amoratada, que se hincha y abarquilla como los labios de los moribundos. No dura sino algunas horas. Las moscas deben alimentarse de ella, porque exhalan su delicada fragancia.*”²⁵⁸ Sendo assim, a visão gerada por uma flor, mesmo não sendo tão bela, afinal de contas quando abria parecia os lábios de um doente, não dura muito. A delicada sensação olfativa gerada pela flor não só agrada aos humanos como as moscas, que por sua vez não permitem uma grande duração dessa sensação. É a natureza no seu estado mais selvagem, ameaçando os invasores e não deixando margens para beleza ou percepções positivas que sejam duradouras.

Os relatos referentes as doenças também estão presentes. Neste caso temos a diferença entre Céspedes e Roa Bastos. Se as doenças tropicais do Chaco, como a malária, eram desconhecidas ou não comuns para os bolivianos, no Paraguai de Roa

²⁵⁵ Ibid., p.281.

²⁵⁶ Ibid., p.285.

²⁵⁷ Ibid., p.288.

²⁵⁸ ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.252-253.

Bastos elas estavam presentes mesmo fora da região, afinal de contas Andes e Chaco eram muito diferentes, mas não o restante do Paraguai da região em disputa. Obviamente que as condições geradas por uma guerra, e as dificuldades dos dois países em termos de atenção aos seus combatentes, faziam com que as doenças, tropicais ou não, se disseminassem de maneira mais rápida e que fossem ainda mais mortíferas do que em seus países.

A natureza do Chaco é vista como inimiga de bolivianos e paraguaios tanto por Céspedes quanto por Roa Bastos, mas em Roa Bastos, como já falado, a própria natureza paraguaia as vezes age contra os paraguaios como mais um dos elementos que devem enfrentar em sua história de luta e desgraça, sendo “*incorporada de modo activo al desarrollo de la novela.*”²⁵⁹ Um exemplo disso pode ser visto no quarto capítulo, onde o trabalho quase escravo nas plantações de erva mate torna a própria natureza uma inimiga dos trabalhadores, já que de acordo com o narrador, a erva mate “*es planta antropófaga, que se alimenta de sudor y sangre humana.*”²⁶⁰ A erva mate é um dos grandes símbolos paraguaios, mas para Roa Bastos a maneira como se trata o trabalhador rural dos *yerbales*, sempre com a anuência governamental, torna-a uma planta maldita. Aqui, mais do que a natureza em si, ela se torna um símbolo das desgraças impostas aos paraguaios da zona rural, que, enganados pelos donos de terra e deixados a sua própria sorte pelo governo paraguaio, são presas fáceis não pela natureza, mas pelas elites e seus capatazes. A natureza enquanto inimiga também só é possível no Chaco graças aos erros cometidos pelo governo paraguaio e pelas elites nacionais e internacionais — que Roa Bastos mostra em seu texto como culpados pela guerra — em primeiramente ter entrado em uma guerra por e em um território hostil; e depois por não se organizar estrategicamente e logisticamente, e por utilizar os paraguaios como simples “*carne de cañón*”.

O Chaco, enquanto inimigo em suas descrições, adquire características humanas e uma atuação enquanto personagem em situação de agressão e antagonismo com o ser humano.²⁶¹ Ela é “sedenta”, “doente”, “agonizante”, as árvores eram capazes de vomitar e tragar. A natureza capturava os seres humanos:

²⁵⁹ JIMÉNEZ, Domingo Antonio Hernández. op.cit., p.122.

²⁶⁰ ROA BASTOS, Augusto. “Exodo”. op.cit., p.111.

²⁶¹ JIMÉNEZ, Domingo Antonio Hernández. op.cit., p.126-127.

“El abrazo de la selva para retenerlo era tenaz[...].”²⁶² Do mesmo modo que os humanos eram animalizados, o Chaco assumia características humanas: “Desembocaron al fin en un descampado, larvas choreadas de tierra y telarañas, expelidas del intestino boscoso sobre el mar gris del desierto, sembrado de pálidos islotes.”²⁶³

Podemos perceber em Roa Bastos a representação de várias paisagens. As paraguaias fora do Chaco, positivas e negativas; a paisagem de mobilização da guerra; a paisagem de morte e a paisagem natural do Chaco. A paisagem paraguaia é essencialmente a paisagem rural. Nela Roa Bastos mostra seu lado positivo, como a fertilidade dos alimentos que eram plantados, as casas, os ranchos, as árvores e os animais. O trem e outras construções humanas, quase sempre presentes na narrativa do autor, são símbolos de civilização e se opõem à falta de civilização no Chaco, contudo mais do que isso, são também representantes da memória do povo paraguaio e por que não da própria memória afetiva do intelectual exilado que é Roa Bastos quando escreve e descreve essas paisagens. As paisagens paraguaias, portanto, tornam-se símbolos da nação. Uma das imagens mais interessantes que o autor paraguaio faz é no final do quarto capítulo e início do quinto capítulo. Descrevendo a fuga de Natí e Casiano do *yerbal*, o texto perpassa esses espaços-personagens fundamentais no texto: o vagão abandonado em Sapukai, resquício da explosão causada pelo governo contra os rebeldes de 1912, o leprosário, o cemitério, os “*plantíos de algodón y caña-dulce*”²⁶⁴. Essas memórias e esses espaços-personagens são marcas afetivas, mas muitas das vezes lembranças de horror, morte, traição e perseguição, de um passado de desastres sempre presente com o qual os paraguaios convivem e constantemente parecem não poder escapar.

Sejam pelas plantas que tomam o vagão escondido no meio da mata por Natí e Casiano, ou pelas dificuldades impostas para os caminhões no Chaco, já que “*La tierra se levantaba detrás y seguía al camión con sus tolvánas, tapándole el regreso como un muro.*”²⁶⁵, civilização e barbárie se enfrentavam constantemente, tendo a segunda a vantagem nesse confronto. No trecho a seguir podemos verificar melhor este tipo de situação:

²⁶² ROA BASTOS, Augusto. “Hogar”. op.cit., p.167.

²⁶³ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.302.

²⁶⁴ ROA BASTOS, Augusto. “Hogar”. op.cit., p.149.

²⁶⁵ ROA BASTOS, Augusto. “Hogar”. op.cit., p.150.

*Pero a medida que avanzaban, la tierra se iba poniendo más seca. Las ruedas patinaban en los arenales. Los viejos motores jadeaban espasmódicamente. La mayor parte del tiempo debían desarrollar todo su régimen. El tambor de los diferenciales araba las estrehuellas o se incrustaba en los montículos y entonces había que bajar o desengancharlo, cavando debajo a pala y machete. Las manos de los camioneros iban crispadas sobre las palancas de cambio. Bloqueadas de golpe o embaladas a fondo, las cajas de velocidad producían continuos rechinamientos. Tenían que apelar a todas las fuerzas y combinaciones del engranaje para desprenderse del blando pero implacable brazo de la ruta que no quería dejarlos pasar.*²⁶⁶

Era importante levar a civilização ao Chaco, mas não vemos em Roa Bastos isso como um conceito chave na busca por transformar a região em parte do território nacional. De fato, não podemos pensar em *Hijo de Hombre* como uma narrativa que tenta justificar a ocupação do Chaco ou transformá-lo em parte do território paraguaio, mas uma narrativa que busca demonstrar os interesses políticos e principalmente econômicos de alguns setores nessa empreitada. Se Céspedes por um lado, em seu livro, não enxerga o Chaco enquanto território nacional, para Roa Bastos, por outro, o Chaco já está dado enquanto parte do Paraguai, apesar de identificarmos que para ele pouco seria mudado com a tentativa de ocupação humana, seja através da guerra ou não. A historiadora estadunidense Bridget Chesterton explica que durante as três primeiras décadas do século XX, intelectuais, artistas, jornais e até mesmo mapas e livros didáticos, incluíam o Chaco no território nacional e tentavam mobilizar a população para que essa ideia fosse difundida entre todos os setores²⁶⁷, e que os paraguaios, especialmente a população rural, consideravam-se preparados para defender uma região que era parte de seu país e de seus trabalhadores, enquanto os bolivianos acreditavam estarem invadindo um território que era percebido como paraguaio.²⁶⁸ Roa Bastos demonstra a preocupação de alguns personagens pela possibilidade do Estado paraguaio perder território para a Bolívia e suas visões positivas sobre sua participação na luta por esse território, mas utiliza de outros personagens para criticar essa ideia e apontar as verdadeiras causas e os interesses no Chaco, como será visto no próximo tópico.

A paisagem representada por Roa Bastos também é uma paisagem de mobilização militar e ocupação. Soldados, animais, aviões, caminhões, armas e munições eram elementos estranhos na paisagem chaquenha, partes de civilização

²⁶⁶ ROA BASTOS, Augusto. "Misión". op.cit., p.281-282.

²⁶⁷ CHESTERTON, Bridget María. op.cit., p. 58-59.

²⁶⁸ Ibid., p. 4.

presentes em um lugar incivilizável. A construção de infraestrutura no Chaco teria a função de permitir o estado de guerra na região, como podemos verificar nesse pequeno pedaço da narrativa sobre a paisagem de *Isla Po'í*:

*En lugar de hormigas, incesantes remolinos de hombres se mezclaban con camiones, piezas de artillería, carretas, caballos, mulas, bueyes, en un amasijo de gritos, órdenes, relinchos y traqueteo de motores, en el aire pegajoso e irrespirable. Bajo un samuhú, una banda de músicos tocaba o ensayaba fragmentos de marchas. Nada resultaba tan absurdo como este vestigio de parada militar en medio del pandemonio, marcando el paso de los soldados que ahora marchaban realmente a la batalla.*²⁶⁹

Apesar de ter como objetivo permitir o estado de guerra, e de certa maneira continuar sendo humanos, o narrador critica tudo que acontece e que retrata ali. A música e o trabalho não alteram o fato de servirem no fim como simples peças de uma engrenagem de onde possivelmente sairão mortos, e ainda assim não serão capazes de ocupar o território, dominar o Chaco. No caso militar, essa paisagem de ocupação também era uma paisagem de conflito e destruição²⁷⁰, como é possível verificar através da seguinte representação daquela mesma paisagem sendo bombardeada pelos aviões bolivianos:

*El cielo se había puesto tirante. Bronco y cóncavo, resonaba raspado por el zumbar de máquinas aéreas y los estampidos de sucesivas explosiones. Tres Junkers bolivianos sobrevolaban la base en cerrada formación, arrojando sus bombas. El suelo se abría a distro y siniestro en ardientes penachos de tierra y metralla. Hombres, vehículos y animales se atropellaban entre estas súbitas erupciones. Como remate, los incursores picaban, peinando el vórtice en vuelo rasante con las ráfagas de sus automáticas. A pelo y contrapelo. Desde arriba sí que verían la loma de Isla Po'í como un alborotado hormiguero, un takurú destripado a bombazos.*²⁷¹

Essa paisagem de ocupação, conflito e destruição também era uma paisagem de morte. A paisagem chaquenha foi modificada pela guerra graças as construções de estradas, de *fortines*, pela presença de soldados em locais que não eram habitados, mas é a destruição, como visto, e principalmente a morte, que mais alteraram aquela paisagem, trazendo verdadeiras imagens aterrorizantes em *Hijo de Hombre*. A presença de corpos sem vida, de esqueletos, se torna um elemento totalmente novo dentro dessas paisagens, alterando-as na visão dos que as contemplam, como no seguinte trecho:

²⁶⁹ ROA BASTOS, Augusto. "Misión". op.cit., p.264.

²⁷⁰ BREITHOFF, Esther. op.cit., p.70.

²⁷¹ ROA BASTOS, Augusto. "Misión". op.cit., p.277.

*Hoy contamos, sin embargo, con una protección adicional: los muertos amontonados sobre la herradura. Al amparo del pestilente parapeto nos arrastramos como pudimos buscando al acaso el corazón del reducto.*²⁷²

Mas não só são os corpos dos soldados que são considerados nessa paisagem representada pelo autor paraguaio, o próprio Chaco é considerado um ambiente sem vida, uma “*tierra muerta*”²⁷³. Em suas paisagens “*osamentas de animales aparecían también de tanto em tanto*”²⁷⁴. A paisagem chaquenha, humanizada, tragava tudo. Suas árvores espinhosas e sua aparência monstruosa são relatados no romance. Além disso, ela aparece como quase sempre igual, labiríntica, onde os paraguaios se perdem, “*Monte y desierto. Desierto y monte*”²⁷⁵, relata o narrador sobre as paisagens percorridas pelo caminhão dirigido por Cristóbal. Dentro da ideia de espaços-personagens, o Chaco é o mais terrível de todos, e, assim como em Céspedes, aparece como um dos inimigos. Como afirma Domingo Jiménez, o entorno em Roa Bastos não é apenas um marco narrativo, uma tela de fundo, e sim um importante protagonista, um elemento de importância decisiva na narrativa, no caráter e na atuação dos personagens.²⁷⁶ Para ambos os autores o Chaco, graças principalmente à má organização de uma guerra fracassada e sem motivos justos para suas populações, não manteria uma coexistência com os seres humanos que ali estavam. Em Roa Bastos não existe um estranhamento tão grande da paisagem chaquenha se comparado com os contos de Céspedes, de fato não existem tantas diferenças entre as paisagens que os personagens percorrem dentro e fora do Chaco. O que nos parece é que em Roa Bastos a manutenção da “civilização” é possível e se faz presente fora do Chaco, enquanto dentro da região ela é somente temporária, só restando para sempre as marcas de morte e destruição. A infertilidade do Chaco é confrontada com a fertilidade de outras regiões, mas essas regiões férteis e com paisagens conhecidas também podem carregar sua negatividade, nesse caso em grande parte não pela natureza enquanto inimiga, mas sim pela exploração do homem pelo homem, da falta de cidadania e da violência que percorre a história desses povoados rurais mesmo em períodos sem guerra e fora do Chaco, dessa

²⁷² ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.242.

²⁷³ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.297.

²⁷⁴ Ibid., p.281.

²⁷⁵ Ibid., p.307.

²⁷⁶ JIMÉNEZ, Domingo Antonio Hernández. op.cit., p.121.

forma o romance do homem crucificado pelo homem é também a do homem crucificado pela natureza.²⁷⁷

Em Roa Bastos a paisagem não é só uma metáfora da guerra, da estupidez da guerra, mas uma metáfora das próprias violências e diferenças entre as elites e o povo. Em nenhum momento de sua narrativa os membros da elite sofrem com a natureza, ela só é inimiga, desprovida de beleza e mortífera para os de “*abajo*”. O enfrentamento dos paraguaios com a natureza chaquenha em seus diversos aspectos se torna mais uma das tantas metáforas de Roa Bastos sobre o morrer por interesses escusos e não pela pátria. Afinal de contas o Chaco se torna mais uma paisagem do absurdo, um símbolo da injustiça, onde a população não irá ganhar nada, e que aparentemente só servirá como túmulo para a população dos dois países, como também apontado em Céspedes. Apesar disso, a guerra no Chaco também pode ser identificada como a principal das tragédias por qual os paraguaios passam na narrativa, a tragédia que pode servir enquanto facilitador na constituição de uma nova nação.

3.4

Uma guerra sem justificativas

Parte do narrado por Roa Bastos em *Hijo de Hombre* envolve uma intensa e importante crítica social sobre o papel que cabe aos esquecidos da nação e da guerra, e sobre as causas e interesses envolvidos no conflito. Neste momento analisaremos as dificuldades logísticas; a falta de sentida da guerra; a quem os personagens e o próprio Roa Bastos põe a culpa por tamanho desastre; o forte tom denunciatório sobre a violência enfrentado pelos homens e mulheres paraguaios em seus mais diversos sentidos; e as mudanças provocadas pela guerra.

Nossa análise estará mais voltada para os capítulos que falam sobre a guerra, afinal de contas é essa relação entre a guerra e a nação que mais nos interessa, mas não podemos deixar de falar que as críticas, as denúncias e a violência estão presentes em toda a obra, seja na repressão das revoltas camponesas antes da Guerra no Chaco, seja em seu magnífico retrato do funcionamento do *yermal* no qual Natí e Casiano tornam-se escravos modernos após escaparem da perseguição por terem participado da revolta camponesa. Devemos ter em mente que o romance “[...]

²⁷⁷ JIMÉNEZ, Domingo Antonio Hernández. op.cit., p.122.

constituye una magnífica parábola de la crucifixión del hombre común, en la búsqueda de solidaridad con sus semejantes.”²⁷⁸

As críticas feitas por Roa Bastos quanto à logística paraguaia no Chaco se aproximam bastante das críticas feitas por Céspedes. O historiador estadunidense Stephen Cote explica que o exército paraguaio tinha menores dificuldades logísticas se comparado com o exército boliviano, sendo mais fácil suprir comida, água e assistência médica aos soldados. Os paraguaios, portanto, sofreram em menor grau com o clima e as doenças.²⁷⁹ Apesar dessa informação, o que vemos em Roa Bastos são críticas pesadas que revelam que os paraguaios foram muitas vezes deixados à própria sorte durante a guerra. A alimentação era ruim, a preciosa água não chegava até as linhas paraguaias e a morte se tornava comum justamente por falta dessa mínima dignidade no front. Na narrativa de Roa Bastos chegam a aparecer elogios à logística inicial dos bolivianos no caso do cerco paraguaio ao *Fortín Boquerón*, quando Miguel Vera narra em seu diário que os aviões bolivianos lançavam pacotes de gelo sobre o *Fortín* para que seus soldados não morressem de sede²⁸⁰. Para Miguel Vera “*El comando boliviano cuida del bienestar de su gente.*”²⁸¹ O interessante é que quatro dias depois, no diário do personagem, ele já narra sobre o fato dos aviões bolivianos pararem de mandar gelo, e que os medicamentos e viveres em geral caem mais nas linhas paraguaias do que nas bolivianas, dessa forma percebemos que as críticas acabam não só ficando do lado paraguaio, mas também do lado inimigo, apesar que em outros momentos do texto o poderio boliviano parece ser maior do que o de seu país, especialmente no uso de máquinas modernas como os aviões *Junkers* alemães.

Roa Bastos mostra a precariedade das condições do Paraguai em enfrentar uma guerra tão duradoura e mortal em um ambiente que era um verdadeiro inferno para os combatentes. Podemos crer que vários dos relatos que seus personagens narram foram realmente vistos e vivenciados pelo autor enquanto voluntário em uma enfermaria na guerra. Roa Bastos narra sobre as macas do hospital de campanha feitos de ramos de alguma planta, e toda a improvisação que os que ali

²⁷⁸ DÍAZ GUEVARA, Fabiola. op.cit., p.8.

²⁷⁹ COTE, Stephen Conrad. Op.cit., p.746.

²⁸⁰ Este fato realmente ocorreu. Inicialmente os sitiados bolivianos receberam ajuda logística por via aérea, mas após algumas semanas acabaram sendo deixados à própria sorte, cercados por um número muito maior de tropas paraguaias.

²⁸¹ ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.242-243.

estavam deveriam fazer para dar conta da quantidade de feridos que não paravam de chegar. Muitos dos caminhões que carregavam corpos, feridos e as tropas eram doados pela população, como no caso do “*furgón de reparto de pan, transformado en ambulancia*.”²⁸² Na mesma página uma conversa entre um sargento e um enfermeiro mostra as dificuldades logísticas por qual passavam, já que, ao pedir um caminhão de saúde, o sargento recebe a informação que “— *Lo que no hay es camión*”²⁸³ e que aquele furgão transformado em ambulância era o único ali, pois todos os outros estavam em viagem.²⁸⁴ Em mais de um pedaço de sua narrativa Roa Bastos traz para o leitor a maneira pouco profissional do exército e da logística de seu país, tudo parecia fruto da improvisação, e quanto mais a guerra avançava pelo Chaco, mais o Estado se mostrava despreparado.

Em *Hijo de Hombre* nenhuma justificativa para a guerra parece fazer sentido para o narrador e para os personagens que ali estavam. Roa Bastos faz questão de apontar essa falta de sentido da guerra em vários momentos. Um dos momentos mais interessantes é quando Miguel Vera narra no seu diário as falas de Zurdo Medina, um preso de orientação socialista companheiro de Vera na prisão de *Isla Peña Hermosa*, sobre a possibilidade da guerra contra a Bolívia começar. Enquanto Martínez e Noguera entendem que se ocorrer uma guerra ela será lutada pois os bolivianos são invasores do território paraguaio, e que é dever de todos os paraguaios defendê-la, Zurdo explica as causas da guerra e de certa maneira os culpados por ela ocorrer, dizendo que eles iriam lutar:

— *Por los títulos y acciones flamantes, guardadas en los cajos fuertes de las terratenientes del tanino. Cada uno de ellos es más poderoso que nuestro gobierno, que nuestro país. ¿Qué me dicen de Casado, por ejemplo? En mitad del Chaco, todavía estamos en sus latifundios. Ahora tendremos que pedirle permiso para ir a morir por sus tierras. [...] También vamos a pelear por los títulos y acciones de las empresas del petróleo, que están del otro lado. [...] Las grandes empresas tienen buen olfato. Huelen de lejos el mar mineral enterrado en el Chaco.*²⁸⁵

Falado isso, Martínez responde que por conta desse interesse pelo petróleo no Chaco pelos bolivianos é que todos os paraguaios deveriam defendê-lo. Zurdo responde da seguinte maneira:

— *Tampoco va a ser de ellos — replicó el Zurdo —. Aunque se queden con todo el Chaco. ¡Por eso hay que denunciar a los que preparan la guerra, muchachos!* —

²⁸² ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.264.

²⁸³ Ibid., p.264.

²⁸⁴ Ibid., p.265.

²⁸⁵ ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.233.

*agregó alzando la voz y golpeando la tabla —. ¡A los de aquí y a los de allá! ¡La Standard, los Casado y compañía!*²⁸⁶

Utilizando a voz do personagem Zurdo, Roa Bastos aponta os culpados pela entrada da guerra, pelo desastre que foi para ambos países, pela violência sofrida e as verdadeiras justificativas para disputar o Chaco com a Bolívia. Dessa forma os culpados são: Carlos Casado²⁸⁷ e sua empresa e os outros senhores do tanino, a Standard Oil, os governos e as elites de ambos os países. Podemos perceber dois tipos de discurso. Os militares de baixa patente não entendem as verdadeiras motivações envolvidas na guerra e enxergam de maneira apenas superficial a questão, apelando para o patriotismo, por defender o que seria paraguaio. Já Zurdo possui uma análise mais profunda, e entende que os paraguaios irão morrer em nome do capital, especialmente estrangeiro. Assim como Céspedes, Roa Bastos também coloca a culpa no caso boliviano para o general alemão Hans Kundt:

*Del otro lado está Kundt, el mercenario teutón. Dos escuelas europeas van a enfrentarse en un salvaje desierto americano, con medios primitivos, por intereses no tan primitivos. Es también una manera de actuar la civilización sobre un contorno inculto, encallado en el atraso del primer día del Génesis.*²⁸⁸

A experiência desastrosa no Chaco une até mesmo os que se enfrentaram, já que a culpa por essa guerra estúpida não havia sido de seus povos e o que passaram por conta desses responsáveis externos e internos foi o mesmo: “*Los que están aquí han dejado de ser enemigos. Desnudos igualmente cadavéricos, ya no se distinguen de los nuestros.*”²⁸⁹ De acordo com Lee Kyeong as dificuldades impostas anularam o significado da guerra enquanto conflito entre países inimigos:

La Guerra del Chaco es entre los mismos hermanos. Éste es el punto donde se quiebra la noción del Estado nacional paraguayo. Las élites locales implantaron el sistema estatal imitando al modelo occidental para favorecer sus intereses sin tener en cuenta en nada lo popular. Por eso, la nación paraguaya no corresponde al pueblo dentro del Estado. Es lo que Roa Bastos problematiza. Por esta razón, se vuelve loco Crisanto Villalba después de matar a un joven soldado boliviano. Crisanto se convierte en una máquina bélica sin poder escapar de su culpabilidad

²⁸⁶ Ibid., p.233.

²⁸⁷ Carlos Casado del Alisal foi um empresário argentino fundador, em 1883, da Carlos Casado S.A., adquirindo uma grande extensão de terra no Chaco paraguaio. Em 1886 Carlos Casado instalou a fábrica de tanino em Puerto Casado e começou a operar a primeira fábrica de extração de quebracho (tanino) na América, tornando-se uma das maiores do mundo, produzindo 2.400 toneladas por mês, exportando principalmente para a Europa e EUA. Além do tanino a empresa de Carlos Casado explorou, entre outras coisas, a agricultura e o gado leiteiro e de corte. Para ver mais acessar: <<http://www.carloscasadosa.com/pt/historia.php>>

²⁸⁸ ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.239.

²⁸⁹ Ibid., p.253.

*al matar a su hermano. La pérdida de la humanidad es el cruel resultado de la guerra. Todos ellos que luchan contra sí mismos son víctimas de los que provocan la guerra.*²⁹⁰

Vários acontecimentos durante a narrativa de Roa Bastos separam o povo comum dos possuidores do poder, inclusive no caso da guerra. Lee Kyeong explica que o poder dominante comanda o país graças a violência do Estado, e que em uma sociedade injusta e desigual só existem os de *abajo* e os de *arriba*.²⁹¹ Para ela:

*En la Guerra del Chaco la explotación por parte do Estado continúa. En general, la guerra puede ser una manera efectiva para la concentración de poder y la consolidación territorial.*²⁹²

Em Roa Bastos o grito “¡Tierra, pan y libertad!” ecoa em diversos momentos, inclusive em capítulos que se passam durante a guerra. Ele é o grito dos oprimidos contra todas as injustiças, contra toda a exploração pela qual foram submetidos.

Victor Bulmer-Thomas explica que após 1870 houve uma sobreposição tão grande entre o Estado e a classe dos proprietários de terra que não devemos separá-los analiticamente²⁹³. O Partido Liberal assumiu o poder em 1904 mas deixou em segundo plano as questões sociais, mantendo grande parte da sociedade às margens da política empreendida pelo partido, enquanto por sua vez se mantinha alheio aos interesses populares²⁹⁴.

Assim, a junção da burguesia urbana com a aristocracia, alijando as classes não possuidoras de poder, só serviu para operar a seu favor, propondo projetos que fossem financiados pelo Estado. A modernização econômica do país, em que eram os maiores beneficiados, não trazia alterações para a sociedade e deixava o panorama das situações de classes intocado.²⁹⁵

Um problema grave na época era a grande desigualdade entre a população, com os trabalhadores abaixo da linha da pobreza e a falta de cooperação para reverter essa situação. Além do mais, existia no Paraguai uma ampla importância econômica de investidores e empresas estrangeiras. O gado e a madeira eram

²⁹⁰ KYEONG, Min Lee. El poder de resistencia de la cultura popular dentro del Estado, en Hijo de hombre de Roa Bastos. *Espéculo: Revista de Estudios Literarios*, n. 29, 2005, n.p.

²⁹¹ KYEONG, Min Lee. op.cit., n.p.

²⁹² KYEONG, Min Lee. op.cit., n.p.

²⁹³ BULMER-THOMAS, Victor. *The economic history of Latin America since independence*. Cambridge University Press, 2003, p.93.

²⁹⁴ DE SOUZA, José Carlos. *O Estado e a Sociedade no Paraguai durante o governo do Partido Liberal (1904-1935)*. Assis, 2006. 325p. Tese (doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, p.106.

²⁹⁵ Ibid., p.106.

explorados por importantes empresas argentinas, especialmente na região do Chaco, como no caso da empresa de Carlos Casado, já mencionada em *Hijo de Hombre*, enquanto grande parte do comércio de erva mate era controlado por uma empresa britânica, e sua venda, o maior gênero de exportação paraguaia na época, apenas para países da América do Sul, principalmente a Argentina²⁹⁶. Além de possuírem grandes fatias do mercado de valiosos gêneros de importação, essas famílias e empresas estrangeiras tinham o controle de enormes quantidades de terra, inclusive no Chaco:

*A finales de siglo, unos setenta y nueve propietarios poseían casi la mitad de la tierra de Paraguay; e en 1930, un reducido grupo de diecinueve propietarios, la mayoría de ellos grandes compañías extranjeras, poseían más de la mitad del territorio nacional.*²⁹⁷

Lee Kyeong aponta que:

La independencia y la construcción del Estado no significó la liberación social. Debido a la influencia del capital internacional, la industrialización o la modernización económica paraguaya no atribuye al cambio sistemático de la sociedad tradicional sino la fortaleza. Y también se observa un sistema de explotación orgánica. El capital internacional, manteniendo una relación simbiótica con el poder estatal del Paraguay, aprovecha el recurso natural -el yerbal y el trabajo barato-, una situación que no tiene ninguna diferencia de la época anterior. Y por supuesto, se intercepta la fluidez entre clases sociales y no se espera la emergencia de la clase media. Por añadidura, el Estado convertido en el sujeto de la polarización de clases garantiza legalmente el sistema explotador. La igualdad humana no existe en ningún lugar. De hecho, en la segunda mitad del siglo XIX, el concepto de nación y de ciudadano sólo se aplicaba al grupo selecto de los propietarios, descendientes de Europa, letrados y varones. En la obra, a los que no cumplen esas condiciones no se les permite ningún derecho humano. Todo esto no sólo representa al neocolonialismo, o sea el neoimperialismo, sino también al intracolonialismo que se observa en la relación injusta entre los terratenientes y los peones.

Até mesmo no recebimento de condecorações a narrativa aponta para as diferenças sociais, inclusive na hierarquia militar. No último capítulo, com a guerra já terminada, Hilarión Benítez pergunta para Crisanto como ele ganhou as condecorações que havia mostrado, afinal de contas, “*No había cruces ni medallas para los suboficiales y los clases. [...] Sólo papel de balde con tu foja de servicio...*”²⁹⁸ Depois da explicação de Crisanto, outro personagem presente fala

²⁹⁶ BULMER-THOMAS, Victor. op.cit., p.72.

²⁹⁷ LEWIS, Paul H. Paraguay, de la Guerra de la Triple Alianza a la Guerra del Chaco, 1870-1932. In: BETHELL, Leslie. *Historia de América Latina*. Barcelona: Editorial Crítica v. 15, 2002, p. 140.

²⁹⁸ ROA BASTOS, Augusto. “Ex combatientes”. op.cit., p.343.

que pelo menos a justiça havia sido feita uma vez.²⁹⁹ Esse mundo de injustiças, nas grandes ou nas menores coisas, que difere as elites do povo comum, está presente em todo o romance de Roa Bastos. No caso dos ex-combatentes, tirando a loucura do personagem Crisanto, os outros concordam que a guerra não serviu de nada, não se ganhou nada, somente marcas da desgraça e da violência, pernas amputadas, braços amputados e cicatrizes. A guerra só foi linda, diz Corazón, para “*los oficiales <<galletas>> de la intendencia de Puerto Casado.*”³⁰⁰ ou para os “*emboscados de la retaguardia. Pero no para un combatiente que arrojó y se chupó en el frente los tres años.*”³⁰¹ A guerra aparece como mais um, se não o maior, dos sofrimentos passados pelo povo paraguaio, nunca beneficiado, sempre esquecido e relegado, só lembrado para o trabalho duro ou para ser carne de canhão em uma guerra sem justificativas ou benefícios para a população.

Roa Bastos vai perpassando momentos importantes da história paraguaia em *Hijo de Hombre*, e montando sua própria história. De acordo com Damaris Lima:

Roa Bastos procura misturar fatos históricos aos ficcionais, buscando assim a reelaboração do próprio fato histórico. Para isso, ele procura trazer à luz segmentos ex-cêntricos da sociedade, que são tradicionalmente excluídos da história e da ficção.³⁰²

A história do Paraguai apresentada por Roa Bastos é cíclica e se baseia na dualidade, já que fatos se repetem, momentos de liberdade são seguidos por momentos de opressão, a violência é seguida pela redenção e assim por diante, eternamente. Vários fragmentos da narração nos permitem perceber esse caráter cíclico da história contada. No último capítulo isso fica ainda mais claro, em trechos como o seguinte, onde o narrador fala sobre a incrível fraternidade dos paraguaios apesar das dificuldades: “*Y sus ciclos se expanden en espiral. En todo Itapé, como en muchos otros pueblos, fermenta nuevamente la revuelta, en una atmósfera de desasosiego, de malestares y resentimientos.*”³⁰³ Até mesmo a guerra vira algo cíclico dentro dessa história paraguaia, a Guerra da Tríplice Aliança foi seguida pela do Chaco, e qual será a próxima? Em uma fala de Corazón, também no último capítulo, em um momento que chamam Crisanto para beber, fica claro a existência

²⁹⁹ Ibid., p.344.

³⁰⁰ Ibid., p.345.

³⁰¹ Ibid., p.345.

³⁰² LIMA, Damaris Pereira Santana. op.cit., p.23.

³⁰³ ROA BASTOS, Augusto. “Ex combatientes”. op.cit., p.354.

para o personagem do ciclo por qual a história paraguaia passa, já que “*No todos los años sale una guerra como la que acaba de terminar*”³⁰⁴ A narração do autor paraguaio não só transmite essa ideia de história cíclica, mas também a de que aquela história é construída pelos próprios seres humanos, feita pela população comum, os que estão na margem, homens e mulheres, os excluídos, os vencidos pela própria narrativa oficial, dessa forma:

A voz dada ao subalterno faz parte da desconstrução do discurso histórico oficial. A ficção utiliza-se, então, do que seriam as entrelinhas, do discurso da história e torna-se terreno fértil para esse sistema descentralizador”³⁰⁵.

Se isso é possível, cabe a esses da margem acabarem com o ciclo de opressão e tragédia. Roa Bastos dá então o caminho, indica que os paraguaios constroem sua própria história e que cabe a eles, e somente a eles, sair desse ciclo, tomar consciência da opressão que sofrem e assim construir uma nova história, uma nova nação. A figura de Miguel Vera é emblemática, pois enquanto narrador e personagem é:

*[...] la encarnación y símbolo del protagonista colectivo que es el pueblo, que se fue configurando a lo largo de los diferentes capítulos de la novela, quien debe cumplir una misión histórica y, en consecución de esta misión, muere. Es una representación de la historia paraguaya, arcada por las guerras internacionales y las luchas internas, que impregnaron de sangre, sudor y lágrimas el devenir histórico de la nación.*³⁰⁶

Nas últimas páginas do livro, onde o que se tem é uma carta da médica Rosa Monzón, a pessoa que possui os manuscritos de Miguel Vera que formam o livro *Hijo de Hombre*, fica um aviso final que reitera tudo isso que acabamos de demonstrar:

*Después de los años, en estos momentos en que el país vuelve a estar al borde de la guerra civil entre oprimidos y opresores, me ha decidido a exhumar sus papeles y enviárselos [...] Creo que el principal valor de estas historias radica en el testimonio que encierran. Acaso su publicidad ayude, aunque sea en mínima parte, a comprender más que a un hombre, a este pueblo tan calumniado de América, que durante siglos ha oscilado sin descanso entre la rebeldía y la opresión, entre el oprobio de sus escarnecedores y la profecía de sus mártires...*³⁰⁷

³⁰⁴ Ibid., p.331.

³⁰⁵ LIMA, Damaris Pereira Santana. op.cit., p.23-24.

³⁰⁶ CABALLERO, Pedro Ramón. op.cit., p.88.

³⁰⁷ ROA BASTOS, Augusto. “Ex combatientes”. op.cit., p.363-364.

Roa Bastos, então, utilizando a voz de seus personagens, identifica esse texto que ele mesmo escreveu como um guia para compreensão da verdadeira história contemporânea de seu país, também sendo um guia reflexivo para que seu povo possa sair desse ciclo no qual ainda permanece, haja visto que o livro foi escrito em 1959.

Além de, em tom denunciatório através de seus personagens, apontar os culpados e as verdadeiras justificativas para a guerra de acordo com sua percepção, Roa Bastos também denuncia as diversas formas de violência em que foram submetidos no Chaco. As imagens de violência que revela são intensas e compõem mais um aspecto de sua crítica aos que mandaram parte da população para morrer no Chaco. Segundo Patricia Montenegro:

*Roa Bastos narrates the dark side of the battlefields. The images of shadows are dramatized and grow to surreal proportions bordering on the grotesque toward the end of this war. Their meaning stems from the number of people affected by the slaughter that takes place, as in any war, and by the harrowing effects on which the narrator capitalizes. One of these effects is the psychological burden of the massive annihilation. The narrator finds it imperative to create the surrealistic, arbitrary image par excellence first because the events of the war lend themselves to do so. Second, because the more shocking and absurd the image the more the attention and perhaps reaction it will receive.*³⁰⁸

A falta de alimentação, a sede e o calor ajudaram a criar as imagens de violência narradas por Roa Bastos no Chaco, como já falado neste capítulo. Como faltava tudo, os combatentes tinham que sobreviver a qualquer custo, o que gerava imagens chocantes descritas por Roa Bastos, como por exemplo a troca de viveres por urina, já que não recebiam água³⁰⁹. Uma parte dessa violência é representada pelos relatos de corpos feridos, de esqueletos adormecidos no Chaco, da carne viva no campo de batalha. Roa Bastos aponta que nos hospitais de campanha também se travava uma guerra, e o narrador nos diz o seguinte sobre as imagens em tal ambiente: “*Los camilleros venían entrando un nuevo paquete enlodado de tierra y sangre*”³¹⁰. Os relatos dos ex-combatentes também mostram tamanha violência sofrida. Parte de seus corpos permaneceu no Chaco, não só como metáfora, mas como realidade. Amputados nas pernas e nos braços tiveram que combater mesmo assim, afinal “*a quien le sobre una pata y un brazo, puede seguir bailando en el*

³⁰⁸ MONTENEGRO, Patricia G. Symbolism of the Shadows in Son of Man. *Cultural and Religious Studies*. July-Aug., v.3, n.4, 2015, p.17-18.

³⁰⁹ ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.254.

³¹⁰ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.269.

*cercos...*³¹¹. A falta de uma parte de seus corpos seria uma lembrança da violência sofrida que levariam consigo até suas mortes. A eminência da morte nos corpos desses mestiços paraguaios também é aterrorizante e inflige uma violência também psicológica. Os personagens combatentes sabem que atravessar as linhas seria um passeio com passagem somente de ida³¹², estar ali era como esperar pelo abate em um matadouro humano, era ter ido ao seu próprio velório³¹³, como disse o combatente Gamarra. A realidade era tão absurda que até mesmo a morte se mostrava uma saída melhor do que o constante sofrimento pelo qual passavam, pois muitos já estavam semimortos, eram corpos quase sem vida, como neste relato do transporte de feridos no meio do Chaco:

*Se entreveían los cuerpos, apilados, piernas y brazos espinudos, miembros y torsos con vendajes pegoteados, semblantes cadavéricos, la garra quemada de alguna mano engurruñándose en las oleadas de tierra y de insectos que marchaban la luz.*³¹⁴

Muito do sofrimento imposto aos combatentes teve relação direta com a natureza chaquenha e com as falhas de estruturação de uma guerra em um local tão difícil para seres humanos e máquinas. Os bolivianos são mostrados em várias partes da narrativa como iguais, pois passavam pelas mesmas dificuldades e violências impostas pela guerra na região. Apesar disso, em algumas partes a violência entre paraguaios e bolivianos também é sinalizada, como quando os caminhões paraguaios que levavam água para a tropa de Miguel Vera são surpreendidos por combatentes bolivianos em busca de água.

*Un nutrido tiroteo cortó sus palabras. Sombras kakis irrumpieron sobre el camino en una salvaje gritería. Cristóbal lanzó el camión contra la maraña, pero ya era tarde. Derribó de un empujón a Salu'í entre los matorrales y él se escurrió por la abertura, del otro lado. El fuego graneado de los atacantes se centró sobre Mongelós y Gamarra, que no tuvieron tiempo de saltar de la carrocería. Cayeron retorciéndose bajo los impactos que picotearon sus cuerpos con fofos chasquidos. Cristóbal se incorporó de entre los yuyos y levanto un brazo para apoderarse del mosquetón que estaba en la cabina, pero un balazo le destrozó la mano. Se dejó caer, se arrastró un trecho y quedo inmóvil.*³¹⁵

Essa violência, mas do que um ataque que visava a conquista do território, era na verdade fruto da luta pela sobrevivência, afinal de contas em outra parte do

³¹¹ Ibid., p.304.

³¹² Ibid., p.266.

³¹³ Ibid., p.312.

³¹⁴ Ibid., p.301.

³¹⁵ Ibid., p.319.

capítulo os caminhões também foram atacados por paraguaios. Esses relatos de violência demonstram que ali a humanidade foi perdida, e que os combatentes dos dois lados se animalizavam nesta guerra que não era pelo Chaco, mas contra o Chaco, contra a sede e por manter-se vivo.

A animalização dos personagens em momentos extremos é um dos recursos utilizados no romance. Em muitos momentos os personagens se assemelham à porcos, cachorros, formigas, se sentem como moscas no grande Chaco. São apenas “*hormigas de la guerra, el fusil al hombro, la impedimenta a la espalda, rumbo a las líneas.*”³¹⁶ dizia o narrador. Salu’í, apaixonada por Cristóbal Jara, não entende o porquê de seu desprezo por ela, e o narrador então explica que a mulher somente conhecia “*a los hombres en su momento más deshumanizado, a esos hombres atontados, bestializados por la soledad del campamento, por la eterna desolación del desierto.*”³¹⁷ Essa bestialização dos homens em momentos extremos pode ser bem resumida na chocante representação que faz Roa Bastos dos combatentes à espera de água, obrigados a mascar bulbos e raízes do Chaco:

*No hacen más que provocar náuseas y las arcadas acaban lanzando las mucosidades de los estómagos deshechos. He visto a algunos recoger ávidamente las raíces mascadas por otros y masticarlas a su vez, con aire de estúpida satisfacción adquisitiva, como si acabaran de hurtar algo muy precioso. Otros se aplican a recuperar, pacientemente, a través del aterciopelado cucurucho de las flores de karaguatá, los espumarajos de sus propios vómitos. Al comenzar el cuarto día de ayuno, los más apurados han comenzado a roer las partes blandas del correaje. Naturalmente, es un charque muy poco nutritivo.*³¹⁸

Afim de retratar aos leitores o que foi vivido no Chaco, Roa Bastos representa de maneira brutal a desumanização que vai ocorrendo com os combatentes em guerra. Nas palavras de Pedro Caballero:

*En su obra, retrata la realidad lacerante e inhumana de su pueblo, luego de las masacres con visos de exterminio. Por ello, el manejo temporal de su narrativa mantiene al lector en suspenso. Sus personajes se convierten en la parte medular de su limo narrativo. La obra Hijo de Hombre constituye una radiografía de la condición bravía de su raza, pero igualmente una visión irracional de las situaciones espinosas por las cuales atravesó su pueblo. El maltrato que sufrieron sus coterráneos llega a vilipendiar su condición humana; el narrador describe a sus personajes en sus condiciones ínfimas, cuando laboran en los yerbales: cucarachas bajo atados de madera, reses de ganado que se agachan a beber el agua de arroyuelos, seres indómitos que siembran la tierra con sus huesos y alimentan los pozos secos con su sangre. La dignidad humana es un frágil cristal, quebrantado y humillado.*³¹⁹

³¹⁶ Ibid., p.264.

³¹⁷ Ibid., p.274.

³¹⁸ ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. Ibid., p.253.

³¹⁹ CABALLERO, Pedro Ramón. op.cit., p.82.

Assim como Céspedes, Roa Bastos também mostra a constante desumanização dos homens em guerra, a luta contra a opressão em seus diversos sentidos, a busca pela sobrevivência muitas vezes a qualquer custo, os momentos de sede, calor, morte e sofrimento. Alguns personagens sonham acordados, imaginando o retorno aos seus lares, uma fuga imaginária para escapar da dura realidade vivida ali. Essa realidade do campo de batalha é intensamente retratada tanto por Céspedes como por Roa Bastos, que, com suas brilhantes escritas, são capazes de fazer com que possamos visualizar os acontecimentos e até nos colocar no lugar daqueles que ali sofrem.

*Los relatos de los acontecimientos y la focalización interna nos permiten observar lo que sucede entre los combatientes en el frente de batalla. El conocimiento histórico de la Guerra del Chaco, en conjunción con su descripción geográfica convierte a la narración en un paisaje de situaciones que conducen al lector y le permiten distinguir las zonas donde suceden los acontecimientos. La conjunción que realiza Roa Bastos de los elementos espacio-temporales en su obra pone de relieve el sufrimiento de la sociedad paraguaya durante la guerra y los personajes de esta novela nos permiten, de alguna manera, reconstruir el contexto de la guerra y los avatares que atravesó la sociedad paraguaya durante la fatídica Guerra del Chaco.*³²⁰

A loucura é outra marca deixada pelo Chaco. A falta de tudo gerou homens em estado animalesco e de loucura durante a guerra. Muitos são os momentos de loucura narrados pelo autor paraguaio, mostrando mais um lado da violência sofrida em batalha. Em determinada passagem, um dos personagens pede para que Miguel Vera lhe dê um tiro para que o sofrimento acabe, o que é atendido pelo narrador do diário, “*es preferible acabar de una vez*” escreve o narrador. Como não existe esperança, só dor e sofrimento, alguns em estado de loucura preferem evadir do Chaco fugindo da própria vida. É nas ocasiões em que a sede é retratada que Roa Bastos nos entrega os momentos de maior loucura dentro do Chaco. Não conseguindo pegar água no caminhão, um dos combatentes cai de joelhos no chão e golpeia a terra com os punhos, gritando que não aguenta mais aquilo³²¹. A loucura não só aparece nos personagens durante a guerra, mas também posteriormente. Grande parte da narrativa do último capítulo mostra o estado de loucura de Crisanto Villalba, que se sente perdido fora da guerra e desejava que ela não tivesse acabado. Esta situação mostra o quanto a guerra consumiu mentalmente aquele homem, a

³²⁰ CABALLERO, Pedro Ramón. op.cit., p.81.

³²¹ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.305.

ponto de não conseguir viver fora do Chaco, esperando dias e dias para que volte a ser mobilizado. Essa história de loucura não acaba bem, e já no fim do capítulo, de volta à sua casa junto ao seu filho, Crisanto lança granadas como se ainda estivesse na guerra, dando gritos de ordem para seu batalhão imaginário:

*Entre asustado y alegre, completamente sordo, Cuchuí contemplaba desde el matorral a su padre, que corría de un lado a otro gritando salvajemente y arrojando las granadas. Creía sin duda que estaba jugando a mostrarle esa guerra de la que tanto había oído hablar.*³²²

Neste momento Roa Bastos, utilizando da voz de seu personagem Miguel Vera, explica que irá mandar Crisanto para a doutora Rosa Monzón na capital paraguaia, já que as instituições oficiais não cuidam “*de los despojos de guerra.*”³²³ Enquanto isso Miguel Vera passa a cuidar do menino de Crisanto, órfão de mãe graças ao abandono gerado pela violência sofrida pelas mãos do líder político local de Sapukai, e agora de pai, graças à loucura causada pela guerra. Mais uma vez Roa Bastos usa esses episódios com o objetivo de criticar duramente não só a guerra, mas as elites políticas locais e nacionais. O menino Cuchuí se torna então um símbolo do próprio povo paraguaio, abandonado pelo Estado após inúmeras violências geradas por esse mesmo Estado.

Na narrativa de Roa Bastos não existem heróis, mas sim personagens que buscam redenção. Um ótimo exemplo é o caso de Cristóbal Jara, que na missão de entregar água para a companhia perdida de Miguel Vera acaba passando por várias situações de dor e sofrimento, mas não abandona sua missão. Mesmo atado ao caminhão para conseguir dirigir, já que fora ferido nas duas mãos, ele consegue chegar até o local onde se encontravam os homens da companhia, que, desesperados, acabam atirando naquele que seria seu salvador. Dessa forma, aquilo que parece um ato heroico termina com a morte de Cristóbal, ou seja, não termina de forma épica como poderíamos esperar. Apesar disso, como redentor que é, Cristóbal, mesmo morto por aqueles que acabará salvando, cumpre sua missão no Chaco. A figura de Cristóbal entra então em claro paralelo com a figura de Cristo, morto pelos próprios humanos aos quais iria salvar.

En las páginas de esta novela, se puede observar que los personajes se caracterizan por un débil espesor psicológico, pues los héroes no son producto de acciones sobrenaturales, sino por el cumplimiento de un deber que los rebasa, una especie de redención social que ha sido impuesta en esa búsqueda de liberación del hombre.

³²² ROA BASTOS, Augusto. “Ex combatientes”. op.cit., p.360.

³²³ Ibid., p.361.

*Esto nos permite dilucidar que los personajes son una adecuación al discurso que instaura un espacio moral que busca, de alguna manera, ser revalorizado. En ese espacio moral creado en la obra, no falta el anti héroe, en este caso representado por la figura de Miguel Vera, que con el estallido de la Guerra del Chaco, cambia de rol y asume otra posición, pues la guerra lo depura y pasa a ser uno de los tantos paraguayos que marcha al frente a defender la heredad nacional. Los héroes en la novela son personajes sencillos, que cumplen con la misión asignada y luego desaparecen.*³²⁴

Esses personagens, portanto, podem ser encarados como representantes do povo paraguaio, símbolos do esforço pela busca da redenção e do fim da opressão, mesmo que a história se mostre como cíclica. A esperança, apesar de tudo, existe, afinal de contas o sacrifício do povo paraguaio através da história deve possuir algum sentido que no final das contas possa finalmente quebrar esse ciclo. Interessante perceber que apesar da importância do indivíduo na narrativa de *Hijo de Hombre*, é o coletivo que se apresenta enquanto possibilidade de renascimento, como no caso da companhia salva por Cristóbal. Os indivíduos podem perecer, mas o coletivo seguirá adiante, dividindo não só os momentos de opressão, mas também sendo sujeitos da narrativa e de sua própria história, capazes de fato de criar uma nova sociedade, uma nova nação.

Todos os aspectos apontados aqui nos parecem fundamentais na transformação que Roa Bastos espera do povo paraguaio. Assim como em Céspedes, seu objetivo não é somente identificar os culpados pela guerra e pelo sofrimento do seu povo, ou mostrar as justificativas reais por trás do confronto, mas buscar uma outra possibilidade que faça com que seu povo escape desse terrível ciclo histórico através de sua narrativa, criando bases para uma outra conformação social, para uma outra nação que não seja dividida entre oprimidos e opressores.

3.5

Oyovalle guá

O romance de Roa Bastos demonstra aos paraguaios que é necessário pensar outra nação e mudar a nação de forma que a aparente história cíclica tenha seu fim. O seu sujeito nacional, como já explicitado, são aqueles que estão às margens do processo histórico oficial, mas que de fato são os verdadeiros sujeitos da história, os oprimidos, os de “*abajo*”. Esse sujeito é um ser dual, entre o catolicismo da Igreja

³²⁴ CABALLERO, Pedro Ramón. op.cit., p.88-89.

e as práticas ancestrais e sincréticas, entre o espanhol oficial e escrito e a potência da oralidade guarani, ligados por essa cultura híbrida. Esses paraguaios foram e são sujeitos da história, da guerra e da nação.

Durante os capítulos que se passam durante a Guerra do Chaco e após a confronto podemos perceber algumas mudanças nos personagens e no narrador quanto ao seu país. Esses “*improvisados soldados campesinos [...]*”³²⁵, mandados para lutar em uma guerra sem justificativas, sem treinamento, sem logística, de fato começam a enxergar de maneira mais homogênea o sofrimento, a opressão e o autoritarismo ao qual foram mais uma vez vítimas graças ao seu governo à serviço das oligarquias locais e dos grandes grupos empresariais estrangeiros. Roa Bastos, dando voz ao seu narrador e aos seus personagens, se mostra antiautoritário, antiburguês e anti-imperialista, da mesma forma que Céspedes em *Sangre de Mestizos*. Se antes da guerra estourar alguns personagens diziam que os paraguaios deveriam atacar os bolivianos pelo Chaco e que seria uma guerra patriótica, nos capítulos posteriores seus pensamentos se aproximam do personagem Zurdo, cujas ideias e explicação sobre os verdadeiros motivos de se entrar em guerra foram menosprezados e até mesmo levados de maneira jocosa pelos militares de baixa patente presos. As mudanças individuais de alguns personagens em guerra e após a guerra são demonstradas em alguns trechos, como o que se segue, onde o narrador explica sobre as mudanças da personagem Salu’í: “*Lo cierto era que la guerra al fin le había mudado la piel como el verano a las víboras, justo cuando la luna de sangre se levantaba cachorra sobre el horizonte del Chaco.*”³²⁶ Outro personagem que apresenta grandes mudanças, e que sabe disso, é Casiano Villalba, que quando volta da guerra e chega em sua cidade sente que não é mais o mesmo, como explica o narrador:

*Acaso le resultaba difícil de verdad reconocer su pueblo al retorno, luego de los tres años de guerra, no porque el pueblo hubiese cambiado mayormente en ese tiempo, sino porque los cambios se habían producido en él, en la parte de adentro de los ojos, y no acertaba a ubicarlos en el exterior.*³²⁷

Nota-se, ao continuar dos capítulos dos quais cada trecho foi retirado, que as mudanças individuais não são exatamente iguais. No caso de Casiano Villalba a mudança se produz pelo estranhamento de si mesmo após a guerra, principalmente

³²⁵ ROA BASTOS, Augusto. “Destinados”. op.cit., p.237.

³²⁶ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.272.

³²⁷ ROA BASTOS, Augusto. “Ex combatientes”. op.cit., p.326.

por entender a guerra enquanto seu lugar. A guerra acabou deixando-o louco, mais uma das terríveis consequências da guerra para os indivíduos. Casiano aqui é representado como aquele que mudou pela loucura da guerra, que com sua loucura não queria que a guerra acabasse, que voltou ao seu povoado a contragosto. Não houve amadurecimento enquanto sujeito da nação para Casiano, ele se manteve somente enquanto sujeito da guerra, carne de canhão para interesses políticos e econômicos, parte da engrenagem que, de tanto trabalhar, se alienou a ponto de entender que seu lugar era somente ser engrenagem e não sujeito. Bem diferente foi a mudança trazida pela guerra para Salu'í, que se tornou cada vez mais sujeita de suas ações e de suas convicções, aponto de ir atrás de Cristóbal em meio a uma missão suicida. Salu'í portanto muda, entende sua missão ali e a executa de maneira exemplar, conseguindo, por fim, conquistar o amor e o respeito de Cristóbal, mesmo que por um breve momento. No trecho a seguir temos uma brilhante narração sobre a figura de Salu'í durante um bombardeio no Chaco, antes mesmo de sua missão final com Cristóbal:

*Los camilleros no se dejaban acobardar. Volvían a la carga. Corrían agachados, casi pegados al suelo, arrastrando los bultos gimientes. Entre ellos, la animosa Salu'í vivoreaba más temerariamente que ninguno. Cargaba las angarillas, dirigía, orientaba, mandaba a los demás, como un clase en el combate. Desgreñada y con los ojos ardientes, su pequeña figura se engrandecía entre la polvareda y el humo. En un momento dados, arrastró de los brazos a un hombre que tenía amputadas las dos piernas, y logró guarecerlo bajo los árboles. Iba y venía con una lata dando de beber a los más necesitados. Distribuía pastillas coagulantes para contener las hemorragias y reparaba como podía los vendajes.*³²⁸

A personagem alcança o ápice da mudança nesse trecho. Mesmo com a desconfiança que sempre teve por parte das mulheres e homens da base, Salu'í demonstra toda sua fraternidade e capacidade de liderança, torna-se, como já falado, sujeita da guerra e da nação. Temos aqui um ato heroico em meio ao turbilhão de bombas, feridos e dificuldades em geral. Salu'í torna-se, portanto, um símbolo de fraternidade e de grandeza das mulheres paraguaias e do próprio povo em auxílio aos que, como ela, eram parte dos oprimidos, e naquele momento, dos mais necessitados. A personagem passa por um renascimento, como ela mesma fala com Cristóbal: “— *Yo también estoy empezando a comprender muchas cosas, Cristóbal. Antes de morir, Aquino me dijo que yo estaba naciendo de nuevo. Tal vez tenía*

³²⁸ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.278.

razón.”³²⁹ O renascimento de Salu’í é também o renascimento dos paraguaios, da coletividade dando forma a mudanças maiores que permitam acabar com o ciclo histórico da nação. Os acontecimentos do Chaco tornam-se então um despertar para algo novo que aos poucos pode se transformar em uma mudança realmente significativa a ponto de dar fim a história dos opressores e oprimidos, reinventando a nação. Miguel Vera, o personagem narrador cuja missão é contar a história desses paraguaios, vive, como ele mesmo diz, nas “*imágenes hechizadas de nostalgia*.”³³⁰ Ele não pensa no futuro, por isso sua missão é contar sobre o passado, diferentemente de seus conterrâneos:

*Pero para estos hombres sólo cuenta el futuro, que debe tener una antigüedad tan fascinadora como la del pasado. No piensan en la muerte. Se sienten vivir en los hechos. Se sienten unidos en la pasión del instante que los proyecta fuera de sí mismos, ligándolos a una causa verdadera o engañosa, pero a algo... No hay otra vida para ellos. No existe la muerte. Pensar en ella es lo que corroe y mata. Ellos viven, simplemente. Aun el extravío de Crisanto Villalba es una pasión devoradora como la vida. La aguja de la sed marca para ellos la dirección del agua en el desierto, el más misterioso, sediento e ilimitado de todos: el corazón humano. La fuerza de su indestructible fraternidad es su Dios. La aplastan, la rompen, la desmenuzan, pero vuelve a recomponerse de los fragmentos, cada vez más viva y pujante. Y sus ciclos se expanden en espiral. En todo Itapé, como en muchos otros pueblos, fermenta nuevamente la revuelta, en una atmósfera de desasosiego, de malestares y resentimientos. A los ex combatientes se les niega trabajo. Los lisiados desde luego tienen cómo hacerlo. Por eso las muletas de Hilarión Benítez taquean a cada rato rencorosamente. Recomienza el éxodo de la gente hacia las fronteras en busca de trabajo, de respeto, de olvido. Pero quedan muchos. Los agricultores, los peones del ingenio, los obrajeros, braceros y mensúes han comenzado a organizarse en movimientos de resistencia para imponer salarios menos negreros y voltear los irrisorios precios oficiales. Queman las cosechas o las amontonan en inmensas parvadas sobre los caminos. Tienen que ir los camiones del ejército a limpiar las rutas, amojonadas por inmensas fogatas. Las montoneras vuelven a pulular en los bosques. El grito de ¡Tierra, pan y libertad!... resuena de nuevo sordamente en todo el país y amanece <<pintado>> todos los días en las paredes de las ciudades y los pueblos con letras gordas y apuradas.*³³¹

Como visto no trecho acima, mais do que a mudança individual, é a coletiva que se torna mais importante. Um despertar que talvez seja cíclico, mas que guarda a esperança do paraguaio em que as coisas mudem de forma concreta. Damaris Lima nos traz uma importante análise sobre essa mudança em termos literários:

[...] o fim desse cenário sangrento foi um gatilho para o desenvolvimento de uma sensação de despertar para a realidade do país, dando margem para a discussão e reflexão de outras questões até então ignoradas. Entre as quais a própria literatura, já que até aquele momento nenhuma das obras literárias tinha olhado para os conflitos e as dificuldades enfrentadas pela população paraguaia, mas sim exaltavam

³²⁹ Ibid., p.315.

³³⁰ ROA BASTOS, Augusto. “Ex combatientes”. op.cit., p.353.

³³¹ Ibid., p.353-354.

os cenários naturais e ocupavam-se de questões que não pudessem gerar polêmicas ou contrariar os interesses dos grupos dominantes do sistema político, uma espécie de delírio paradisíaco literário.³³²

Roa Bastos foi um dos autores paraguaios mais importantes nesse despertar da literatura paraguaia, o que, em plena ditadura Strossner, só foi possível de ser realizada por autores que, como Roa Bastos, estavam em exílio. O autor aponta em sua narrativa para essa mudança coletiva gerada pela guerra. O paraguaio da guerra é um resistente, um sobrevivente mesmo que morra ao final. Um sobrevivente, pois, quando morre em sua missão, de forma heroica, mesmo sendo trágica, vira símbolo, torna-se memória, vira uma ideia. Esse coletivo paraguaio de camponeses resistentes se opõe aos covardes membros da elite política e econômica, e assim como os bolivianos em Céspedes, são esses que podem formar uma nova nação e arrancar da mão desses que sempre comandaram o destino da nação.

*Porque ahora no había más que avanzar, avanzar siempre, avanzar a toda costa, a través de la selva, del desierto, de los elementos desencadenados, de la cabeza muerta de un amigo, a través de ese trémolo en que vida y muerte se juntaban sobre un límite imprecisable. Eso era el destino. Y qué podía ser el destino para un hombre como Cristóbal Jara, sino conducir su obsesión como un esclavo por un angosto pique en la selva o por la llanura infinita, colmada con el salvaje olor de la libertad. Ir abriéndose paso en la inexorable maraña de los hechos, dejando la carne en ella, pero transformándolos también con el elemento de esa voluntad cuya fuerza crecía precisamente al integrarse en ellos. Lo que no puede hacer el hombre, nadie más puede hacerlo..., había dicho él mismo. Y había muchos como él, incontables, anónimos. No estribaba acaso su fuerza en la simplicidad de acatar una ley que los incluía y los sobrepasaba. No sabían nada, ni siquiera tal vez lo que es la esperanza. Nada más que eso: querer algo hasta olvidar todo lo demás. Seguir adelante, olvidándose de sí mismos. Alegría, triunfo, derrota, sexo, amor, desesperación, no eran más que eso: tramos de la marcha por un desierto sin límites. Uno caía, otro seguía adelante, dejando un surco, una huella, un rastro de sangre, sobre la vieja costra, pero entonces la feroz y elemental virginidad quedaba fecundada.*³³³

O narrador fala, mais do que da mudança, da possibilidade de mudança despertada por esses homens em guerra. Seus feitos deixaram marcas e, como já comentado, se tornarão símbolos da luta contra a opressão e contra a ciclicidade da história. A conexão, a solidariedade entre os membros dessa futura nação, está nos caminhos paralelos, mesmo que sejam solitários, permitindo inclusive uma continuidade das gerações até que seja possível o quebrar das correntes que aprisionam a nação e os paraguaios neste ciclo. Roa Bastos utiliza a redenção do homem paraguaio, o sangue derramado em suas missões no Chaco, como o sangue

³³² LIMA, Damaris Pereira Santana. op.cit., p.47.

³³³ ROA BASTOS, Augusto. "Misión". op.cit., p.317-318.

que irá fecundar um novo Paraguai. Essa fraternidade também é mostrada pelo narrador no meio do confronto, em um conceito fraternal guarani que move esses homens, o *oyovalle guá*³³⁴: “*Nada unía tanto en los trances difíciles como el ser oyovalle guá, pedazos de la misma tierra natal. No había mejor base que esta para la mutua confianza.*”³³⁵ A guerra, portanto, permitiu essa identificação, essa ideia de que eram parte de um todo coletivo muito maior graças as suas vinculações como membros de uma mesma comunidade, de uma mesma terra, da nação paraguaia. Entravam em contato não só enquanto estavam vivos, mas também com os que morriam no Chaco, uma vinculação entre os que já se foram, os que estão vivos e os que ainda nem nasceram, passado, presente e futuro conectados, como nos mostra Roa Bastos após o improvisado enterro de Silvestre Aquino, que havia se sacrificado para desarmar a bomba que permitiria que o comboio de Cristóbal seguisse sua missão:

Allí, en los embudos que le servían de sepultura, yacían los dos compañeros, los dos oyo-valle guá, pedazos gemelos de la tierra natal, en los hoyos de su sacrificio. Allí, a sus pies, pero infinitamente lejos. Se agachó y recogió un puñado de tierra seca del desierto. La dejó caer sobre ellos, en un vago gesto de despedida, acaso de instintiva rebelión. Infancia y destino, el tiempo de la vida, lo que quedaba detrás y lo que ya no tenía futuro, se desmenuzaban en ese chorro árido que caía de su mano, en la falta pesantez que todo lo devuelve a la tierra, pensando quizá que toda la tierra muerta del Chaco no iba a alcanzar a cubrirlos, a tapar esos agujeros del tamaño de un hombre.³³⁶

Dando voz ao narrador Miguel Vera, Roa Bastos mostra que a mudança não está de fato consumada, e que o ciclo ainda continua para aqueles personagens, apesar disso, indica com a possibilidade de que as próximas gerações possam finalmente forjar uma outra história, uma outra nação. Roa Bastos, no final do livro, assinala para uma esperança, mesmo que não tenha a convicção de que algo realmente irá mudar:

*Alguna salida debe haber en este monstruoso contrasentido del hombre crucificado por el hombre. Porque de lo contrario sería el caso de pensar que la raza humana está maldita para siempre, que esto es el infierno y que no podemos esperar salvación. Debe haber una salida, porque de lo contrario...*³³⁷

³³⁴ De acordó com Ruben Bareiro Saguier: “*mezcla de ojo, prefijo de reciprocidad o pertenencia; el término castellano valle y gua, sufijo de procedencia. Originarios del mismo pueblo, región o «valle»*”. BAREIRO SAGUIER, Rubén. Expresiones en guarani y paraguayismos en Hijo de hombre. In: *América : Cahiers du CRICCAL*, n.14, 1994, p. 91.

³³⁵ ROA BASTOS, Augusto. “Misión”. op.cit., p.280.

³³⁶ Ibid., p.296-297.

³³⁷ ROA BASTOS, Augusto. “Ex combatientes”. op.cit., p.361-362.

A guerra, enquanto episódio limite, mostrou mais uma vez a força dos paraguaios e os culpados pela história de sofrimento e opressão foram conhecidos por quase todos ao fim da guerra. Nas palavras de Hilarión: “— *¡Las tierras de los gringos fuimos a defender!... ¡Nosotros también somos la patria y quién nos defiende ahora!*” O Chaco, enquanto lugar de encontro, permitiu que uma nova consciência sobre o que os levou ali surgisse, também uma fraternidade por terem passado todos por esse sofrimento sem paralelos com os já existentes na vida do povo. Diferentemente de *Sangre de Mestizos*, em *Hijo de Hombre* esse encontro não foi entre os povos e etnias que compunham a Bolívia, mas de paraguaios que tinham a opressão e o sofrimento em comum, a rejeição por parte das elites e da história. De mestiços também, especialmente de trabalhadores rurais, das pequenas cidades paraguaias, os que mantem uma cultura e língua híbrida, entre o elemento espanhol e o elemento guarani. Em comum também a união pela tragédia, ou pelas tragédias. A guerra permitiria então refletir sobre tudo que aconteceu com esses que estão às margens da sociedade e da pátria, e daí mostrar que outros caminhos são possíveis e que isso deve ser buscado, mesmo que não se saiba de um dia será possível. Essa é a missão que fica em Roa Bastos, deixada bem claro na carta final de Rosa Monzón. Ler *Hijo de Hombre* é uma viagem pelo interior paraguaio e pela Guerra do Chaco, permitindo-nos conhecer um pouco mais da situação desse povo e colocando-nos em estado reflexivo não só sobre a realidade paraguaia, como sobre a própria realidade latino-americana. Não podemos considerar como o objetivo de Roa Bastos somente o lado artístico da obra, mas também enquanto uma obra denunciante, que aponta os problemas de sua sociedade e que critica os culpados por esses problemas. Além do mais, assim como identificado no final do livro, a obra também é um guia para os próprios paraguaios, como forma de entender o passado e causar tamanha ruptura que fosse possível criar uma nova nação, dessa vez justa, fraterna e liberta.

4

Guerra e Nação em Augusto Céspedes e Augusto Roa Bastos

4.1

Intelectuais, a Guerra e a Nação

Após a análise mais específica de cada livro e cada autor nos capítulos anteriores, iremos analisar comparativamente neste terceiro capítulo como se apresenta a problemática da nação na sua relação com a Guerra do Chaco. Para isso, destacamos como pontos fundamentais de interesse, o “território”, a “etnicidade”, e a cidadania restringida, nos preocupando com a análise de suas imagens e com os fundamentos de nação que começam a ser construídas por meio da narrativa dos dois escritores.

Antes da Guerra do Chaco já podemos verificar importantes diferenças entre Paraguai e Bolívia no que tange a identificação dos seus habitantes com o Estado. Enquanto no Paraguai essa identificação já era uma realidade, especialmente após a Guerra do Paraguai, na Bolívia das primeiras décadas do século XX ela não existiria. A sociedade boliviana era extremamente heterogênea, e qualquer ideia de nação que surgisse deveria enfrentar a tarefa de conversão desse heterogêneo em algo mais homogêneo. De maneira geral, considerando a América Latina, Claudia Wasserman esclarece que:

Até o início do século XX não existia um verdadeiro movimento nacionalista nos países da América Latina e o esforço oligárquico por organizar os Estados políticos apenas supunha apoiar-se em uma identidade nacional. Na verdade, e até esse momento, as repúblicas latino-americanas que substituíram os impérios ibéricos refletiam um pouco mais do que as antigas divisões administrativas metropolitanas. [...] O que se modificou substancialmente a partir de 1910 foi a intensidade dos debates acerca da questão nacional. Essa problemática apresenta-se reiteradamente no curso da história sub-continental, mas revela-se mais importante do ponto de vista prático e teórico em conjunturas críticas como aquela vivida pelos estudiosos latino-americanos do século XX. Essa conjuntura crítica foi determinada pelo impacto causado pela Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, Revolução Mexicana e a crise das oligarquias primário-exportadoras em toda a América Latina. Conjugados, esses processos históricos resultaram em efeitos de longa duração e grande

intensidade no sentido da transformação do pensamento político e social em relação aos países da América Latina.³³⁸

Se antes da guerra grande parte dos habitantes do Paraguai já se enxergavam enquanto paraguaios, na Bolívia isso não acontecia. As tropas bolivianas eram compostas por uma maioria de nativos vindos das zonas rurais, das etnias aimará e quéchua, que pouco ou nada entendiam do castelhano, e que recebiam ordens imediatas de oficiais que simplesmente ignoravam as línguas nativas.³³⁹ O que a guerra de fato mudou? Primeiramente, devemos pensar na guerra, em ambos os casos, como uma experiência capaz de unir os povos na tragédia. Para os dois países a Guerra teve consequências terríveis e trágicas mesmo para aqueles que saíram na condição de vencedores, e gerou, nos anos seguintes, um pensamento extremamente crítico no que se refere aos verdadeiros objetivos do confronto. Em segundo lugar, e aí especialmente no caso boliviano, o contato entre os soldados, vindos de várias partes do país, incluídos aí os indígenas, e os relatos gerados pela guerra, fizeram com que as populações fossem conhecendo os problemas estruturais daquele país³⁴⁰. Aqueles que vinham das minas contavam sobre suas condições, enquanto os camponeses falavam das suas vidas, e ao mesmo tempo mantinham contato com universitários e intelectuais que também estavam nas trincheiras. No fim da guerra, a Bolívia ganhara uma nova experiência que serviria de base para sua conformação como nação, mas, igualmente, ganhara uma nova geração de intelectuais que seria capaz de narrar as condições bolivianas e a própria guerra de maneira menos épica.

Os intelectuais que escreveram sobre a guerra não só denunciariam os horrores da mesma, mas também as condições sociais, políticas e estruturais que levaram o povo boliviano para essa grande tragédia³⁴¹. O Chaco se estabeleceu, portanto, não só como lugar do caos, do sacrifício e da tragédia, mas como um marco para propagar uma nova mudança capaz de fazer surgir efetivamente uma nação. No caso boliviano, Olver de León explica que:

La experiencia del Chaco, por las características como se desarrolló, fue el fermento de una nueva conciencia nacional, y a partir de entonces la literatura ha sido el mejor testimonio de ello. En la guerra, el pueblo comprendió que estaba obligado a

³³⁸ WASSERMAN, Claudia. Percurso Intelectual e Historiográfico da Questão Nacional e Identitária na América Latina: as condições de produção e o processo de repercussão do conhecimento histórico. *Revista Anos 90*, Porto Alegre. n.18, dez., 2003, p.111-112.

³³⁹ ARZE, Guido. “La novela y la Guerra del Chaco.” In: *La Novela Revolucionaria. Contribución a la Crítica*. Indiana: Xlibris, 2008, p.56.

³⁴⁰ GUEVARA-ORDÓÑEZ, Nadia S. op.cit., p.244.

³⁴¹ Ibid., p.245.

*luchar por intereses ajenos, tomo conciencia de la explotación y manipulación de que era objeto por parte de las clases dominantes.*³⁴²

A Guerra do Chaco, para o Paraguai e a Bolívia, acelerou um processo que já vinha ocorrendo ao longo do início do século XX em toda a América Latina: a crise do modelo primário-exportador e das oligarquias que dele tiravam benefício. Além disso, a guerra, pensada como lugar de encontro e de reflexão para a intelectualidade dos países, apontava para modificações necessárias na conformação de uma nação, em que a modernidade deveria conviver com a mestiçagem, a valorização da cultura popular e das classes populares. A Guerra será capaz de definir não só as últimas fronteiras reais de cada nação, mas também, e sobretudo, as fronteiras imaginárias na construção étnica dessas nações, quando o papel fundamental passa a ser dado à maneira como são imaginadas e narradas pelos intelectuais nos livros analisados.

4.2

Guerra, território e nação

Um dos aspectos fundamentais para o entendimento da guerra e da nação é o território. Os Estados, tanto do Paraguai quanto da Bolívia, já estavam delimitados sob esse aspecto, mesmo que se desconsiderasse o Chaco enquanto parte de seus territórios. Apesar disso, a conquista, e mais ainda, a presença deste espaço ainda em disputa se mostrou importante na análise dos nacionalismos e da guerra verificada em *Sangre de Mestizos* e *Hijo de Hombre*. O Chaco seria visto por ambos os autores como um território de seus respectivos países? A nação imaginada por eles deveria incluir ou excluir o Chaco? De que forma? Quais os diferentes significados desse território para a nação formulada nos respectivos livros? Essas são perguntas que particularmente nos movem neste ponto da pesquisa.

Inicialmente, devemos conceituar território e perceber sua importância nas disputas de uma guerra e para o Estado-nação. De acordo com o geógrafo Marcelo de Souza, o território seria “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”³⁴³. Dessa forma, um espaço só se tornaria um território se

³⁴² LEÓN, Olver G. de. op.cit., p.281.

³⁴³ SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.78.

existissem campos de força de domínio e influência nesses espaços. Temos dessa maneira, em nossa análise, os territórios dos respectivos países de cada autor, assim como, e principalmente, o Chaco, enquanto território em disputa, nos mais diferentes sentidos que essa disputa possa se dar. Para Marcelo de Souza: “Assim como o poder é onipresente nas relações sociais, o território está, outrossim, presente em toda a espacialidade social — ao menos enquanto o homem também estiver presente.”³⁴⁴ Já para o geógrafo Joan Nogués, o território não existe por si só, mas que é criado graças as ações e aos pensamentos humanos, que são capazes de dar sentido a um espaço para que aí sim esse possa ser estabelecido como território. Para Nogués, a definição de território é a seguinte:

*[...] es un espacio delimitado (ora por límites, ora por fronteras) con el que se identifica un determinado grupo humano, que lo posee o lo codicia y aspira a controlarlo en su totalidad. Este sentimiento de deseo y de control es, en definitiva, la expresión humana de su territorialidad.*³⁴⁵

Para a nação, o território se torna um elemento fundamental na integração daqueles que fazem parte de tal nação. Se a nação estiver vinculada a um Estado, ainda mais importante será o território, já que é uma das condições prévias para sua existência. Os aspectos geográficos, sejam eles territoriais ou a já falada paisagem, compõe importantes aspectos de identificação dos indivíduos com a comunidade nacional. Mónica Quijada explica da seguinte forma:

*El ámbito geográfico, soporte físico de la ciudadanía, asume un carácter orgánico o natural, al igual que la unidad lingüística, una trayectoria histórica común o unas características étnicas determinadas. La nación es representada en el pasado y en el futuro como una comunidad natural que se asienta sobre un espacio natural, con el que mantiene vínculos orgánicos, como una suerte de lazo biológico. La territorialidad se vincula estrechamente a la temporalidad, ya que el territorio es el receptáculo del pasado en el presente. La historia de la nación, que es única, se encarna en el territorio, que es también único, la tierra de los antepasados, más antigua que cualquier Estado, testigo de los grandes momentos, quizás de los orígenes míticos, de la comunidad. El tiempo transcurre en un espacio que se percibe como habiendo estado siempre.*³⁴⁶

Para Anthony Smith:

Segundo, sostendré que las cualidades peculiarmente "nacionales" y la identidad de toda nación derivan tanto de la reserva característica de mitos y recuerdos

³⁴⁴ SOUZA, Marcelo José Lopes de. op.cit., p.78.

³⁴⁵ NOGUÉS, Joan. *Nacionalismo y territorio*. Lleida: Editorial Milenio, 1998, p.60.

³⁴⁶ QUIJADA, Mónica. Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina. Siglo XIX. *Revista de Indias*, v.60, n.219, 2000, p.375.

*compartidos como de la naturaleza histórica de la tierra natal que ocupa dicha nación. Los demás elementos - la posesión de un territorio, la colectividad, la índole pública de una cultura, una sola economía y los derechos jurídicos - son universales y corresponden a todas las culturas. Pero un nombre propio, la naturaleza histórica de una tierra patria y, lo que es más importante, los mitos y recuerdos compartidos, son peculiares de cada nación. Estos últimos comprenden el legado étnico de la nación e incluyen, además de los mitos y recuerdos, los valores, símbolos y tradiciones ligados a una tierra natal en particular.*³⁴⁷

O território é, portanto, um dos principais elementos de nexo comunitário, afinal de contas “como os laços entre membros da mesma nação costumavam ser abstratos, o mais frequente era que fossem definidos pela ocupação comum de um território”³⁴⁸, e tanto em Roa Bastos quanto em Céspedes é possível verificar subsídios em suas narrativas que demonstram um sentimento de pertencimento territorial em suas ideias de nação.

Em Céspedes, como já mencionado no primeiro capítulo, temos uma construção cognitiva do território nacional muito bem definido. A nação boliviana é composta pela região montanhosa andina e pelas regiões que compõe os chamados *Llanos bolivianos*, inclusive a região amazônica. Como mencionado no primeiro capítulo, entre essas duas existe uma hierarquia muito bem definida pelo autor, os Andes são tomados como a região matriz da nação, aquela com mais beleza, riqueza e importância política, econômica e social, enquanto as regiões baixas estão em segundo plano, apesar de serem definitivamente tomadas como parte fundamental do território. A nação imaginada por Céspedes excluía o Chaco de seu território, colocando-o em um patamar de inferioridade mesmo se comparado as outras partes baixas como, por exemplo, a amazônica. O Chaco até poderia ser nação se pensarmos na possibilidade da Bolívia ter vencido a guerra, mas como perdeu, fica mais fácil e fundamental excluir esta região da ideia de nação em sua narrativa. O Chaco toma um papel bem importante justamente para marcar o que era nação e o que não era nação no caso do escritor boliviano. Um espaço de tantas dificuldades para os bolivianos não poderia ser considerado território nacional para os mesmos. Se por um lado os Andes e os *Llanos*³⁴⁹ são belos e ricos,

³⁴⁷ SMITH, Anthony D. op.cit., 1998, p.63.

³⁴⁸ DOYLE, Don H.; PAMPLONA, Marco A. “Introdução: americanizando a conversa sobre o nacionalismo”. In: *Nacionalismo no novo mundo: a formação de estados-nação no século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.22.

³⁴⁹ Importante pontuar que foi nos Llanos — particularmente na região de Santa Cruz de la Sierra — que foram achados ricos poços de petróleo. Hoje em dia essa é a região mais rica da Bolívia.

por outro o Chaco é desprovido de qualquer beleza e de riquezas que justifiquem a sua apropriação enquanto território boliviano. Tal espaço só poderia ser paraguaio, marcando com bastante clareza as diferenças territoriais entre uma nação e outra. A homogeneidade entre os *Llanos* e os Andes, enquanto territórios nacionais, estaria justamente nessa composição de espaços privilegiados onde a beleza e a riqueza afloram, sejam elas naturais, humanas ou históricas. O Chaco marca então o diferente, o heterogêneo que permite inclusive que a região dos *Llanos* e a região andina sejam vistos como homogêneos dentro dessa ideia de nação. O fato é que as diferenças geográficas, climáticas e históricas entre as duas regiões são tão grandes quanto a própria diferença dessas com o Chaco. Esse território nacional definido por Céspedes torna-se o próprio espelho da nação e dos sujeitos nacionais. Ainda que considere os *Llanos* como parte importante do território boliviano, Céspedes expande a ideia dos Andes como base natural do Estado boliviano e do homem boliviano. Os sujeitos nacionais, personagens de Céspedes, vieram de vários locais do território, mas ainda é nos Andes onde sua pintura sobre a paisagem e o território aparecem com cores mais fortes e vibrantes.

No caso do autor paraguaio as diferenças são grandes. Em Roa Bastos o Chaco também é um inimigo para os paraguaios e, suas dificuldades, não suas virtudes, são muitas vezes demonstradas. Apesar disso, fica mais claro em Roa Bastos que as dificuldades passadas no Chaco eram na realidade resultado muito mais da torpeza das elites políticas e econômicas do que do território e da natureza em si. Portanto, as dificuldades chaquenas não se opõem a ideia de que o Chaco também é Paraguai. O autor paraguaio não narra diretamente que o Chaco pertence ao país, o que é muito claro, já que Roa Bastos publicou o livro em 1960, bons anos após a guerra, e em uma época em que o Chaco, juridicamente falando, fazia parte do Estado-nação e não era um território em disputa. Como já falado no segundo capítulo, mesmo antes da guerra já havia um trabalho ideológico do Estado paraguaio em mostrar que a região chaquenha fazia parte do território nacional, inclusive nos meios educacionais. De acordo com Bridget Chesterton, as narrativas fundadoras do Paraguai se formaram inclusive através de noções sobre o Chaco ³⁵⁰. Nesse aspecto, seu argumento de que o envolvimento dos paraguaios no Chaco forçou os mesmos a reconsiderar sua identidade enquanto sujeito nacional constrói

³⁵⁰ Ibid., p. 112.

uma base sólida para o entendimento do projeto identitário construído por Roa Bastos em *Hijo de Hombre*.

Roa Bastos possivelmente cresceu com o mapa cognitivo do Chaco em sua mente, e a experiência do Chaco, mesmo traumática para ele e para muito dos seus personagens, parece não ter alterado sua identificação enquanto parte da nação. Essa nação paraguaia da narrativa de *Hijo de Hombre* está dividida em duas regiões: a selva, na parte oriental do país, e o Chaco, na parte ocidental. Estas duas regiões são representadas de maneira diferente, sendo mais um aspecto dicotômico dessa nação paraguaia. Ambas podem conter beleza ao mesmo tempo que dificuldades, dificuldades essas geradas pelas elites do país com seu descaso para com o restante da população. Roa Bastos, em sua narrativa, é menos apaixonado nas suas representações do território paraguaio do que Céspedes no caso boliviano. Devemos procurar entender que cada um escreve em um tempo diferente do outro e em um contexto e realidade distintos. Se Céspedes escreve de uma Bolívia que acabou de sair de um confronto desastroso em 1935, Roa Bastos escreve de um contexto de 12 anos de exílio na Argentina. O mapa cognitivo de sua terra natal é importantíssimo para Roa Bastos, mas comparar de maneira tão apaixonada Chaco e o restante do território não faria tanto sentido.

Para ambos os autores o Chaco se caracteriza como um deserto. Tomando a já conhecida dicotomia entre civilização e barbárie, o deserto chaquenho seria um território bárbaro ou selvagem ainda durante a guerra, que se oporia à civilização contida nos Andes bolivianos ou no oriente paraguaio. Para Céspedes, o Chaco, enquanto território em disputa e posteriormente perdido, se mostraria incivilizável. Incivilizável pois, afinal de contas, aquele espaço não fazia parte do território da nação, e por outro pela incompreensão desse fato por parte do governo. Assim, quando Céspedes aponta uma maior adaptabilidade dos paraguaios ao Chaco, apesar do seu também sofrimento, e ele está não só dando uma desculpa pela derrota boliviana e pela maior incapacidade logística de seu país, mas também apontando que o Chaco faria parte do território paraguaio e não boliviano. Tanto é que a derrota na Guerra é mais uma preocupação pelo fato de terem lutado uma guerra estúpida por motivos estúpidos, e não pela suposta perda de parte territorial, o que difere muito o caso da Guerra do Pacífico, cuja perda territorial do seu litoral é marcante até hoje.

No caso de Roa Bastos, com parte de sua narrativa se passando no Chaco, percebemos que essa luta contra o deserto também pode ser caracterizada como uma luta de um programa civilizatório, justificando uma certa política de Estado. Apesar disso, esse programa civilizatório visava muito mais interesses econômicos da oligarquia e parte dos membros da política do que propriamente transformá-lo em nação. Cabe ressaltar que esse programa civilizatório no Chaco vinha tomando uma escalada em termos de ações governamentais e empresariais. A parte mais oriental do Chaco, e, portanto, mais próxima das grandes cidades paraguaias, já era ocupada por atividades econômicas como a extração de tanino do quebracho e a atividade pecuária, bem como a existência de um trem que sai de Puerto Casado e chegava até essa parte da região, um dos grandes símbolos daquela civilização que se queria moderna.

Além disso, tanto Paraguai como Bolívia tentaram colonizar o Chaco a partir do envio de indígenas³⁵¹ e de imigrantes norte-americanos e europeus — no malsucedido caso boliviano³⁵²; de comunidades Menonitas, um grupo derivado do movimento cristão anabatista que se estabeleceu na região do Chaco vindo da Rússia³⁵³; e, de Salesianos e Anglicanos na tentativa de cristianizar os nativos da região³⁵⁴, no caso paraguaio. Segundo Bridget Chesterton, enquanto o trabalho dos Menonitas era de civilizar a paisagem do Chaco, sua natureza, os Salesianos e Anglicanos buscaram civilizar os povos nativos da região³⁵⁵. Em termos militares a presença dos *fortins* era não só a demonstração de força e de presença na região no caso dos dois países, como mais um elemento civilizatório no Chaco, especialmente se pensarmos que encontrar maneiras de viver, principalmente achando água, e utilizar a natureza da região foram preocupações civilizatórias na região.

Podemos falar do Chaco enquanto fronteira, a última fronteira para ambos os países. Como já dito, a região vinha sendo disputada desde as independências, e as tentativas de adentrar e tomar posse do Chaco foram se acelerando durante o século

³⁵¹ QUESADA, Alejandro. op.cit., p. 56.

³⁵² O solo das terras doadas era pobre, o local não tinha infraestrutura, o clima era muito quente e faltava mercado para o que era produzido. Cf. COTE, Stephen Conrad. op.cit., p.741.

³⁵³ Para saber mais sobre os Menonitas no Paraguai consultar: TORRACA, Mirta Mabel Escovar. *Imigração e Colonização Menonita no Processo de Legitimação do Chaco Paraguai (1921-1935)*. Dourados, 2006. 154 p. Dissertação (Mestrado em História, Região e Identidades) – Universidade Federal da Grande Dourados.

³⁵⁴ CHESTERTON, Bridget María. op.cit., p 82-97.

³⁵⁵ Ibid., p. 98.

XX. As fronteiras possuem papel importante na definição das nações, afinal é ali que se encontram seus limites com outras nações, e no caso dos países independentes que surgiram da América espanhola algumas dessas definições territoriais foram criadas a partir de divisões político-administrativas anteriores, produzindo novas fronteiras dos Estados-nação soberanos³⁵⁶. As fronteiras são assim os limites tanto do controle estatal quanto da produção e difusão dos nacionalismos. Além de poderem ser criadas e recriadas, representadas culturalmente de diversas formas, as fronteiras também são físicas, tangíveis³⁵⁷, podendo assim fazer parte de mapas cognitivos, físicos e cartografados. Luc Capdevila, citando Nicolas Richard analisa que:

*La Guerra del Chaco ocurrió en un contexto colonial aún mayor. Como en la Guerra de la Triple Alianza, la contienda fue percibida como una gran guerra patriótica. Sin embargo, a diferencia de la Guerra de la Triple Alianza, el teatro de la guerra es estrictamente un "desierto colonial". El conflicto es sobre todo una guerra de colonización, en la medida en que el acontecimiento guerrero corresponde principalmente a la ocupación de territorios de poblaciones indígenas autónomas y a la reducción de éstas: desplazadas, reducidas en las misiones y las reservas, o agrupadas en los polos de la colonización.*³⁵⁸

Nas narrativas dos autores analisados essa função colonizadora em termos de agencia contra os indígenas no Chaco não aparece, mas fica claro a importância do Chaco enquanto fronteira a ser civilizada, colonizada e transformada de vez em território, afinal de contas não basta somente reconhecer o seu território nacional, mas também que outras nações a reconheçam, como no caso de Céspedes, que reconhece o Chaco como sendo paraguaio em sua narrativa. Criar ou recriar uma ideia de nação exige algumas linhas bem definidas, especialmente no contexto territorial, por isso a importância de uma guerra de definições fronteiriças como a Guerra do Chaco para esses intelectuais que pensavam a nação. Ali se elimina o que não é nação e se delimita o que é. A fronteira para os dois, e mais ainda, a guerra na e pela fronteira, pode ser percebida como lugar de ruptura com o passado e a criação de um presente e um futuro radicalmente novos. Para os autores, aquele

³⁵⁶ DOYLE, Don H.; PAMPLONA, Marco A. "Introdução: americanizando a conversa sobre o nacionalismo". op.cit., p.25.

³⁵⁷ NOGUÉS, Joan. op.cit., p.51.

³⁵⁸ RICHARD, Nicolas. (Comp.). *Mala guerra: los indígenas en la Guerra del Chaco, 1932-1935*. Asunción: CoLibris éditions. apud. CAPDEVILA, Luc, *La Guerra de la Triple Alianza (1865-1870) y la Guerra del Chaco (1932-1935)*. Dos guerras internacionales en un marco colonial, *Corpus*, v. 5, n.1, 2015, p.4.

acontecimento se estabelece como fundamental na reinterpretação e recriação da nação para eles próprios e como marco que possibilitaria uma ruptura com o passado que os levou ao sacrifício na fronteira entre as duas nações.

Importante para ambos os autores, como já falado, foi o Chaco como lugar de encontro. Em Roa Bastos esse solo, enquanto parte da pátria, e o que se passou ali e os motivos de tamanho sofrimento, poderia transformar a nação a partir do entendimento dos culpados pelas seguidas tragédias paraguaias. Já em Céspedes, o Chaco, apesar de nunca ter sido território boliviano, pode unir uma grande heterogeneidade de pessoas, que ali, em território fora da Bolívia, se tornariam compatriotas. Dessa maneira, essa nova nação que nasceria do Chaco acabaria por surgir graças a uma experiência traumática inicialmente fora do território para dentro. Importante lembrar que já no fim da guerra a sensação que se tinha era de que os bolivianos estavam defendendo seu território da possibilidade de tomada pelos paraguaios, território o qual já era parte dos *Llanos* bolivianos, onde ficavam os preciosos poços de petróleo. Facundo Gómez, através de sua pesquisa, chega à conclusão de que o fato da Bolívia, já no fim da guerra, ter desistido de sua campanha de conquista territorial para se defender³⁵⁹, acabou gerando em aparência duas circunstâncias distintas: no caso paraguaio uma percepção triunfalista com grande repercussão social, porém pouco impacto literário; e no caso boliviano a promoção de novas estéticas, marcadas por uma ânsia ensaística e militante, que inclui um caráter de denúncia³⁶⁰. Essa análise sugere alguns motivos para que a literatura boliviana tenha contribuído com um maior número de publicações logo na década de 30, enquanto os paraguaios demoraram alguns anos até que as obras mais importantes sobre o conflito viessem a ser escritas e publicadas.

Como já apontado, apesar da maior parte da narrativa dos autores analisados se passar no Chaco, também havia momentos em que se dava fora dessa região ou em que os personagens ou narradores se lembravam de outros locais. Anthony Smith nos fala da importância para a nação de dar um caráter histórico aos sítios naturais e o seu contrário, a naturalização dos sítios e monumentos históricos.³⁶¹ No

³⁵⁹ Nos últimos meses de guerra a grande preocupação dos bolivianos era defender os poços de petróleo da região de Santa Cruz de la Sierra contra as investidas do exército paraguaio. Cf. COTE, Stephen Conrad. op.cit., p.744.

³⁶⁰ GÓMEZ, Facundo. Roa Bastos y Céspedes: dos escrituras desde las trincheras de la Guerra del Chaco. *II Jornadas de Jóvenes Investigadores en Literaturas y Artes Comparadas*, Buenos Aires, 2011, p.4.

³⁶¹ SMITH, Anthony D. op.cit., 1998, p.64.

primeiro caso temos em Roa Bastos o exemplo do Rio Paraguai, um sítio natural que ganha caráter histórico e que quando mencionado remete à própria nação. Em Céspedes esse caráter histórico é dado aos Andes, centro político, econômico e social da Bolívia e dos povos históricos que seriam essencialmente os formadores dessa Bolívia mítica. Smith sinaliza que

*Situar a la comunidad en una tierra natal antigua y abigarrada, señalada por rasgos historiados y monumentos naturalizados, es fundamental para evocar las cualidades primordiales y trascendentales de la nación.*³⁶²

No segundo caso podemos ver o quão exemplar são algumas paisagens e pedaços da terra natal interiorana que Roa Bastos monta em sua ficção. Talvez o principal seja o morro onde fica a estátua do Cristo de Itapé. Ao longo da narrativa esse sítio histórico daquela sociedade vai aparecendo na fala dos personagens e do narrador, mostrando a importância não só daquela já falada dualidade entre a religiosidade oficial e a popular, como também um símbolo que ligaria o passado ao presente, um símbolo que estaria sempre ali em cima da cidade para lembrar aos paraguaios quem eles são e por quais coisas passaram ao longo de sua história, um sítio histórico convertido em altar e objeto de peregrinação. O cemitério de Sapukai também aparece diversas vezes na narrativa. É ali onde todos os antepassados daquela comunidade estão enterrados, é ali mais um local onde passado, presente e futuro se conectam. Um local onde os paraguaios daquela região podem comemorar os seus mortos, e ter, de maneira física, um sítio sagrado para os mesmos. No caso de Céspedes nada melhor do que o exemplo do poço do conto El Pozo. Apesar de sua infertilidade natural e de não ser, para o autor, parte do território de sua nação, o Chaco é capaz de provocar uma fertilidade imaginária³⁶³. Nada mais exemplar dessa fertilidade imaginária do que o simbolismo do poço. De fato, como já falado no primeiro capítulo, o poço pode encarnar vários significados simbólicos: dos poços de petróleo não encontrados no Chaco, a própria inutilidade da guerra. Além disso, cavar o poço é uma forma de tentar apropriar-se de um espaço hostil, em uma continuação das anteriores tentativas civilizatórias na região por parte dos bolivianos. Apesar de não conseguirem mudar esse espaço hostil, os homens que ali cavam e ali morrem mudam internamente. O poço, como o Chaco, fecunda um

³⁶² Ibid., p.64-65.

³⁶³ PABÓN, Leonardo García. op.cit., p.173.

novo sujeito nacional e uma nova possibilidade de se imaginar a nação boliviana.

Nas palavras de Leonardo Pabón:

*“El Pozo” nos muestra, pues, los fundamentos del proyecto de Céspedes, el grado cero del nuevo sujeto, donde sus elementos esenciales están presentes y estructurados para sustentar su función. El trabajo del narrador es hacer de esa experiencia de vida y muerte, de territorialización del Chaco y de transformación del sujeto, en acto de fundación de un nuevo sujeto por medio de su escritura. A esto se añade la transformación de la representación del sujeto nacional, básicamente indígena, en solamente mestizo. El proyecto de Céspedes va definiendo, pues, un nuevo sujeto a partir de la transformación de la metáfora de la tierra. A diferencia de la tradición literaria precedente que veía en la tierra una fertilidad inmediata, Céspedes hace de una esterilidad un espacio productivo, pero sólo en términos imaginarios.*³⁶⁴

O sacrifício daqueles homens que morreram no poço não é, portanto, em vão. O Chaco é o cemitério do antigo sujeito nacional boliviano, aquele que não tinha consciência que era sujeito, e as vezes de que nem era de fato boliviano, mas que a partir da tragédia sofrida pode ser capaz de identificar-se enquanto novo sujeito, esse sim, nacional. Nas palavras de Zulma Sacca: *“Desde el punto de vista de la posesión, el Chaco no fue un territorio realmente poseído, pero sí lo fue imaginariamente.”*³⁶⁵ No caso boliviano, não podemos deixar de falar da existência do mito do destino adverso. Guillermo Francovich explica que vários fatores contribuíram para a formação desse mito no pensamento boliviano:

Na Bolívia, foram vários os fatores que contribuíram para a formação do mito do destino adverso. O primeiro, e mais doloroso, corresponde à experiência que teve o país em sua vida internacional. As guerras do Pacífico, do Acre e, sobretudo, do Chaco provocaram-lhe a amarga sensação da espoliação e dilaceramento de sua herança territorial.³⁶⁶

Em Céspedes esse mito do destino adverso é deixado de lado. Mostrar os sacrifícios, as mortes e o terror fazem parte da narrativa e do que foi vivido durante a guerra, mas essa última tragédia, antes de ser mais um capítulo no longo destino adverso boliviano é transformado em força motriz para algo novo que pretende afastar-se desse fatalismo histórico, criando esperança para uma Bolívia mestiça e nova, onde os ali nascidos se identifiquem com seus semelhantes e com seu território.

³⁶⁴ Ibid., p.178.

³⁶⁵ SACCA, Zulma. El fulgor de los signos en la narrativa de Augusto Céspedes. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, n.2, 2005, p.506.

³⁶⁶ FRANCOVICH, Guillermo. op.cit., p.143.

4.3

O incômodo de uma nação de cidadanias restringidas

A restrição da cidadania é parte, tanto para Céspedes quanto para Roa Bastos, dessa ideia de nação pensada por eles em seus respectivos livros. Existe então, em ambos os livros, um incômodo muito claro no que tange a restrição da cidadania que existia e uma busca em seus projetos de uma nação que não restrinja a cidadania para aqueles considerados sujeitos nacionais, em um embate de projetos que se opõem. No caso de Céspedes, apesar de identificável em *Sangre de Mestizos*, muitos aspectos de seu pensamento sobre essa restrição da cidadania e o apontamento dos culpados por isso serão delineados mais profundamente a partir da publicação do Jornal *La Calle*³⁶⁷ em 1936 e da difusão no escopo intelectual boliviano de ideias referentes a essa problemática através da publicação do livro *Nacionalismo y Coloniaje* (1943) de Carlos Montenegro³⁶⁸, seu amigo pessoal e parceiro de trabalho no *La Calle*. Luis Antezana define o que significava para Montenegro essas duas forças opostas, definição essa já germinada através de *Sangre de Mestizos*:

Montenegro opone la nación a la antinación. La antinación es, para él, una prolongación del coloniaje español. En una línea historicista, la colonia española habría sido prolongado por una colonia interior: los oligarcas mineros y terratenientes, finalmente. La “unidad nacional” se definía contra una invasión y una interferencia permanente renovadas por la continuación colonial – ahora interiorizada – fundamentalmente antinacional. Bajo estas condiciones, la constitución de la nación se lograría expulsando a los nuevos colonizadores. Así, la

³⁶⁷ Giovanni Gomez escreve o seguinte sobre o Jornal: El periódico La Calle, surgido en la década de los treinta, y que será el germen de los ideólogos de la Revolución Nacional, es pues el paradigma más radical de esta apertura: “Bajo el lema ‘Diario de la mañana del Partido Socialista’, La Calle aglutinó a figuras como Nazario Pardo Valle, Augusto Céspedes, Carlos Montenegro, Armando Arce y José Cuadros Quiroga, entre otros destacados periodistas de entonces, y se enfrentó a los medios de los barones del estaño. Vendido a sólo 10 centavos, el nuevo periódico se transformó en un poderoso articulador de la opinión pública nacionalista y antioligárquica. Tapas de doble sentido, como ‘En la calle se conspira’ daban cuenta de sus verdaderas intenciones: hablar en nombre de los excluidos e inconformistas de Bolivia con un lenguaje sarcástico, humor ácido y denuncias burlonas de los más encumbrados representantes de la ‘rosca minero-feudal’. GOMEZ, G. E. B. *La orquesta Jazz: entre vanguardia y cosmopolitismo cholo, La Paz 1925-1945*. La Paz, 2015. 229p. Monografía (Graduação em História) - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Mayor de San Andrés, p.180-181.

³⁶⁸ Carlos Montenegro Quiroga foi um ensaísta e político nascido na cidade de Cochabamba em 1903. Formado em direito pela Universidade de San Simón, trabalhou em vários jornais bolivianos, como “*La Opinión*”, “*La Razón*”, “*El Diario*”, sendo um dos fundadores do “*La Calle*”. Foi, assim como Céspedes, um dos fundadores do *Movimiento Nacional Revolucionario* (MNR), tendo sido um dos seus principais ideólogos, especialmente através de seu mais conhecido livro: *Nacionalismo y Coloniaje*. Foi também Ministro da Agricultura e Embaixador no México e no Chile. Faleceu nos Estados Unidos em 1953, um ano após a Revolução de 1952. Disponível em: < <http://elias-blanco.blogspot.com/2012/02/carlos-montenegro-quiroga.html>>

*constitución de la nación es un proceso de liberación, análogo, pensamos, a la Guerra de la Independencia. Una nueva independencia. En este juego conceptual, el “pueblo” es la nación y las clases oligárquicas la antinación, el nuevo coloniaje.*³⁶⁹

Também para Roa Bastos essas noções antagônicas são importantes, e em sua narrativa, como já demonstrado no segundo capítulo, nacionalismo e antinacionalismo estarão presentes dentro de concepções bastante semelhantes a essas de Carlos Montenegro: a população comum que anseia pela reconhecimento de sua cidadania e de seu papel fundamental na nação lidando com uma oligarquia que restringe a cidadania em seus mais diversos sentidos e que se coloca enquanto culpada por todas as tragédias vivenciadas pela população. Mas que oligarquia é essa na Bolívia e no Paraguai? Alain Rouquie aponta para a existência de dois casos de grupos que controlam os recursos exportáveis em países exportadores de bem primários. No primeiro caso a produção exportável é monopólio de grupos nacionais, como é o caso Boliviano com a exportação do estanho. O segundo caso diz respeito a economias de enclave, onde estrangeiros são proprietários de minas ou das plantações, “*base de la riqueza nacional, con un grado de extraterritorialidad o de dominación neocolonial que varía en función del producto y del tamaño del país.*”³⁷⁰ Esse segundo caso contemplava a realidade paraguaia na época. Rouquie define da seguinte maneira o fenômeno da oligarquia na América Latina:

*Grupo de familias identificables que concentran en sus manos los motores decisivos del poder económico, controlan directa o indirectamente el poder político y se sitúan en la cima de la jerarquía del poder social en materia de autoridad y prestigio.*³⁷¹

No caso boliviano “a rosca” formava um dos principais componentes dessa oligarquia antinacional. O crescimento do setor exportador no final do século XIX e durante o século XX impactou o país em termos políticos, sociais e culturais. O grande problema de ter a economia dominada por praticamente um gênero de exportação, no caso boliviano a prata e depois o estanho, faziam com que a estabilidade econômica fosse de rápida variação, conforme o preço do produto no mercado mundial. A partir do século XX o estanho surge como o principal produto

³⁶⁹ ANTEZANA, Luis H. J. *Ensayos escogidos 1976-2010*. La Paz: Plural, 2011, p. 254.

³⁷⁰ ROUQUIÉ, Alan. *América Latina. Introducción al Extremo Occidente*. Cidade do México: Ed. Siglo Veintiuno. 1ed., 1989, p.130-131.

³⁷¹ Ibid., p.135.

de exportação, criando uma ruptura na cena nacional, já que os magnatas da prata não investiram no estanho, que por sua vez foi dominada por novos capitalistas locais que controlaram a indústria até a década de 1920. Esses novos capitalistas não se interessavam diretamente por cargos políticos, que eram ocupados por uma elite de profissionais na política, em sua maioria bacharéis em direito, mas detinham uma grande influência na política e na economia do país. Essa elite política teve uma característica dual, já que acreditavam e defendiam concepções liberais de governo parlamentar e na importância da constituição, mas também no sistema comandado pela elite branca com a qual as outras castas não deveriam se misturar. De acordo com Rouquie:

*En las sociedades oligárquicas, sistemas políticos formalmente representativos funcionan sobre la base de una participación limitada sólo a los miembros de la élite establecida y a quienes les están obligados. Una clase política restringida y homogénea se esfuerza por administrar el país como una gran empresa que debe producir al menor costo y para provecho único de los accionistas.*³⁷²

O nome “a rosca” foi dado para três empresas que controlavam o estanho na Bolívia: Patiño³⁷³, Hochschild³⁷⁴ e Aramayo.³⁷⁵ Entre o início do século XX, até a metade do século, os donos dessas empresas formaram o núcleo da oligarquia que dominava o país.³⁷⁶ Além desse núcleo da oligarquia boliviana, essa elite era formada pelo presidente Daniel Salamanca, esse também um oligarca, e outros políticos que dominavam a política nacional, como muito bem representado no conto “Las Ratas”. Na visão de Céspedes essa oligarquia não defendia os interesses nacionais, e permitia a exploração de recursos e da população por interesses estrangeiros, como dos empresários argentinos e das grandes empresas do setor do

³⁷² Ibid., p.142.

³⁷³ Simón Iturri Patiño foi um empresário boliviano nascido no ano de 1860 em Cochabamba. É considerado o maior dos grandes barões do estanho. Em 1924 criou a The Patiño Mines and Enterprises Consolidated Incorporated (PMECI) após ter comprado várias minas de estanho ao longo dos anos. Chegou a controlar grande parte do mercado mundial de estanho após a Segunda Guerra Mundial, se estabelecendo como um dos homens mais ricos do mundo. Morreu em Buenos Aires no ano de 1947.

Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/p/patino_simon.htm>

³⁷⁴ Mauricio Hochschild, nascido em Biblis na Alemanha em 1881, mudou-se para a Bolívia com 40 anos de idade, após ter criado o Grupo Hochschild no Chile. Faleceu em Paris no ano de 1965. Disponível em: <http://www.hochschildmining.com/es/sobre_nosotros/historia>

³⁷⁵ Carlos Víctor Aramayo, nascido em Paris em 1889 mas de origem boliviana, Aramayo foi diretor da Compañía Aramayo de Minas de Bolivia, tendo também ocupado o cargo de Ministro da Fazenda. Faleceu no ano de 1982 em Paris.

Disponível em: <http://www.wikiwand.com/es/Carlos_V%C3%ADctor_Aramayo>

³⁷⁶ NETTO, José Paulo. *A rosca boliviana, dois modos de conhecer a sua história*. Blog da Boitempo. Publicado em: 14/12/2015.

petróleo. A culpa pela tragédia no Chaco havia sido desse grupo apontado por Céspedes. As denúncias que definiam os culpados pela guerra e pelo sofrimento da população boliviana foram feitas principalmente nos contos “*Las Ratas*” e no conto “*Opiniones de dos descabezados*”.

No Paraguai de Roa Bastos, o problema grave na época era a grande desigualdade entre a população e a ampla importância econômica de investidores e empresas estrangeiras. O gado e a madeira eram explorados por importantes empresas argentinas, especialmente na região do Chaco, enquanto grande parte do comércio de erva mate era controlado por uma empresa britânica, e sua venda, o maior gênero de exportação paraguaia na época, apenas para países da América do Sul, principalmente a Argentina³⁷⁷. Além de possuírem grandes fatias do mercado de valiosos gêneros de importação, essas famílias e empresas estrangeiras tinham o controle de enormes quantidades de terra:

*A finales de siglo, unos setenta y nueve propietarios poseían casi la mitad de la tierra de Paraguay; e en 1930, un reducido grupo de diecinueve propietarios, la mayoría de ellos grandes compañías extranjeras, poseían más de la mitad del territorio nacional.*³⁷⁸

Para Roa Bastos, essa elite com interesses antinacionais, culpada pela guerra, era formada pelos senhores do tanino, especialmente Carlos Casado, pelos britânicos que controlavam a exploração de erva-mate, pelas empresas de petróleo internacionais, e pelo governo antipatriótico que permitia uma dominação quase completa da economia paraguaia por empresas estrangeiras.

Se esses setores que atrapalhavam a projeção de nação em Céspedes foram combatidos nos anos que se seguiram à publicação de seu livro, não podemos falar o mesmo desses setores que dominavam o Paraguai. Muito do que ele trazia de denúncia, fazendo uma reflexão sobre as direções que o país tinha tomado, as graves violências cotidianas e o abandono — direcionando seu olhar para os que estavam à margem, culturalmente, economicamente e politicamente — expõe as feridas que os paraguaios passavam antes, durante e após a guerra, e mesmo que continuaram passando até a chegada da década de 1960, quando o livro é publicado. Ele mesmo

³⁷⁷ BULMER-THOMAS, Victor. op.cit., p.72.

³⁷⁸ LEWIS, Paul H. Paraguay, de la Guerra de la Triple Alianza a la Guerra del Chaco, 1870-1932. op.cit., p. 140.

sofre com essas feridas, e é importante considerar o narrador do livro, Miguel Vera, como um alter ego do escritor. Roa Bastos, sendo Miguel Vera, nos traz a sua função para a configuração da nação paraguaia: ser um guia, rememorar o que aconteceu, contar essas histórias por uma via que não a oficial, buscando trazer à tona os marginalizados, os de “*abajo*”, aqueles que eram ignorados por essa elite ainda existente. O sentimento do narrador, de traidor e de estar fora daquele mundo, pode ser identificado como o próprio sentimento de Roa Bastos por se auto exilar. Por mais que houvesse uma clara perseguição a sua pessoa, o exílio foi uma escolha, escolha essa que poderia ser identificada como uma traição ao seu povo, especialmente se pensarmos na importância do papel dos intelectuais e daqueles que enfrentavam esses setores considerados antinacionais. Ao mesmo tempo, por estarem afastados, ele e Miguel Vera são capazes de narrar essa história de sofrimento, violência, descaso e autoritarismo. Portanto, o exílio de Roa Bastos é fundamental para entendermos o contexto da produção de *Hijo de Hombre*. Na fala de Juliana Morosino e de João Luis Ourique:

Visto que Roa Bastos nasce e cresce em um país marcado pela frustração nos mais diversos níveis após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), sua ideologia o impulsiona a tratar a arte também como instrumento de desobediência ao sistema implementado.³⁷⁹

Temos aí mais uma dualidade se pensarmos no autor enquanto exilado. Se por um lado se sente um traidor por ter abandonado a pátria, por outro lado só seria capaz de utilizar sua arte como instrumento de denúncia e desobediência graças a este mesmo exílio. Os problemas do exílio para os artistas paraguaios, inclusive para ele próprio são descritos em um texto do próprio Roa Bastos:

En tal situación, el escritor paraguayo padece en su ostracismo local las persecuciones, encarcelamientos, torturas, desapariciones; la inseguridad personal e inestabilidad económica: la censura oficial y la autocensura con sus efectos letales sobre su tarea; las divisiones y enfrentamientos dentro de la comunidad intelectual misma: la incomunicación del escritor con su público nacional. Con respecto al escritor que padece el exilio exterior, experimenta, más agravada aún, su desconexión con su público nacional; su desconexión e incomunicación con el pueblo de la diáspora, tanto cultural como política; los problemas traumáticos del desarraigo y de la difícil adaptación a otras áreas culturales en las propias zonas latinoamericanas y en las externas al continente; las aparentes y discutibles posibilidades de expresión más libre en ellas, que se neutralizan con la segregación de la realidad concreta del país, de las fuentes que nutren las genuinas potencias

³⁷⁹ MOROSINO, Juliana Terra; OURIQUE, João Luis Pereira. O Paraguai de meados do século XX e as feridas da violência na narrativa curta de Augusto Roa Bastos. *Literatura e Autoritarismo*, n.22, 2013, p.84.

*creativas. Esto, en respuesta a algunos de los problemas enumerados en el cuestionario propuesto.*³⁸⁰

Estar exilado é estar fora do lugar, e por isso não podemos deixar de considerar que em sua escrita de *Hijo de Hombre*, vários momentos, mesmo que ficcionais, são rememorações do próprio autor e de sua cidade natal. Iturbe não é Itapê e nem Sapukai, até porque estas cidades também existem, mas é muito claro que a escolha por narrar o interior não é só uma escolha ideológica por mostrar os da margem, o interior enquanto essência paraguaia, mas também uma escolha sentimental que reafirma sua condição de exilado, distante de suas origens interioranas. Amanda Montañés esclarece o seguinte sobre isso:

A nostalgia do exílio remete a uma lembrança mais íntima: a cidade da infância. O exilado sabe que num mundo secular e contingente, os lares são sempre provisórios. A pesar disto, termina elaborando a imagem do lar que foi forçado a abandonar e para o qual não sabe se vai voltar.³⁸¹

Quanto ao papel do intelectual exilado em pensar a nação, o próprio Roa Bastos nos traz o seguinte raciocínio:

Para estos escritores, sometidos al ostracismo interno como para los que trabajan en la diáspora, el trabajo literario vuelve a significar imperativamente la necesidad de encarnar con sentido y estética la esencia de un destino nacional y continental, la voluntad de inscribirse en la realidad vital de una colectividad como la paraguaya. De este pueblo tan calumniado de América - como está escrito en una de mis novelas — que durante siglos ha oscilado sin descanso entre la rebeldía y la opresión, entre el oprobio de sus escarnecedores y la profecía de sus mártires.³⁸²

O trabalho do escritor, além da arte em si, também é direcionado para o presente e o futuro, refletindo as aspirações dos autores do momento de sua produção. A partir de sua posição na sociedade, esses intelectuais, através da literatura, são capazes de projetar sua visão de mundo sobre os mais diversos assuntos. É impossível, então, que o criador seja completamente alheio aquilo que produz. Os dois autores possuem como um dos seus objetivos buscar dar sentido aquela nação que procuram imaginar. As diferenças entre os dois autores, não só em suas obras, como no contexto de suas escrituras são enormes e parecem em

³⁸⁰ ROA BASTOS, Augusto. Los exilios del escritor en el paraguay. *Nueva sociedad*, v. 35, 1978, p.34-35.

³⁸¹ MONTAÑÉS, Amanda Perez. *Voices do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba*. Florianópolis, 2006. 204p. Tese (Doutorado) - Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, p.29.

³⁸² ROA BASTOS, Augusto. Los exilios del escritor en el paraguay. *Nueva sociedad*, v. 35, 1978, p.37-38.

certos momentos afastar um do outro, apesar disso muitos são os paralelos visíveis entre eles. Um desses paralelos está na maneira como enxergam a incapacidade das elites de seus países em assumir as tarefas de caráter nacional, e essa percepção acontece em grande parte graças a guerra.

A Guerra do Chaco parece ser então o momento em que, levados ao limite, paraguaios e bolivianos, Roa Bastos e Céspedes, são capazes de identificar e definir esses setores antinacionais, mostrando-os como os grandes culpados não só pela guerra em si, mas pelos sofrimentos que os sujeitos nacionais padecem e padeceram através dos anos. Essa identificação é válida se pensarmos que, em ambos os autores, a ideia de nação que criam é uma potencialidade, que só pode acontecer caso esses setores antinacionais e todo seu atraso sejam derrotados, trazendo verdadeiramente à tona os antes marginalizados como parte da nação.

Devemos considerar que no caso boliviano, inclusive graças as ideias apresentadas por Céspedes e depois por outros intelectuais e por ele mesmo em outras obras e escritas, o fim da guerra baliza a decadência da oligarquia boliviana e o começo de um progressivo enfrentamento entre a classe trabalhadora e a oligarquia boliviana, marcando de fato o que Céspedes acaba prevendo: o enfrentamento entre os interesses considerados nacionais e os interesses considerados antinacionais.

*El momento del Chaco es importante para los nacionalistas porque allí empieza a articularse con más fuerza la nación que hasta entonces era tan sólo una potencialidad pero no una comunidad política existente. A partir del Chaco se impulsa un proceso de articulación de la nación, de abajo hacia arriba, en contraposición a la república señorial que más bien inhibía desde arriba un proceso de formación nacional; sobre todo porque se basaba en la exclusión de la ciudadanía del conjunto de la población indígena y la mayor parte de los trabajadores, manteniendo relaciones de servidumbre y explotación tributaria con esa población.*³⁸³

Nota-se que ao se colocar o problema desses projetos de nação daquela elite que até então controlava o Estado, Céspedes parece muito mais esperançoso se comparado ao autor paraguaio. Obviamente o contexto boliviano acaba sendo mais propício ao enfrentamento desses projetos de nação excludentes e a criação de um novo projeto que amplie a cidadania e possa de fato ser nacional, muito disso por conta da Bolívia ter saído da guerra derrotada. Devemos lembrar que se na Bolívia

³⁸³ TAPIA MEALLA, Luis. *La producción del conocimiento local. Historia y política en la obra de René Zavaleta*. La Paz: Muela del Diablo Editores, 2002, p.43.

uma nova geração de artistas, intelectuais e escritores, que tinham no conflito o seu principal referencial, teve sua produção artística marcada pelas transformações geradas nos anos de guerra e nos anos seguintes, no Paraguai, os autores que escreveram sobre a guerra não o fizeram logo após o término do conflito. Seriam necessários mais alguns anos até que se desenvolvesse uma literatura que tivesse a Guerra do Chaco como base, como no caso de Roa Bastos.

4.4

Etnicidade

O nacionalismo pode ser expresso através de diferentes formas culturais que juntas conjugam essa tão importante comunidade imaginada. De acordo com Smith, os mitos, as recordações compartilhadas, os símbolos e tradições ligadas a uma terra natal em particular compreendem o legado étnico da nação, que pode ser reproduzido, transmitido e reinterpretado.³⁸⁴ Tudo isso, assim como o já mencionado território, fazem parte dos mapas cognitivos que formam e dão sentido a nação. Jean Carlo Costa explica da seguinte maneira:

Assim, a etnia é concebida como elemento gerador da nação na medida em que substancializa o nexo de solidariedade que é propugnado como seu caráter definidor. Se o sentimento nacional é elaborado sob uma lógica “mito-simbólica” que justifica a “fraternidade e solidariedade” que marca o grupo social, ele perdura na medida em que é transmitido como ‘tradição’ e essa, inevitavelmente, se faz escrita, trazendo uma nova dimensão para o entendimento da realidade social a partir do momento em que o presente pode ter acesso ao transmitido. Neste sentido, pode-se dizer que é a ‘etnicidade’ que estabelece a ponte entre a ‘cultura e a comunidade’ produzindo a nação.³⁸⁵

Considerando a importância da etnicidade, tomaremos nesse momento as origens, as identidades raciais, a transcendentalidade e outros artefatos culturais, em nossa análise das obras dos dois intelectuais e suas importâncias na concepção de nação de cada um.

Em termos de origem, podemos perceber a importância dada à cultura popular de origem indígena. Alimentos, bebidas, nomenclatura, entre outros, estabelecem forte vínculo originário com as sociedades que estavam nesses espaços antes da

³⁸⁴ SMITH, Anthony D. op.cit., 1998, p.63.

³⁸⁵ COSTA, Jean Carlo de C. A modernidade e o problema nacional: Hermenêutica histórica das noções de ‘nação’, ‘etnia’ e ‘raça’ na teoria social clássica e contemporânea. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, v.17, n.2, 2011, p.36.

chegada do colonizador. No caso boliviano, essa origem cultural e linguística indígena virão de dois povos, os maiores grupos étnicos do país: aimarás e quéchuas. No caso paraguaio essa origem estará ligada a somente um grupo: os guaranis. A história de construção da nação no caso dos dois países sempre acabou escolhendo o que de fato deveria servir enquanto origem anterior à colonização e o que deveria ser deixado de lado. Os territórios que hoje formam Paraguai e Bolívia foram e são até hoje ocupados pelos mais diversos povos, mesmo assim poucos foram os escolhidos para serem representantes dessa “origem mítica”. Céspedes e Roa Bastos não fogem dessa constante, e uma vez mais priorizam os maiores grupos e simplesmente ignoram os outros.

Algumas outras coisas são reinterpretadas e modificadas pelos autores em sua ideia de nação se comparado ao de intelectuais anteriores. Um grande exemplo é exatamente o papel dos indígenas na nação. Como já dito no primeiro capítulo, no caso boliviano dois grandes exemplos de intelectuais que pensaram a nação foram Arguedas e Tamayo. Enquanto Arguedas defendeu que a origem e a miscigenação com indígenas geravam vícios e defeitos ao sujeito nacional, sendo assim um obstáculo à própria nação, Tamayo por outro lado defendia essa origem e sustentava que a cidadania do indígena era essencial na configuração da nação boliviana, cabendo ao governo educar esses indígenas. Claro que o raciocínio de Tamayo é ainda sim civilizatório, mas pelo menos já entendia e defendia a participação indígena na nação, coisa que Arguedas iria totalmente contra, inclusive usando esses grupos como bodes expiatórios para os problemas nacionais. A produção dessa “etnicidade fictícia” nacional é, portanto, um processo de transformação e construção contínua³⁸⁶. Para Alexander Motyl, as identidades nacionais podem ser visualizadas como um pacote de preposições relativos a origem e limites: “*Origins provide a nation with historical authenticity, while boundaries grant it present-day distinctiveness.*”³⁸⁷ Origens e limites, como já falados, importantíssimos na diferenciação do que se é e do que não se é, delimitando, portanto, uma nação de outra apesar de origens muitas das vezes comuns.

³⁸⁶ PAMPLONA, Marco A. Ambigüidades do pensamento latino-americano: intelectuais e a ideia de nação na Argentina e no Brasil. *Revista Estudos Históricos*, v.2, n.32, 2003, p.11.

³⁸⁷ MOTYL, Alexander J. Inventing invention: the limits of national identity formation. In: SUNY, Ronald Grigor; KENNEDY, Michael D. (Ed.) *Intellectuals and the Articulation of the Nation*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999, p.67-68.

Dentro dessa escolha da origem da nação por parte dos autores, a língua possui um caráter fundamental. O bilinguismo de Roa Bastos não só iguala o guarani ao castelhano, mas marca muito bem quais origens e quais escolhas ancestrais estão sendo feitas para a nação. Claro que essa escolha não é novidade, o guarani já tinha um papel importante a nível popular, o que Roa faz é colocar essa língua indígena em outro patamar, igualando-a a língua do colonizador e transformando-a em grande símbolo nacional, diferenciando-a dos outros países que faziam parte do Império Espanhol. A língua guarani é, dessa forma, elemento e expressão simbólica da nação, do que é ser paraguaio.

Em termos de diferenciação vale também a ideia na Bolívia da importância mítica de línguas muito específicas da região e com histórias que remetem aos grandes impérios pré-colombianos. No caso do autor boliviano, as línguas aimará e quéchua não possuem o mesmo patamar do castelhano, mas ele faz questão de mostrar dentre seus personagens uma população andina de origem indígena que possui o aimará ou o quéchua como língua primária. Para Céspedes, essas línguas não deveriam ser abandonadas, mas acredita em um caráter civilizatório e agregador do castelhano. O castelhano então uniria, enquanto as duas línguas indígenas diferenciariam a nação Boliviana das outras nações, sendo um elemento originário muito específico. Marco Antonio Pamplona faz uma análise que muito nos interessa sobre isso:

A língua como tal tem um papel de integração bastante eficiente. Diferenças regionais, sociais, raciais e outras certamente continuam a existir, e se expressam nos diferentes modos de se falar uma dada língua nacional. Entretanto, essa discrepância e esse choque diários entre "línguas étnicas e raciais" não apresentam contradição no que diz respeito à instituição de uma língua nacional, mas são, outrossim, complementares a ela.³⁸⁸

A noção de raça, dentre esses aspectos, pode ser considerada a mais importante. Além da importância das origens culturais, as origens raciais são fundamentais para dar sentido a existência da comunidade nacional. Ela se estabelece, assim como as outras, tomando como base princípios que incluem determinados componentes e que excluem outros. No caso de Roa Bastos, dentro de um país fortemente mestiço, a noção de componente racial dessa mestiçagem se baseia em só uma mistura, a do colonizador espanhol com a indígena de origem

³⁸⁸ PAMPLONA, Marco A. op.cit., p.10.

guarani. Nessa escolha, outras mestiçagens são excluídas, inclusive a da comunidade negra paraguaia e a de outros grupos indígenas. Em Céspedes, é perceptível uma origem menos homogênea do que no autor paraguaio, mas mesmo assim, como falado anteriormente, esse caldo racial que forma o mestiço boliviano, o verdadeiro sujeito nacional, possui somente três componentes: a raiz espanhola, a raiz aimará e a raiz quéchua. Tanto o Paraguai de Roa quanto a Bolívia de Céspedes tiraram proveito de uma forte herança pré-colonial se comparado com outras nações, como a Argentina, por exemplo. Os mitos, as línguas e as identidades étnicas de origem indígena sustentavam uma suposta homogeneidade que estaria nas raízes da formação nacional, dando sentido a sua existência no presente e no futuro.

Alguns personagens na narrativa dos autores são exemplares. Como um dos objetivos de Roa é mostrar uma nação popular, narrando a história paraguaia pelo viés da cultura popular, Macario, a figura mítica do início do romance, o mendigo à beira da morte, é um representante da sabedoria popular, aquele que guarda a memória popular e o transmite, obviamente de maneira oral em guarani. Macario é um esquecido do Estado, mas não da nação. Seu papel é de ser o transmissor dos mitos históricos paraguaios, fundamental na experiência de construção dessas crianças enquanto sujeitos nacionais do futuro. Ele é mais uma das figuras fundamentais que cruzam passado, presente e futuro na narrativa de *Hijo de Hombre*. O mesmo vale para Céspedes, que dá importância fundamental a personagens como o simples Poñé, como já mostrado no primeiro capítulo, um dos grandes personagens-símbolos da bolivianidade. A presença desses personagens indígenas, populares e analfabetos como símbolos nacionais representa uma virada na concepção de sujeito nacional. Heather Thiessen-Reily explica como anteriormente se ignorava o papel desses sujeitos no caso boliviano, o que também é válido no caso paraguaio:

A recusa a imaginar as classes analfabetas como participantes ativas no projeto de construção nacional é um equívoco antigo na política e na história boliviana, já que a elite crioula constantemente descartou o papel das massas na conceituação da nação em suas noções de cidadania e participação política.³⁸⁹

Se historicamente a elite, tanto paraguaia como boliviana, apresentou a população indígena ou de origem indígena como obstáculos que deveriam ser

³⁸⁹ THIESSEN-REILY, H. O nacionalismo caudilhista na Bolívia. In: DOYLE, Don H.; PAMPLONA, Marco A. *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação dos Estados-nação no século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.365.

ignorados, modificados ou removidos, Céspedes e Roa Bastos estabelecem uma visão contrária, já que consideram como fundamentais esses sujeitos na concepção de nação que criam. Não podemos desconsiderar a importância da guerra para tais concepções. A guerra é capaz de promover uma mudança no conteúdo cultural da nação, se estabelecendo enquanto marco fundamental de reinterpretação da nação, inclusive na concepção de sujeito nacional. A participação de homens e mulheres vindos das mais esquecidas regiões da nação, pertencentes a classes e grupos étnicos distintos, obriga e permite aos intelectuais e também ao Estado, uma reconfiguração dos símbolos, mitos e da própria cidadania do país. Especialmente quando essa guerra abala as estruturas nacionais de tal forma que permita ou pelo menos facilite o surgimento de grupos e indivíduos antes relegados, como no caso da Guerra do Chaco.

Por serem nações onde a tragédia e as guerras foram uma constante, fica muito claro identificar essa base histórica como essencial nos parâmetros culturais presentes na ideia de nação dos autores estudados. Se para o Estado, no caso boliviano, a concepção de cidadania só muda com a Revolução de 1952, ela já é repensada antes, sendo Céspedes um dos principais ideólogos dessa nova concepção, já presente em *Sangre de Mestizos*. Seu objetivo, assim como de outros intelectuais que posteriormente criaram o *Movimiento Nacional Revolucionario*, era de combater as anteriores divisões na etnicidade e na classe que dificultavam a criação da nação, dessa maneira temos em Céspedes o início de um nacionalismo homogeneizante e não excludente, baseado na figura do *mestizo*. Sue Angélica Iamamoto explica que:

Mas a ausência de uma sociedade nacional homogênea culturalmente não significa que tal homogeneidade não pudesse figurar como um ideal político poderoso no país. Efetivamente, o projeto “mestiço” do nacionalismo revolucionário de meados do século XX pode ser considerado a expressão histórica desta força homogeneizadora modernizante.³⁹⁰

No caso paraguaio, a crença de que todos os paraguaios são indígenas pelo fato de grande parte utilizar o guarani como língua de fato está presente no imaginário coletivo.³⁹¹ Se antes da guerra havia uma dificuldade em colocar o

³⁹⁰ IAMAMOTO, S. A. S. *O nacionalismo boliviano em tempos de plurinacionalidade: Revoltas antineoliberais e constituinte (2000-2009)*. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, p.20.

³⁹¹ VYSOKOLÁN, Oleg. Nación, etnicidad y derechos de ciudadanía en el Paraguay. *Actual*, Bogotá, n.51, 2002, p.345.

guarani como símbolo pátrio no mesmo patamar que o castelhano, após a guerra isso se modificou. Ao mesmo tempo se ignoravam as outras etnias indígenas e suas línguas na constituição do que era ser paraguaio. Roa Bastos continuou por desprezar essas outras possíveis origens paraguaias nestas diferentes etnias.

Uma parte importante dessa etnicidade está exatamente no que Anderson chama de profunda camaradagem horizontal. Reconhecer o espírito de sacrifício e os atos heroicos realizados pelos membros da nação é fundamental para manter conectado passado, presente e futuro. Nada melhor do que as narrativas sobre uma trágica guerra para também falar sobre esses sacrifícios, sobre a abnegação heroica de alguns personagens que são entendidos como símbolos da própria nação. Já falamos dos exemplos de Roa Bastos com os personagens Saluí e Cristóbal Jara, e a importância de seus atos trágicos, porém heroicos, para salvar outros membros da nação, dessa nova nação possibilitada pela guerra. Tantos outros casos podem ser vistos na narrativa de Céspedes. Os heroicos mestiços não morrem em vão, afinal, como no caso do poço, seu sacrifício é recompensado pela fundação de uma nova nação que não exclua seus semelhantes. Os sacrifícios dos personagens, tanto em um livro quanto em outro, somente são válidos se aqueles personagens transcendem a morte física para se tornarem parte de um corpo abstrato contido nas memórias e exemplos para as suas nações.

A ideia de que o Paraguai se constrói sobre os mortos e que a resistência popular surge daí é muito forte em Roa Bastos. Sua narrativa se baseia, nesse caso, não na forma épica de se tornar herói, mas por meio da tragédia e sacrifício enfrentados pelos paraguaios através de sua história. Os mortos no *yerbal*, os mortos da Guerra Grande, e por fim os mortos no Chaco, não se estabelecem entre heróis que buscam ser heróis, só são heróis graças a sua abnegação heroica em favor de seus próximos. Morrer, mas não pelas elites governamentais e pelos interesses econômicos. Morrer sim, para salvar um grupo perdido no Chaco, no caso de *Hijo de Hombre*, morrer para encontrar água para si e para seu grupo, no caso de *Sangre de Mestizos*, pelos seus iguais, pelos de fato representantes da nação.

O personagem e narrador principal de *Hijo de Hombre* é Miguel Vera, um traidor da pátria que só consegue servir a mesma a partir da possibilidade de que sua narrativa se estabeleça enquanto exemplo para as próximas gerações. A sua morte é social, enquanto a do herói é somente física, já que esses sim manterão sua presença nas recordações da nação. Nem todos os personagens viram heróis

exemplares em Roa Bastos e nem mesmo em Céspedes, só aqueles que foram forjados em suas narrativas para seu destino trágico. A maneira em que se sacrificam, e, portanto, transcendem a morte, projetam imagens de uma originalidade enquanto povo, já que os sacrifícios não são iguais entre uma nação e outra. Anthony Smith explica que:

*Mediante estas moralejas y los ejemplos particulares, el recuerdo de los muertos heroicos puede inspirar a los vivos a ser dignos de sus antepasados y crear un futuro tan glorioso como su pasado en su propia tierra. Esta inspiración para la acción colectiva de una comunidad particular de ciudadanos está en la médula de una "identidad nacional", tanto en los planos colectivo como individual; porque se nutre y a la vez da forma a la "identidad de una nación" como comunidad-cultura de historia y destino, y al mismo tiempo a la "identificación con una nación" de cada miembro individual que tiene un sentido de conexión y de continuidad con su pasado y con sus ancestros. De esta manera, los muertos proporcionan a los vivos y a los que aún no han nacido las moralejas públicas que pueden orientar sus vidas y conformar el destino de su comunidad.*³⁹²

De fato, notamos que tanto Céspedes quanto Roa Bastos tem como objetivo mostrar e transformar esses mortos em fonte de inspiração para as próximas gerações. Mesmo que sejam personagens de ficção, esses que se sacrificaram por sua comunidade poderiam ter sido reais, e são espelhos de fatos que sem dúvida podem ter existidos no mundo real, afinal de contas os melhores exemplos são aqueles que parecem verdadeiros por virem de homens e mulheres comuns.³⁹³

Diferentemente dessa concepção de Smith, onde esses heróis seriam exemplares na criação de um futuro tão glorioso quanto o passado, para os autores esses heróis seriam na verdade exemplares não de glória do passado, apesar se seus sacrifícios pela comunidade, mas sim como exemplos para que o futuro crie algo novo e não uma continuação de uma história trágica e de um destino adverso, para que, como em Roa Bastos, o ciclo seja quebrado. Não existe glória em suas mortes, mas seus exemplos, e o entendimento de que tiveram que se sacrificar graças a uma elite antinacional, geraria a criação de uma nação reconstruída que seja de fato nação e que abarque os sujeitos nacionais como um todo, sem exclusões, sem interesses individuais, sem sacrifícios injustificáveis. Nas palavras do próprio Roa Bastos: “*Una sola vez muere el individuo; un pueblo renace muchas veces.*”³⁹⁴

³⁹² SMITH, Anthony D. op.cit., 1998, p.74.

³⁹³ Ibid., p.76.

³⁹⁴ROA BASTOS, Augusto. Los exilios del escritor en el paraguay. *Nueva sociedad*, v.35, 1978, p.36.

Conclusão

Este trabalho de pesquisa buscou analisar de maneira atenta duas das mais importantes obras de literatura de dois dos mais importantes escritores de seus respectivos países. Ler Roa Bastos e Céspedes permitiu-nos adentrar mais profundamente na história de uma Guerra e de dois países que já nos acompanha desde a graduação. Além do interesse analítico que nos motivou na leitura de *Sangre de Mestizos* e *Hijo de Hombre*, não podemos deixar de relatar o prazer que foi poder mergulhar nessas ficções históricas tão bem construídas pelos autores. Acreditamos que o prazer do pesquisador na leitura e análise de suas fontes é fundamental no desgastante e muitas vezes monótono processo de pesquisa. Assim foi poder ter como fontes Roa Bastos e Céspedes, o que nos desperta ainda mais vontade de poder conhecer todas as obras dos autores e inclusive de outros conterrâneos que escreveram sobre temáticas semelhantes. A seguir buscamos revisar os principais pontos analisados durante a dissertação e procurar verificar se os objetivos e hipóteses previamente propostos foram alcançados.

No projeto de nação e em sua narrativa sobre a nação, Céspedes aponta o mestiço como ser social privilegiado, no qual a nação se conforma. O mestiço é, portanto, o sujeito da Guerra do Chaco e da própria nação. Ele é o elemento capaz de homogeneizar uma sociedade tão plural quanto a boliviana. Se em Céspedes esse sujeito nacional é tomado com base em questões mais étnicas e raciais, em Roa Bastos o que se privilegia em termos de conformação do sujeito paraguaio é mais a questão de classe. O sujeito nacional paraguaio é em Roa Bastos também um mestiço, mas um mestiço formado por duas vertentes: o branco europeu e o indígena guarani. Se comparado com o mestiço de Roa Bastos, o de Céspedes é mais heterogêneo, pois além da figura do branco europeu em sua formação, se privilegia os dois maiores grupos indígenas presentes no território: os aimarás e os quéchuas. Mas em Roa Bastos a maior importância se dá na identificação desses sujeitos nacionais privilegiados enquanto camponeses que lutam contra a opressão, os marginalizados pela História paraguaia e pelo Estado.

Alguns elementos são fundamentais na concepção de nação pelos autores. No caso de Céspedes, vemos uma importância dada a raiz indígena, tomando posições baseadas em *Raza de Bronce* de Alcides Arguedas e *Creación de la pedagogia*

nacional de Franz Tamayo, especialmente no sentido de interpretar a importância da problemática indígena na concepção de nação. *Sangre de Mestizos* pode ser considerado, portanto, o ponta pé inicial da ideologia do nacionalismo revolucionário que tomaria forma nos anos seguintes e que seria base para a Revolução de 1952 na Bolívia. Tanto em Céspedes quanto em Roa Bastos as tradições indígenas são de grande importância na formação do sujeito nacional, apesar de criticarem a maneira como os próprios indígenas ainda são postos em termos de inferioridade, especialmente por ainda não participarem de elementos fundamentais da cultura enxergada como nacional, entre eles a religiosidade e a língua. A língua é um dos elos de ligação para ambos autores no projeto de nação que imaginam. Se para Céspedes as línguas indígenas tradicionais, no caso o aimará e o quéchua são importantes na sociedade boliviana, é o castelhano que aparece enquanto ponto de ligação dentro dessa sociedade heterogênea. É o castelhano, e o seu conhecimento por todas da nação, que serve como um dos elementos homogeneizadores nessa nação em potencial, por isso para Céspedes é tão importante que esses sujeitos nacionais bolivianos não deixem de falar as línguas indígenas, mas que saibam também falar perfeitamente o castelhano. Já no caso de Roa Bastos esse elemento agregador está na língua guarani. O guarani se estabelece enquanto elemento agregador internamente e diferenciador externamente, pois a condição de bilinguismo paraguaia é única entre os países que haviam sido colônia espanhola. Considerando a língua e os elementos que fazem parte da etnicidade, inclusive a origem mítica da nação, não podemos deixar de apontar que em ambos os casos os autores priorizaram alguns grupos em detrimento de outros. Enquanto Roa Bastos busca homogeneizar seu sujeito nacional através da raiz rural guarani, deixando de lado outras culturas e etnias que existiam no território nacional, Céspedes busca uma homogeneidade através da mestiçagem racial e cultural, dando importância aos aspectos trazidos pelo colonizador, como a língua, e para a raiz cultural aimará e quéchua dentro de uma pluralidade de culturas que se encontram em território boliviano.

O Chaco foi objeto de reflexão sobre vários aspectos nas narrativas analisadas, uma tela de projeção da nação para esses autores, um protagonista na narrativa e um símbolo maior das injustiças e da opressão sofrida pela população. Considerando a paisagem e o território, é possível verificar que para Céspedes o Chaco não é parte da Bolívia, enquanto os Andes, os Llanos e a região amazônica

se colocam enquanto território boliviano e expressões visuais da nação. No caso de Roa Bastos, o autor não deixa de mostrar o Chaco como um local difícil, mas ao mesmo tempo entende essa região enquanto parte do território paraguaio. As dificuldades vivenciadas no Chaco, para o autor paraguaio, estavam mais vinculadas com a culpabilidade do Estado paraguaio e dos que faziam parte da elite que o controlava do que do Chaco enquanto inimigo, ou seja, o Chaco só foi um componente de enormes dificuldades para os paraguaios por conta de uma guerra que não deveria existir causada pelos elementos antipatriotas que faziam parte da nação naquele momento. Para Céspedes, o Chaco seria incivilizável, e como não fazia parte do território da nação isso pouco importaria se não fosse o conflito ao qual foram obrigados a participar por conta de interesses antinacionais e pelos erros estratégicos e abandono que sofreram pelo Estado Boliviano comandado por uma oligarquia antinacional.

O tom denunciatório de ambos os textos são, como visto, fundamentais para entender os projetos de nação dos autores, especialmente se considerarmos que essas denúncias, sejam apontando os culpados pela guerra, a opressão vivida por grande parte da população ou a exclusão de elementos dessa nação, diziam respeito ao que os projetos de nação não deveriam mais conter, sendo assim, a guerra, e as críticas sobre ela e sobre outros aspectos dessas sociedades, buscavam criar a base para algo novo que fosse verdadeiramente uma nação no entendimento de Céspedes e Roa Bastos. As representações da guerra feitas pelos dois autores são capazes de demonstrar a postura dos mesmos quanto ao conflito, identificado por ambos como uma guerra em que o país vizinho e os seus soldados não eram os inimigos, mas que causou sofrimento e dor por culpa de seus próprios governos e dos grupos que detinham o poder. Consideramos então que a narrativa contida em *Sangre de Mestizos* e *Hijo de Hombre* é anti-imperialista e antioligárquica, demonstrando uma preocupação muito grande em criar uma nova nação que tenha como um dos seus aspectos definidores essas características pautadas durante toda a narrativa.

A Guerra do Chaco seria um evento chave para compreender as mudanças sociais, políticas e culturais na história da Bolívia e Paraguai da década de 30 até os dias atuais. As fontes selecionadas foram capazes de dar um panorama das diferenças e semelhanças dessas duas realidades representadas em ambos os textos. A Guerra no Chaco define, portanto, as últimas fronteiras físicas de ambos Estados-nacionais, mas também as fronteiras imaginárias do projeto de nação dos escritores,

tendo papel fundamental na maneira como a nação é imaginada por eles. O Chaco, enquanto lugar de encontro, possibilitou para Céspedes a definição e a formação do sujeito nacional, enquanto para Roa Bastos o Chaco foi um estado limite dentre os vários momentos de opressão vivenciados pelos sujeitos nacionais paraguaios. Contar sobre essa tragédia poderia servir como um guia para que os paraguaios tomassem conhecimento de sua opressão e saíssem de uma vez por todas do que Roa Bastos acreditava que fosse um ciclo histórico de opressões e revoltas. Podemos identificar que o fato dos autores terem testemunhado momentos de violência extrema foi importante para a forma como escreveram seus textos e como pensaram suas nações. O que aconteceu no Chaco, e principalmente narrar o que aconteceu, faria parte de uma redenção dos sujeitos marginalizados a partir da qual eles renasceriam enquanto sujeitos nacionais, modificando-se não só enquanto indivíduos, mas principalmente enquanto coletividade.

Mesmo com as hipóteses levantadas, a pesquisa sobre tal temática obviamente não se encerra aqui. Para o futuro seria interessante estudar toda a literatura desses dois escritores, o que nos permitiria verificar se ressignificações e transformações se realizaram no pensamento de ambos sobre a ideia de nação que buscaram narrar. Além disso, seria interessante poder analisar outras obras de literatura dos dois países que foram escritas no mesmo período e que tenham a Guerra do Chaco como pano de fundo. Uma comparação entre autores do mesmo país permitiria outras importantes indagações sobre a ideia de nação formulada em cada um e a importância da Guerra em cada uma delas. Tais pesquisas, assim como a realizada nessa dissertação, podem enriquecer nosso conhecimento sobre a história contemporânea de dois dos nossos países vizinhos.

A Guerra do Chaco, enquanto temática de pesquisa no Brasil, é ainda muito escassa, e a literatura de Roa Bastos e, principalmente de Céspedes, são menos ainda conhecidas e estudadas no Brasil. De fato, considerando o campo da historiografia sobre a América Latina no Brasil, vemos que Bolívia e Paraguai são países de pequena abrangência na academia, considerando os mais diversos tipos de análise possíveis. Nosso trabalho é, portanto, além de uma escolha pessoal, uma escolha de caráter político. Estudar intelectuais que ainda estão em um patamar inferior se comparados a outros estudados e lidos no país, nascidos em dois dos países mais pobres da América do Sul, visa contribuir, mesmo sabendo das limitações e da pequena parte que isso representa, para que questionamentos surjam

e para que mais pesquisas possam dar sua contribuição para a historiografia brasileira no que se refere a tais possibilidades de estudo.

Referências bibliográficas

6.1

Fontes Primárias

CÉSPEDES, Augusto. **Sangre de Mestizos**. Barcelona: Editorial Juventud, 13ª ed., 1983 (c.1936).

ROA BASTOS, Augusto. **Hijo de Hombre**. La Paz: Editorial Argos Vergara, Col. Libros DB, 1ª ed., 1979 (c.1960).

ROA BASTOS, Augusto. **Los exilios del escritor en el Paraguay**. *Nueva sociedad*, v.35, 1978, p.29-35.

6.2

Bibliografia Geral

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ANDRADE, E. O. **A Revolução Boliviana**. São Paulo: Unesp, 1ª ed., v.1, 2007.

ANTEZANA, Luis H. J. **Ensayos escogidos 1976-2010**. La Paz: Plural, 2011.

ARANA, Oswaldo. El hombre en la novela de la Guerra del Chaco. **Journal of Inter-American Studies**, Miami, v.6, n.3, 1964, p. 347-365. Disponível em< <http://www.jstor.org/stable/164911>> Acesso em: 04/03/2017

ARGUEDAS, Alcides. **Pueblo enfermo**. Santiago de Chile: Ercilla, 1937, (c.1909).

ARZE, Guido. “La Guerra del Chaco y la radicalización política como génesis de la novela revolucionaria”. In: **La Novela Revolucionaria. Contribución a la Crítica**. Indiana: Xlibris, 2008.

_____. “La novela y la Guerra del Chaco.” In: **La Novela Revolucionaria. Contribución a la Crítica**. Indiana: Xlibris, 2008.

_____. “Pueblo enfermo o la aporia del ‘pueblo enfermo’”. In: **La Novela Revolucionaria. Contribución a la Crítica**. Indiana: Xlibris, 2008.

BANDEIRA, L. A. Moniz. A Guerra do Chaco. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v.41, n.1, 1998, p.162-197. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v41n1/v41n1a08.pdf>> Acesso em: 10/06/2016

BAREIRO SAGUIER, Rubén. Expresiones en guarani y paraguayismos en Hijo de hombre. In: **América: Cahiers du CRICCAL**, n.14, 1994, p.87-93.

BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: a América Latina após 1930. Estado e política**. São Paulo: EDUSP, v.7, 2005.

BORGES, Valdeci R. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, Ano 1, n.3, jun. 2010, p.94-109. Disponível em:<http://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf> Acesso em: 02/08/2015

BREITHOFF, Esther. Fortín Boquerón: A Conflict Landscape Past and Present. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v.26, n.38, 2013, p.65-84.

BRITTO, M. C.; FERREIRA, C. C. M. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. **Revista Geografia**, v.2, n.1, 2011, p.1-10.

BULMER-THOMAS, Victor. **The economic history of Latin America since independence**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CABALLERO, Pedro Ramón. La Guerra del Chaco como temática en la novela Hijo de Hombre de Augusto Roa Bastos. **Mitologías hoy**, v. 16, 2017, p. 81-91.

CALVO, Roberto Querejazu. **La Guerra Del Chaco**. La Paz: Grupo Líder, 2006.

CAPDEVILA, Luc. La Guerra de la Triple Alianza (1865-1870) y la Guerra del Chaco (1932-1935). Dos guerras internacionales en un marco colonial. **Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana**, v. 5, n. 1, 2015.

CARVALHO, Estevão Leitão de. **A Paz do Chaco como foi efetuada no campo de Batalha**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

CÉSPEDES, Augusto. **Crónicas Heroicas de una Guerra Estupida**. La Paz: Editorial Juventud, 1975.

CHIAVENATO, Julio José. **A Guerra do Chaco (leia-se petróleo)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHESTERTON, Bridget María. **The Grandchildren of Solano López. Frontier and Nation in Paraguay, 1904-1936**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2013.

CHOQUE CANQUI, R. Nacionalismo boliviano. In: CAJÍAS, Dora; CAJÍAS, Magdalena; JONSON, Carmen; VILLEGAS, Iris (Org.), **Visiones de fin de siglo. Bolivia y América Latina en el siglo XX**, La Paz: IFEA-Coordinadora de Historia-Embajada de España en Bolivia, 2001.

CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom (Orgs.). **Literatura e guerra**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSTA, Jean. Carlo de C. Teoria social e etnicidade: uma interpretação hermenêutica das noções de nação e raça na contemporaneidade. **Fragments de Cultura** (Goiânia), v.17, 2007, p.1021-1046.

_____. A modernidade e o problema nacional: Hermenêutica histórica das noções de ‘nação’, ‘etnia’ e ‘raça’ na teoria social clássica e contemporânea. **Revista ANTHROPOLOGICAS**, v.17, n. 2, 2011, p.7-41.

COTE, Stephen Conrad. A war for oil in the Chaco 1932-1935. **Environmental History**, v.18, n.4, 2013, p.738-758.

CURTO, Diogo; JERÓNIMO, Miguel; DOMINGOS, Nuno. Nações e nacionalismos (a teoria, a história, a moral). **Tempo social**, 2012, v.24, n.2, p.33-58.

D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (Orgs.). **Democracia e Forças armadas no Cone Sul**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

DE LEÓN, Olver G. **Literaturas ibéricas y latinoamericanas contemporaneas: una introducción**. 1ª ed. Paris: Editions Ophrys, 1981.

DE SOUZA, José Carlos. **O Estado e a Sociedade no Paraguai durante o governo do Partido Liberal (1904-1935)**. Assis, 2006. 325p. Tese (doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

DÍAZ GUEVARA, Fabiola. **La configuración del espacio y tiempo en hijo de hombre, Augusto Roa Bastos**. Quito, 2013. 228p. Dissertação (mestrado) – Facultad de Comunicación, Lingüística y Literatura, Pontificia Universidad Católica del Ecuador.

DORATIOTO, Francisco. As políticas da Argentina e do Brasil em relação à disputa boliviano-paraguaia pelo Chaco, 1926-1936. In: FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. **A visão do outro: seminário Brasil-Argentina**. Brasília: FUNAG, 2000, p. 446-458.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOYLE, Don H.; PAMPLONA, Marco A. Introdução: americanizando a conversa sobre o nacionalismo. In: **Nacionalismo no novo mundo: a formação de estados-nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

FERNANDES, Eurico da Silva. A **“invenção” do Paraguai**: história, projetos e intelectuais na construção da nação paraguaia (1870-1935). Maringá, 2006. 218p. Dissertação (mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá.

FERREIRA, Stael Moura da Paixão. **Literatura e identidade nacional: representações culturais, étnicas e linguísticas na fronteira Brasil-Bolívia**. Corumbá, 2013. 136p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

FRANCOVICH, Guillermo. **Os mitos profundos da Bolívia**. Brasília: Funag/IPRI, 2005.

FREIRE, Eduardo Maganha. **Bolívia**: Crise de coesão territorial no coração da América do Sul. São Paulo, 2008. 116p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GARCÉS, Eduardo K. Identidad, mestizaje, hibridación: sus usos ambiguos. Quito: **Revista PROPOSICIONES**, v.34, 2002.

GÓMEZ, Facundo. Roa Bastos y Céspedes: dos escrituras desde las trincheras de la Guerra del Chaco. **II Jornadas de Jóvenes Investigadores en Literaturas y Artes Comparadas**, Buenos Aires, 2011, p.1-14. Disponível em: <https://www.academia.edu/8169778/Roa_Bastos_y_C%C3%A9spedes_dos_escrituras_desde_las_trincheras_de_la_Guerra_del_Chaco> Acesso em: 02/11/2017

GOMEZ, G. E. B. **La orquesta Jazz: entre vanguardia y cosmopolitismo cholo, La Paz 1925-1945**. La Paz, 2015. 229p. Monografia (Graduação em História) - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Mayor de San Andrés.

GIACON, Giane Maria. **O Paraguai de Roa Bastos**: história e crítica social. Assis, 2013. 140 p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93352>> Acesso em: 05/06/2018

GUEVARA-ORDÓÑEZ, Nadia S. Discurso, historia y construcción nacional en Bolivia. **Papel Político**, Bogotá, v.15, n.1, 2010, p.235-254. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/papel/v15n1/v15n1a09>> Acesso em: 23/08/2015

HOBBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos**. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

IAMAMOTO, S. A. S. **O nacionalismo boliviano em tempos de plurinacionalidade: Revoltas antineoliberais e constituinte (2000-2009)**. São

Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo.

JIMÉNEZ, Domingo Antonio Hernández. El escenario en la novela Hijo de hombre. **Anales de filología hispánica**. v.3, 1987, p.121-132.

KLEIN, Herbert S. **História da Bolívia**. Brasília: Editora UNB, 2016.

KYEONG, Min Lee. El poder de resistencia de la cultura popular dentro del Estado, en Hijo de hombre de Roa Bastos. **Espéculo: Revista de Estudios Literarios**, n. 29, 2005.

LEWIS, Paul H. Paraguay. Paraguay, de la Guerra de la Triple Alianza a la Guerra del Chaco, 1870-1932. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina**. Barcelona: Editorial Crítica, v.15, p.187-215, 2002.

LIMA, Damaris Pereira Santana. A História do Paraguai através da ficção de Roa Bastos na trilogia do monoteísmo do poder. **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**, v.7, n.14, 2015.

LORINI, Irma. **El nacionalismo en Bolivia de la pre y posguerra del Chaco (1910-1945)**. La Paz: Plural Editores, 2006.

MANSILLA, H. C. F. La Revolución Nacional de 1952 en Bolivia: un balance crítico. **Temas Sociales**, La Paz, n.24, 2003, p.101-113. Disponível em: <http://www.revistasbolivianas.org.bo/scielo.php?pid=S1234-43212003000100007&script=sci_arttext> Acesso em: 20/12/2016

MAZZOLENI, Gilberto. **O planeta cultural: para uma antropologia histórica**. Trad. Liliana Laganá e Hylio Laganá Fernandes. São Paulo: EDUSP, 1992.

MONTAÑÉS, Amanda Perez. **Vozes do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba**. Florianópolis, 2006. 204p. Tese (Doutorado) - Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

MONTENEGRO, Patricia G. Symbolism of the Shadows in Son of Man. **Cultural and Religious Studies**. July-Aug., v.3, n.4, 2015, p.185-200.

MOREIRA, Luis Felipe Viel. Historiadores e atores políticos: a historiografia paraguaia na era liberal (1904-1936). **Anais do V Encontro da ANPHLAC** (Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-americana e caribenha). Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/luiz_felipe.pdf> Acesso em: 20/05/2017

MOROSINO, Juliana Terra; OURIQUE, João Luis Pereira. O Paraguai de meados do século XX e as feridas da violência na narrativa curta de Augusto Roa Bastos. **Literatura e Autoritarismo**, n.22, 2013, p. 79-88.

MOTYL, Alexander J. *Inventing invention: the limits of national identity formation*. In: SUNY, Ronald Grigor; KENNEDY, Michael D. (Ed.) **Intellectuals and the Articulation of the Nation**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.

NETTO, José Paulo. **A rosca boliviana, dois modos de conhecer a sua história**. Blog da Boitempo. Publicado em: 14/12/2015. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/12/14/a-rosca-boliviana-dois-modos-de-conhecer-a-sua-historia>> Acesso em: 05/06/2018

NOGUÉS, Joan. **Nacionalismo y territorio**. Lleida: Editorial Milenio, 1998.

OLIVER, Eileen. Chaco Literature. In: SMITH, Verity (Ed.). **Concise encyclopedia of Latin American Literature**. Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, 2014.

PABÓN, Leonardo García. **La patria íntima: Alegorías nacionales en la literatura y el cine de Bolivia**. La Paz: Plural editores, 1998.

PAMPLONA, Marco A. Ambigüidades do pensamento latino-americano: intelectuais e a idéia de nação na Argentina e no Brasil. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 32, 2003, p.3-31.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Processo e desenvolvimento da revolução boliviana. **Lutas Sociais**, São Paulo, v.3, 1997, p.109-122. Disponível em:<www4.pucsp.br/neils/downloads/v3_artigo_pericas.pdf> Acesso em: 12/04/2017

PESAVENTO, Sandra J. Relação entre História e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX). **Revista anos 90**. Porto Alegre, n. 4, dez. 1995, p.115-127.

Disponível em:< <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6158>> Acesso em: 30/08/2015

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. História & Literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos Debates**, n.6, 2006. Disponível em:<<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>> Acesso em: 16/10/2015

PIÑEIRO IÑÍGUEZ, Carlos. **Desde el corazón de América. El pensamiento boliviano en el siglo XX**. La Paz: Plural Editores, 2004.

QUESADA, Alejandro. **The Chaco War 1932-1935**. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

QUIJADA, Mónica. Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina. Siglo XIX. **Revista de Indias**, v.60, n.219, 2000, p.373-394.

ROUQUIÉ, Alan. **América Latina. Introducción al Extremo Occidente**. Cidade do México: Ed. Siglo Veintiuno. 1ed., 1989.

SACCA, Zulma. El fulgor de los signos en la narrativa de Augusto Céspedes. **Nueva Revista de Filología Hispánica**, n.2, 2005, p.503-517.

SALINAS, Jorge Siles. **La literatura boliviana en la Guerra del Chaco 1932-1968**. La Paz: Plural, 2014.

SALINAS ARANDIA, Alex M. **El nuevo proyecto nacionalista de la literatura de la Guerra del Chaco en Bolivia**. Quito, 2002. 100p. Dissertação (Mestrado em Literatura latino-americana) – Universidad Andina Simón Bolívar.

Disponível em: <<http://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/2456/1/T0255-MEC-Salinas-El%20nuevo%20proyecto.pdf>> Acesso em: 29/03/2017

SANJINÉS, Javier. **El espejismo del mestizaje**. La Paz: Institut français d'études andines, 2005.

_____. Narrativas de identidad. De la nación mestiza a los recientes desplazamientos de la metáfora social en Bolivia. **Cuadernos de Literatura**, v.18, n.35, 2014, p.28-48.

SANTOS, Pedro H. Soares. O Paraguai na Guerra do Chaco (1932 -1935). **Revista Noctua**, Brasília, v.5, n.5, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/noctua/article/download/4491/5628>> Acesso em: 13/04/2016

SAUER, C. “A morfologia da paisagem”. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Eds). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998 (c.1925).

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SENA JÚNIOR, Gilberto F. Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da História. **Anais do VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura**, Sergipe, out. 2010. Disponível em:

<<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>>

Acesso em: 04/11/2015

SERRA, María Verónica. Bilingüismo y dualidad en Hijo de hombre de Augusto Roa Bastos. **Espéculo**, n.32, 2006.

SMITH, Anthony D. **A Identidade Nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

_____. Conmemorando a los muertos, inspirando a los vivos. Mapas, recuerdos y moralejas en la recreación de las identidades nacionales. **Revista Mexicana de Sociología**, v.60, n.1, 1998, p.61-80.

_____. **Myths and Memories of the Nation**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

_____. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, G (Org.) **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

SOLÉ ZAPATERO Francisco Xavier. “... ¡Y se los tragó el Chaco!”: El pozo, de Augusto Céspedes (metáfora de una “guerra estúpida” entre Bolivia y Paraguay)”, **Pacarina del Sur** [En línea], ano 3, n.12, julho-setembro, 2012. Disponível em: <<http://www.pacarinadelsur.com/home/oleajes/493-iy-se-los-trago-el-chaco-el-pozo>> Acesso em: 10/05/2018.

SOTOMAYOR, Walter Carlos Auad. Bolívia: do Estado-Nação ao estado plurinacional. **Pós-Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, v.13, n.1, 2014, p.136-146.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

TAMAYO, Franz. **Creación de la pedagogia nacional**. La Paz: Biblioteca del Sesquicentenario de la República, 1975 (c.1910).

TAPIA MEALLA, Luis. **La producción del conocimiento local. Historia y política en la obra de René Zavaleta**. La Paz: Muela del Diablo Editores, 2002.

THIESSEN-REILY, H. O nacionalismo caudilhista na Bolívia. In: DOYLE, Don H.; PAMPLONA, Marco A. (Org.). **Nacionalismo no Novo Mundo: a formação dos Estados-nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

THORP, Rosemary. Las economías Latinoamericanas, 1939-c. 1950. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina**. Barcelona: Editorial Crítica, v. 11, p. 47-82, 1997.

TORRACA, Mirta Mabel Escovar. **Imigração e Colonização Menonita no Processo de Legitimação do Chaco Paraguaio (1921-1935)**. Dourados, 2006. 154 p. Dissertação (Mestrado em História, Região e Identidades) – Universidade Federal da Grande Dourados.

VELARDE, José Fellmann. **Historia de la cultura boliviana: fundamentos socio-políticos**. Cochabamba: Editorial Los Amigos del Libro, 1976.

VERÓN, Luis. **La Guerra Del Chaco (1932-1935)**. Asunción: El Lector, 2010.

VYSOKOLÁN, Oleg. Nación, etnicidad y derechos de ciudadanía en el Paraguay. **Actual**, Bogotá, n.51, 2002, p.343-360.

WASSERMAN, Claudia. Percurso Intelectual e Historiográfico da Questão Nacional e Identitária na América Latina: as condições de produção e o processo de repercussão do conhecimento histórico. **Revista Anos 90**, Porto Alegre. n.18, dez., 2003, p.99-123.

WIETHÜCHTER, Blanca; PAZ-SOLDÁN, Alba María. **Hacia una historia crítica de la literatura en Bolivia: Hacia una geografía del imaginario**. La Paz: Fundación Pieb, 2002, Tomo I.

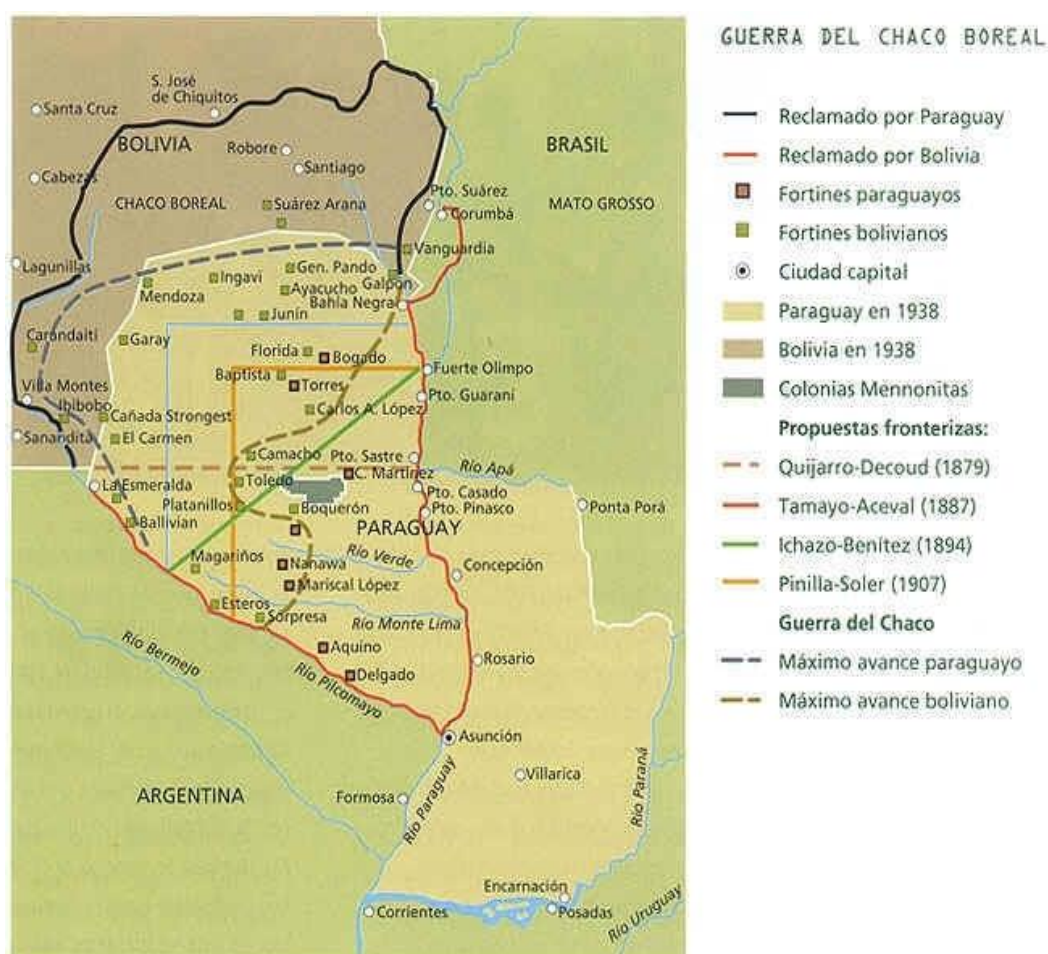
ZOKNER, Cecília Teixeira de Oliveira. Céspedes e Roa Bastos, duas visões da guerra do Chaco: unidade. **Revista Letras**, Curitiba, v.21, 1974, p.89-96.



- **Anexo 1**

O mapa acima retrata a região do Chaco Boreal em disputa durante a Guerra do Chaco, além das principais batalhas ocorridas entre 1932 e 1935.

Fonte: <http://www.lahistoriaconmapas.com/atlas/map-war/Bolivia-war-map.htm>



• Anexo 2

O mapa acima mostra a localização dos fortins de ambos os países, bem como o território reclamado por cada um deles. Ainda mostra o máximo avanço Chaco adentro de Paraguai e Bolívia e as várias propostas fronteiriças feitas durante o final do século XIX e começo do século XX.

Fonte: <http://resimyukle.us/gran-chaco-map/gran-chaco-map-gran-chaco-map-the-chaco-war-history-forum-all-empires-657-x-544-657-x-544-pixels/>